

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

COMPETITIVIDADE REGIONAL E GLOBALIZAÇÃO

SAMUEL RIBEIRO GIORDANO

Tese apresentada ao Departamento
de Geografia da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, para a
obtenção do título de Doutor em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Adélia Aparecida de Souza

SÃO PAULO

-1999-

Reitor da Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Jaques Marcovitch

Diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Prof Dr. Francis Henrik Aubert

Chefe do Departamento de Geografia

Prof. Dr. Ariovaldo Umbelino de Oliveira

*Para os meus três amores,
Debora Jane,
Giovanna Karla e Isabella Cristina,
dedico este trabalho.*

Índice

	PAG
RESUMO	
ABSTRACT	
Parte A	
Sistema Agroindustrial, Globalização e Competitividade : Teorias	1
Capítulo I O Sistema Agroindustrial da Soja	2
1 Conceitos de Sistema Agroindustrial	2
2 O Sistema Agroindustrial da Soja no Mundo	10
3 A Produção do Complexo Soja no Mundo	17
4 O Sistema Agroindustrial da Soja no Brasil	21
Capítulo II A Globalização e o Mercado Internacional	40
1 A Globalização e suas Teorias	40
2 O Mercado	60
3 Áreas excluídas do Mercado	62
4 O mercado Internacional	66
Capítulo III Conceitos de Competitividade Aplicada ao Agronegócio	73
1 As Teorias da Competitividade	73
2 A Competitividade em Porter	77
3 A Competitividade em JANK	85
4 A Competitividade em BEST	88
5 A Competitividade em FARINA & ZYLBERSZTAJN	93
6 A Competitividade em MÜLLER	94

Parte B

O Estudo Regional	99
Capítulo IV A Questão Regional e Globalização	101
1 Região: Revisitando Um Conceito	101
2 A Caracterização dos Cerrados	110
3 A Formação das Regiões Produtoras dos Cerrados Nordestinos	115
Capítulo V As Regiões de Balsas-Ma e Barreiras-Ba	133
1 Características Gerais da Região de Balsas	133
2 Características Gerais da Região de Barreiras	142
3 As Empresas Agroindustriais nos Cerrados Nordestinos	164
Capítulo VI Análise das Regiões de Balsas e Barreiras	173
1 A Competitividade Regional	173
2 A Comparação da Competitividade	186
3 Os Resultados da Análise Comparada	192
A Título de Conclusão	194
Bibliografia	197
Anexos	219
A) Questionário para levantamento de Campo efetuado em Balsas e Barreiras.	220
B) Entrevistados na Região de Balsas-MA	222
C) Entrevistados na Região de Barreiras-BA	223
D) Áreas de Expansão da Fronteira Agrícola Bahiana	224
E) Áreas de Expansão da Fronteira Agrícola Maranhense	225

LISTA DE TABELAS

TABELA	TÍTULO	PÁGINA
1	PRODUÇÃO MUNDIAL DE SOJA EM GRÃO: 1985-98	10
2	PRINCIPAIS EXPORTADORES MUNDIAIS DE SOJA GRÃO	12
3	PRODUÇÃO MUNDIAL DE ÓLEO DE SOJA: 1986-1998	17
4	SALDO COMERCIAL BRASILEIRO	27
5	RENDA BRUTA POR PRODUTOS NO BRASIL	29
6	PRINCIPAIS EMPRESAS EXPORTADORAS DE SOJA NO BRASIL	32
7	PRODUÇÃO DE SOJA : BRASIL E REGIÕES 1969-1998	34
8	DESEMPENHO RELATIVO DO BRASIL NA ECONOMIA MUNDIAL	68
9	PARTICIPAÇÃO DOS MANUFATURADOS NAS EXPORTAÇÕES TOTAIS	69
10	FUNDAMENTOS DA TEORIA NEOCLÁSSICA E DA TEORIA DA VANTAGEM COMPARATIVA	75
11	COMPARAÇÃO DOS PARADIGMAS COMPETITIVOS VELHO E NOVO	90
12	ÁREA CENTRO-ORIENTAL DO NORDESTE TEMPERATURAS MÉDIAS POR ESTAÇÃO METEOROLÓGICA	111
13	ÁREA PLANTADA COM SOJA - BRASIL, BAHIA E MARANHÃO-1985-1998	135
14	PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE MÉDIA DE SOJA BRASIL E MARANHÃO 1985-1998	136

TABELA	TÍTULO	PÁGINA
15	PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE MÉDIA DE SOJA BRASIL E BAHIA 1985-1998	147
16	CUSTO DE BARREIRAS (BA) A ROTERDÃ - ATUAL	160
17	BARREIRAS (BA) A ROTTERDAM - FUTURO (Alternativa "A")	160
18	BARREIRAS (BA) A ROTTERDAM - FUTURO (ALTERNATIVA "B")	161
19	CAPACIDADE DE ESMAGAMENTO <i>versus</i> PRODUÇÃO DE SOJA	165
20	CAPACIDADE INSTALADA DE ESMAGAMENTO, REFINO E ENLATAMENTO DE OLEAGINOSAS NO BRASIL	165
21	CARACTERÍSTICAS DA PLANTA PROCESSADORA DA SANTISTA EM BARREIRAS- BA	167
22	CARACTERÍSTICAS DA PLANTA PROCESSADORA DA CEVAL EM BARREIRAS- BA	169
23	PRODUÇÃO MUNDIAL DE SOJA EM GRÃO-1985-1997	176
24	PRODUÇÃO MUNDIAL DAS PRINCIPAIS OLEAGINOSAS	178
25	BARREIRAS TARIFÁRIAS EXISTENTES NO COMÉRCIO INTERNACIONAL DE SOJA E DERIVADOS	182
26	COMPARAÇÃO DA RECEITA LÍQUIDA NA EXPORTAÇÃO DE SOJA EM GRÃO EM 1997: Brasil, Estados Unidos e Argentina	184

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO	TÍTULO	PÁGINA
1	PRODUÇÃO MUNDIAL DE SOJA EM GRÃO: 1985-98	11
2	PRODUÇÃO MUNDIAL DE ÓLEO DE SOJA : 1985-1998	18
3	BALANÇO COMERCIAL BRASILEIRO	28
4	DESLOCAMENTO GEOGRÁFICO DA PRODUÇÃO DE SOJA	35
5	CRESCIMENTO DA PRODUTIVIDADE MÉDIA DA SOJA NO BRASIL	86
6	PREÇOS REAIS DO ÓLEO DE SOJA EM NÍVEL DE VAREJO NO BRASIL	117
7	EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE SOJA EM BALSAS-MA	137
8	EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE SOJA EM BARREIRAS-BA	148
9	ECONOMIAS DE ESCALA NA PRODUÇÃO DE SOJA NO CERRADO BRASILEIRO	153
10	PRODUÇÃO MUNDIAL DE SOJA EM GRÃO-1985-1997	177
11	PRODUÇÃO MUNDIAL DAS PRINCIPAIS OLEAGINOSAS	179
12	PRODUTIVIDADE AGRÍCOLA RELATIVA NA CULTURA DA SOJA (1967-96)	181

LISTA DE FLUXOGRAMAS

FLUXOGRAMA	TÍTULO	PÁGINA
1	MODELO DE SAG-SISTEMA AGROINDUSTRIAL	9
2	INDÚSTRIA DE ESMAGAMENTO E DERIVADOS DE ÓLEOS DE SOJA	13
3	DELIMITAÇÃO DO SAG-SISTEMA AGROINDUSTRIAL DA SOJA NO BRASIL	25
4	DETERMINANTES DA VANTAGEM NACIONAL	82
5	UM MAPA DA COMPETITIVIDADE	96

LISTA DE FIGURAS

FIGURA	TÍTULO	PÁGINA
1	ÁREAS DE CERRADOS NO BRASIL E AS REGIÕES DE FRONTEIRA AGRÍCOLA DE SOJA ESTUDADAS : BALSAS - ESTADO DO MARANHÃO E BARREIRA - ESTADO DA BAHIA	30
2	ÁREAS DE CERRADOS NORDESTINOS DENTRO DAS QUAIS INSEREM-SE OS LOCAIS APTOS AO PLANTIO DE SOJA	31
3	NOVO MAPA DA SOJA NO BRASIL	118
4	MAPA DA DENSIDADE POPULACIONAL BRASILEIRA	120
5	OCUPAÇÃO ECONÔMICA DO TERRITÓRIO BRASILEIRO	123
6	SISTEMA MULTIMODAL DE TRANSPORTES NO NORDESTE	140
7	QUADRO COMPARATIVO DA COMPETITIVIDADE REGIONAL	186
8	QUADRO DE RESULTADOS OBTIDOS DA COMPARAÇÃO	192

RESUMO

Esta tese discute as duas novas regiões brasileiras de fronteira agrícola, Balsas no Maranhão e Barreiras na Bahia, onde se produz soja.

A discussão se dá entorno da cultura da soja, agindo como vetor da formação sócio-espacial de novas regiões de produção agrícola.

As particularidades desta tese e o novo, estão no fato que a formação dessas duas regiões ocorre no período técnico-científico e informacional, inserindo-as no processo de globalização de forma competitiva. As duas regiões são competitivas, do ponto de vista da produção agrícola, pois tem tido a possibilidade de manter e aumentar sua produção de soja, tanto domesticamente quanto internacionalmente, melhorando cada vez mais sua performance técnica e econômica.

Essas hipóteses são provadas, além de se propor um sistema de comparação de competitividade inter-regional, baseado em critérios definidos, que possibilita graduar qual região é mais competitiva que a outra.

Palavras-Chave: competitividade - globalização - mundialização - geografia humana - região - competitividade regional - fronteiras agrícolas brasileiras - mercado internacional - soja - Balsas - Barreiras.

ABSTRACT

This thesis discusses two new Brazilian agricultural frontiers. These frontiers, where soy-bean is produced are: Balsas in Maranhão and Barreiras in Bahia.

The discussion takes place around the soy-bean crop, that acts as a vector of the socio-spatial formation of new crop producing regions.

The particularities of this thesis and the novelty rely on the fact that the formation of these two regions occurs in the technical-scientific period. These regions are inserted in the globalization process in a competitive way.

Both regions are competitive from the point of view of the crop production, as they have had the possibility to keep up with the production and even enhance it. The markets in which the product are sold are domestic and international, with a growing performance in the technical and economical fields.

These hypothesis are proved and besides that it is proposed a comparative inter-regional competitiveness system based on defined criteria, which permits define which region is more competitive.

Key-Words: competitiveness - globalization - human geography - region - region competitiveness - brazilian agricultural frontiers - international market - soy bean - Balsas - Barreiras.

APRESENTAÇÃO

Há muito tempo trabalho com as questões ligadas à economia agrícola, por conta de minha formação básica como Engenheiro Agrônomo graduado na Escola Superior de Agricultura Luís de Queirós da Universidade de São Paulo.

Realizei cursos de pós-graduação em Administração de Empresas e Economia no Brasil e no exterior, sem nunca ter fixado o foco dos meus interesses em nenhum assunto específico.

Creio que esse fato foi decorrente do meu perfil de profissional liberal, em cujas atividades sempre apareceram inúmeras demandas de trabalhos que variavam da produção de borracha no Brasil a projetos para recomposição ambiental em paisagens atingidas por obras civis.

Ao longo de mais de vinte e quatro anos de atuação profissional, trabalhei nas áreas de assistência técnica a produtores rurais, planejamento econômico, financiamento da produção, impacto ambiental e zoneamento agroecológico e, mais recentemente, nos últimos nove anos, fixei-me como pesquisador junto ao PENSA-Programa de Estudos e Negócios do Sistema Agroindustrial, um programa da Fundação Instituto de Administração da FEA-USP.

Com muita aplicação e dedicação, devido às oportunidades de trabalho que tive, pude conhecer todos os estados e territórios do Brasil, bem como quatro continentes do mundo. Este fato tem contribuído sobremaneira para alargar meus horizontes de conhecimentos, interesses e curiosidades aguçando o “geógrafo oculto” que vive dentro de mim.

O fato de estar trabalhando num programa da Universidade, envolvendo ensino, pesquisa e extensão arremessou-me para a vida integral na academia, permitindo-me realizar essas três atividades.

Tendo lecionado na Universidade Mackenzie por três anos junto ao Departamento de Economia, e na Universidade Federal de São Carlos junto ao Departamento de Engenharia da Produção e tendo atuado como pesquisador junto aos trabalhos de pesquisa e extensão do PENSA, senti a necessidade de buscar referenciais teóricos e metodológicos que pudessem dar mais consistência ao meu desenvolvimento acadêmico.

Procurei conhecer os *currricula* de vários cursos de pós-graduação e, finalmente, apoiado pela mão amiga do Prof. Dr. Jurandyr Sanches da Ross, que me apresentou à Profa. Dra. Maria Adélia Aparecida de Souza, descobri que o Curso de Pós Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo falava muito de perto aos meus anseios e interesses, mais próximos das ciências humanas.

Não posso negar que, ao lado desse fato, o curso atraiu-me pela sua excelência.

O interesse pessoal desta pesquisa surgiu do conjunto de trabalhos teóricos desenvolvidos pelos pesquisadores e professores do Departamento de Geografia da USP que estimularam minha curiosidade sobre o tema da globalização.

Esta motivação aumentou ainda mais, ao assistir aos trabalhos apresentados durante a realização, no Departamento de Geografia da USP, de um Encontro Internacional denominado “ O Novo Mapa do Mundo ” em 1993. A partir de então tentei pensar sobre problemas práticos e concretos ligados ao processo de globalização e à competitividade regional e enveredei pelas áreas novas de produção de soja, pelas fronteiras agrícolas. Tirando proveito da experiência de anos de pesquisa sobre sistemas agroindustriais iniciei o estudo do sistema agroindustrial da soja nessas regiões, como vetor da formação sócio-espacial nas regiões escolhidas para estudo.

Daí o interesse em estudá-las como geografias importantes e relevantes, lendo a Geografia como a descrição explicativa, dado comum a todas as ciências da natureza e do homem, SOUZA(1997:140).

Pratico hoje uma interdisciplinaridade profissional de fato. Isto é, a utilização de teorias e conceitos de outras disciplinas, neste caso da Geografia, para o avanço da pesquisa em Agribusiness. Essa especialidade, aliás, tem se utilizado de outras disciplinas igualmente importantes como a Economia, a Administração, a Engenharia de Produção, nas quais tenho tido igual prazer em compartilhar com meus colegas. Sinto-me bem como profissional interdisciplinar e pretendo continuar avançando nas pesquisas desta forma.

AGRADECIMENTOS E REFERÊNCIAS

Gostaria de consignar meus agradecimentos a inúmeras pessoas e Instituições, que de forma decisiva contribuíram para a realização desta pesquisa.

Agradeço à Profa. Maria Adélia Aparecida de Souza pela excelente orientação e abertura de caminhos novos para minha carreira profissional, inserindo-me nas questões globais.

Meu apreço especial aos professores do Departamento de Geografia que sempre me estimularam e me entusiasmaram a fazer esta pesquisa : Prof. Dr. Milton Santos, Prof. Dr. Jurandyr Sanches da Ross, Profa. Dra. Adyr Balastreire Rodrigues, Profa. Dra. Ana Maria Marangoni, Profa. Dra. Rosa Ester Rossini, Prof. Dr. Flavio Samarco Rosa, Prof. Dr. Antônio Carlos Robert de Moraes, Prof. Dr. Ariovaldo Umbelino da Silva e Prof. Dr. Armen Mamigonian.

A todos os colegas com os quais convivi no Laboplan por terem aceitado este "estrangeiro" em seu meio, especialmente, os colegas Ricardo Castillo, pela generosidade, Marcio Cataia, pelo coleguismo e Ana Elisa Pereira, pelo incentivo. Às secretarias do Departamento de Geografia, Ana Lúcia e Fumiko (in memorian) agradeço pela paciência.

Faço um agradecimento especial ao meu amigo e colega Prof. Dr. Decio Zylbersztajn, Coordenador do PENSA, grande estimulador e impulsionador de minhas atividades acadêmicas. Agradeço ainda a Profa. Dra. Elizabeth Farina do Departamento de Economia da FEA e Coordenadora Adjunta do PENSA, que me ensinou Organização Industrial, ao Prof. Dr. Marcos Fava Neves, irmão de todas as horas e entusiasmado colaborador, aos Prof. Dr. Dante Martinelli e Prof. Dr. Sigismundo Bialorkorsky da FEA-Ribeirão Preto, ao Prof. Dr. Marcos Sawaia Jank, um

verdadeiro leão nas questões internacionais brasileiras, ao Educador Prof. Dr. Evaristo Marzabal Neves da ESALQ, à Profa. Dra. Maria Sylvia Macchione Saes da FIPE, cuja amizade destaco.

Estendo ainda meus agradecimentos aos Professores da FEA-USP, Prof. Dr. José Juliano de Carvalho Filho, Prof. Dr. José Eli da Veiga, Prof. Dr. Francisco Anuatti Neto, Prof. Dr. Simão Silber, Prof. Dr. Geraldo Luciano Toledo.

Agradeço aos meus amigos do PENSA-Programa de Estudos dos Negócios do Sistema Agroindustrial da FEA-FIA-USP, que sempre apoiaram meu trabalho, especialmente ao Cláudio Pinheiro Machado, pela luta diária, ao Prof. Dr. Paulo Furquim Azevedo, Eduardo Eugenio Spers, Fábio Ribas Chaddad, Sérgio Giovanetti Lazzarini, Roberto Silva Waack, Ligia Bello Nadalini, Tereza Marsicano Guedes, Mateus Kfoury Marino, Rosana Shizue Nakanishi, Andre Meloni Nassar, Christiane Leles e Nice Santana pela amizade.

Agradeço aos meus alunos da primeira turma de Engenharia de Produção Agroindustrial da Universidade Federal de São Carlos, por terem despertado o gosto de ensinar.

Faço uma menção especial à minha grande amiga e incentivadora Geógrafa Profa. Dora Pereira Galvão, da Universidade Mackenzie, pela amizade, abertura de portas e o gosto pela Geografia.

À Diretoria da FIA-Fundação Instituto de Administração da USP, agradeço o apoio para que eu me tornasse um pesquisador globalizado.

Agradeço ainda ao Banco do Nordeste do Brasil pelo apoio às viagens no Brasil e pela sua excelente equipe do Escritório Técnico do Nordeste, especialmente Francisco Mavignier França, José Ivan Caetano Fernandes, José de Souza Neto, José Maria Senador Marques e Nilo Meira.

Agradeço a amizade e companheirismo dos técnicos que fazem do PEASA-Programa de Estudos e Ações do Semi-Árido, ligado à Universidade Federal Paraíba, um grande programa brasileiro.

Agradeço a Monica Costa da Editora Bertrand-Brasil/Civilização Brasileira pelos livros importantes fornecidos.

Agradeço profundamente aos meus pais, Sylvio e Ione, cujos esforços sem medidas para me oferecer educação, cultura, moral e ética, conduziram-me até aqui.

Finalmente, agradeço ao CNPQ, cuja ajuda financeira, na forma de uma Bolsa de Doutorado, muito contribuiu para a realização deste trabalho.

São Paulo, 10 de Novembro de 1999

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende contribuir em termos teóricos e empíricos para a compreensão da competitividade regional de fronteiras agrícolas em formações sócio-espaciais como a brasileira, que se tornam competitivas, no âmbito do processo de globalização da economia.

Para tanto será analisado o tema da competitividade regional estudando-se duas regiões específicas das fronteiras agrícola brasileiras produtoras de soja . Essas regiões estão situadas nas áreas de influência dos municípios de Barreiras, no estado da Bahia e no município de Balsas, no estado do Maranhão.

Estas duas regiões foram escolhidas por suas características semelhantes e não semelhantes. Dentre as características semelhantes, ambas situam-se em cerrados nordestinos e fazem parte da formação Serra Geral. Possuem mais ou menos a mesma fisiografia, formação geológica que deu origem a solos mais ou menos comuns. As características climáticas, apesar de serem semelhantes nas estações e períodos de seca, variam quanto a temperatura e umidade relativa do ar. Ambas as regiões também são de colonização recente, realizada por pioneiros vindos principalmente dos estados do sul do país¹.

Os fatores básicos que as tornam diferentes é o fato da região de Barreiras ter desenvolvido-se há mais tempo, possuindo uma infra-estrutura geral maior e melhor que a da região de Balsas. Essas diferenças se dão na malha viária maior e mais asfaltada ao redor de Barreiras, na presença de

¹ Um fato notado durante o processo de entrevistas realizadas nas viagens de campo a ambas as regiões, é que o sulista é geralmente chamado de gaúcho, independentemente da região de onde tenha vindo. Explica-se esse fato pelo número de gaúchos ser muito maior que outros, e, também, por terem sido os primeiros a chegar.

mais armazéns de soja e também na presença de unidades de processamento de soja. As indústrias processadoras ainda não instalaram-se no Maranhão, estando porém prevista a instalação de uma moageira junto ao porto de Itaqui em São Luiz

O vetor dos grandes e profundos processos de mudanças que ocorreram nas duas regiões estudadas, a partir dos anos 80, foi sem dúvida alguma a soja. E será este vetor e as mudanças por ele provocadas, que inserirão essas longínquas e despovoadas regiões no processo de globalização. Além dessas questões, serão estudadas as regiões em si e sua competitividade na produção de soja.

A descoberta feita por alguns gaúchos que a produção de soja nos cerrados nordestinos e mato-grossenses era viável técnica e economicamente causou uma verdadeira "diáspora" de produtores gaúchos no início da década de 80 em direção aos cerrados do Brasil (COSTA,1996).

A soja é, há muitos anos, um produto mundializado², que participa com grandes volumes físicos e financeiros dos mercados mundiais. Sua utilização mais intensiva no mundo deveu-se, dentre vários fatores (BRUM, 1988), ao Plano Marshall proposto aos países da Europa pelos Estados Unidos pós-Segunda Guerra mundial e à revolução chinesa em 1949.

Como o plano Marshall previa empréstimos casados com a aquisição de mercadorias, essa política foi importante para dar cabo dos excedentes agrícolas americanos, motivando o uso generalizado da soja como elemento fundamental protéico para o arraçoamento animal. Muitos produtos até então utilizados foram substituídos pela soja, atrelada ao crédito de ajuda norte

² A mundialização das mercadorias não é um fato novo (SOUZA,1996) na história da humanidade, tendo provavelmente tido seu início com as viagens de mercadores fenícios pelo mediterrâneo, pelas caravanas árabes no deserto e ligando ocidente ao oriente com as viagens de Marco Polo.

americano. A revolução chinesa foi responsável por tirar do mercado internacional a soja lá produzida.

Nesta contemporaneidade, lugar/mundo são escalas fundamentais para a compreensão do espaço geográfico. Por outro lado, o processo de globalização em curso, graças às características deste período histórico, acirra e pulveriza os espaços da competitividade, fundamento do sistema capitalista. O estudo da cultura da soja se insere nesta perspectiva de estudos geográficos hoje.

A importância da cultura da Soja para o país é inegável, sendo a principal matéria prima para a fabricação de óleo comestível de boa qualidade e preço acessível. Produz além disso um complexo do qual se extraem matérias primas diversas para consumo humano, animal e insumos industriais.

Geradora da maior receita entre seus pares, a soja é o principal *produto agroindustrial* brasileiro sendo consumida internamente e exportada. A exemplo da pecuária bovina extensiva, que no passado ocupou territórios de fronteira e serviu de ponta de lança para a agricultura, hoje a cultura da soja avança à frente de outras atividades, como nas regiões estudadas, tornando-se por excelência a atividade de fronteira. Essa atividade não é meramente mais uma atividade agrícola.

Essa cultura tem características impressionantes de trazer consigo alta tecnologia agrícola, além de estar integrada a indústrias e mercados nacionais e internacionais. É uma atividade altamente competitiva internacionalmente, estando os níveis de produtividade brasileira, entre os maiores do mundo.

Será analisada a produção de soja, um mercado globalizado³ com preços formados na Bolsa de Chicago, atividade acumuladora de riquezas e formadora de regiões no Brasil.

Será descrito o agronegócio da soja no Brasil e as condições em que foi possível a sua introdução e disseminação. Serão revistas as condições e fatores da ciência, técnica e informação envolvidos, que tornam este período histórico tão peculiar. Será provado que o mercado sojícola no Brasil é globalizado, enfatizando as diferenças históricas entre a mundialização e a globalização.

Serão propostos e analisados fatores que expressem a competitividade regional com o intuito de comparar as duas regiões à luz dos mesmos parâmetros.

O fio condutor que induzirá o trabalho investigativo será a hipótese de trabalho enunciada a seguir :

As novas regiões de fronteira agrícola no Brasil, tem na soja o seu vetor de formação sócio-espacial no período técnico-científico e informacional, inserindo-se no processo de globalização de forma competitiva.

Para a comprovação desta hipótese, esta tese está dividida em duas partes.

³ O mercado da soja é hoje globalizado. Tendo sido já um mercado mundializado, passa a ser globalizado com a introdução de refinadas técnicas (SOUZA,1996) de domínio da relação espaço-tempo, e também pelas possibilidades oferecidas pela técnica de controle dos mercados, sem a necessidade de transportar as mercadorias, como se faz no mundo mundializado. Estes assuntos serão mais explorados no Capítulo II.

Na Parte A, intitulada Sistema Agroindustrial, Globalização e Competitividade: Teorias, elaboramos sobre os significados fundadores desta tese: as teorias vinculadas à agroindústria, à globalização e à competitividade, cada uma delas correspondendo ao desenvolvimento de cada um dos três capítulos iniciais.

Isto se faz necessário para a elaboração da Parte B onde dois casos de implantação da cultura da soja no Brasil, são estudados: A região de Balsas no Maranhão e Barreiras na Bahia.

Afim de estabelecer a relação com a Parte A, começamos a elaborar a relação entre a questão regional e a globalização (capítulo IV) para cuidar especificamente, nos capítulos V e VI, de cada uma das regiões estudadas.

Assim, com este desenvolvimento, estudamos os sistemas técnicos atuais seja no processo de relação lugar/mundo como no funcionamento globalizado.

Para subsidiar nosso leitor, juntamos como anexos os mapas das regiões estudadas mostrando as áreas de expansão das fronteiras agrícolas nos cerrados nordestinos, as perguntas feitas nos levantamentos qualitativos de campo e ainda os nomes dos colaboradores entrevistados, que gentilmente nos cederam seu tempo para, juntos pensarmos as regiões.

A partir de agora você é nosso convidado de viagem. Juntos, poderemos pensar as regiões de fronteiras agrícolas brasileiras, no processo de globalização e indagar se as atividades lá desempenhadas são competitivas. Esta viagem se dará pelos cerrados nordestinos do Brasil, com muito orgulho de estudarmos a geografia deste país soberbo.

PARTE A

Sistema Agroindustrial, Globalização e Competitividade : Teorias

Optou-se, nesta pesquisa, por utilizar-se o termo Sistema Agroindustrial como melhor tradução possível para o vocábulo inglês *Agribusiness*. A análise dos Sistemas Agroindustriais, como será visto, abrange a descrição da organização da produção desde o campo até o consumidor final.

Esta forma de análise, iniciada na Universidade de Harvard em fins da década de 50 por DAVIS & GOLDBERG (1957), apresenta muitas vantagens em relação às análises tradicionais do setor agrícola que enfocavam apenas o setor de produção nos contornos dos limites das unidades de produção. As vantagens estão no fato desta análise avançar para montante e jusante das unidades de produção agrícola tentando compreender o encadeamento, o todo desta produção, como um sistema, onde todas as partes estão interligadas num processo dinâmico. Este método de análise será utilizado para descrição dos Sistema Agroindustrial da soja nas áreas estudadas nesta pesquisa, que são as regiões de Barreiras , no Estado da Bahia e Balsas, no Estado do Maranhão.

Sobre a globalização realizou-se uma revisão bibliográfica procurando-se distinguir o conceito de globalização dos conceitos de mundialização, enunciados por muitos autores de maneiras diferentes, criando muitas confusões nos leitores. Sobre a competitividade, procurou-se distinguir o que significa, do ponto de vista de vários autores que se dedicaram ao assunto. Isto é importante para o âmbito desta pesquisa, que estará tratando da formação de duas regiões no período técnico-científico-informacional, produtoras de soja nos cerrados nordestinos e com mercados inseridos no processo de globalização.

Capítulo I O Sistema Agroindustrial da Soja

1 Conceitos de Sistema Agroindustrial

De maneira geral, a agricultura brasileira até meados do século XX era muito diferente da atual. Nas propriedades, tanto nas " *plantation farms* " ⁴ de café ou cana quanto naquelas de subsistência, fazia-se de tudo, indistintamente, sem divisão de tarefas. Além das atividades de plantio, quase sempre bastante diversificadas, como a produção dos gêneros de primeira necessidade como arroz, feijão, milho, mandioca, favas, legumes, verduras, frutas e fibras (algodão, sisal), eram também criados animais para a produção e para a tração.

Na propriedade rural eram produzidos e adaptados os veículos de transporte como carros de boi, carroças, charretes, as ferramentas e implementos, equipamentos de transporte e insumos básicos necessários à produção agropecuária tais como adubos orgânicos, sementes (guardadas de uma safra para a outra nos paióis) e alguns defensivos químicos como caldas sulfo-cálcicas e outros. Lá se produzia também : tecidos grosseiros de algodão, através da fios obtidos em rocas manuais, destinados à confecção de sacarias ; alimentos protéicos como carne (bovina, suína e de aves), leite, queijos, ovos, embutidos de suínos, banha; sabões rústicos a partir de cinzas e de sebo, de origem animal. Também o armazenamento e a comercialização estavam incorporados às atividades da propriedade rural.

Um grande número de trabalhadores rurais moravam nas unidades de produção estabelecidos nas chamadas colônias⁵ da fazendas.

⁴ **Plantation Farm** - Esse conceito significa uma propriedade na qual a agricultura era desenvolvida por trabalhadores residentes, escravos ou não de acordo com o AMERICAN HERITAGE DICTIONARY(1982:948). Em geral havia predominância de uma monocultura econômica como café, cana, algodão, etc . Mas também produzia-se de tudo para o auto abastecimento dos residentes.

⁵ **Colônia**, Grupo de migrantes que se estabelece em terra estranha, **Colônia Agrícola** termo utilizado para designar povoação campestre de colonos lavradores in NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO(1975: 347) .

Inicialmente eram escravos, sendo substituídos, a partir de 1870, por imigrantes. O termo "agricultura", abrangia todas as atividades realizadas nas fazendas. Os produtores não eram especializados. Eram versáteis para entender e executar todo o processo, ao nível de especificidade e desenvolvimento tecnológicos padrões da época. Muitos tinham dificuldades em realizar cálculos e entender operações financeiras, sendo muitas vezes prejudicados pelos estabelecimentos de crédito e financiamento.

Com o processo de industrialização do país, pós II Guerra Mundial, ocorre o crescimento da população nos centros urbanos, decorrente da migração do campo para as cidades. As cidades passam a ter uma importância regional como pólos dinâmicos das transações, numa forma nunca vista. É nas cidades que realizam-se as transações entre produtores e compradores, entre agricultores e fornecedores.

Assim, as atividades de produção de fertilizantes, defensivos, máquinas e implementos, rações, vacinas, operações de financiamento, saem da alçada das propriedades e passam para terceiros especializados, as empresas situadas à montante da produção rural, também chamado "antes da porteira"⁶.

Da mesma forma, o processamento, a comercialização, a distribuição e o transporte abandonam a alçada dos produtores para serem mais eficientemente realizados por empresas de terceiros, localizadas no chamado "depois da porteira"⁷.

As unidades produtivas, o "dentro da porteira"⁸, passam a se especializar e orientar sua produção para o mercado e para o comércio. A especialização passou a ser elemento cada vez mais importante, buscando sempre as economias

⁶ **Antes da Porteira** - Termo que designa todas as atividades fornecedoras de produtos e serviços para a produção agropecuária, tais como sementes, fertilizantes, mudas, implementos, máquinas, vacinas, crédito, conforme ARAÚJO(1990: XII).

⁴ **Depois da Porteira**- Termo que designa todas as atividades que sucedem a produção agrícola e pecuária, em geral agregadoras de valor aos produtos como refino, separação, classificação, industrialização, conservação, comercialização, abastecimento, distribuição, transporte e outros, conforme ARAÚJO(1990-: XII).

⁸ **Dentro da Porteira**- Termo que designa todas as atividades da produção agrícola e pecuária, realizadas dentro dos limites da unidade de produção rural, em geral com pouca ou nenhuma transformação. ARAÚJO(1990-: XII).

de escala e trazendo redução nos custos de produção com vantagens competitivas para os produtores rurais.

O termo agricultura, que antes da década de cinquenta compreendia o antes da porteira, o dentro da porteira e o após a porteira, vai ganhando especificidade (e de certa forma, perdendo importância econômica relativa).

Hoje o termo agricultura significa a atividade agrícola de plantio, condução e colheita, ou mesmo a produção de animais, apenas dentro da porteira. Este termo perdeu muito de sua abrangência nos últimos 40 anos, ainda mais com as tendências de concentração dos valores agregados no " depois da porteira da fazenda ".

DAVIS e GOLDBERG (1957:2) definem Sistema Agroindustrial como a somatória total de todas as operações envolvidas na manufatura e distribuição de bens agrícolas; as produção e as operações da fazenda; o armazenamento, processamento e a distribuição das mercadorias da fazenda e itens deles feitos.

Assume-se então que Sistema Agroindustrial seja a somatória de todas as operações realizadas " antes, dentro e depois da porteira ". Interpretam os autores que o conceito de agricultura como uma indústria em si mesma e dela mesma, ou como uma fase distinta da nossa economia, que foi apropriada há mais de 150 anos atrás quando a família rural típica não só plantava culturas e fazia criação, mas também produzia os seus animais de tração, ferramentas equipamentos, fertilizantes e outros itens.

As unidades processavam seu próprio alimento e fibras e vendiam no varejo de sua comunidade a maior parte do excedente. Analisando-se esta definição, percebe-se que, respeitadas as diferenças tecnológicas, estas atividades estavam incorporadas no termo agricultura. Deve ser ressaltado que houve uma defasagem de mais de trinta anos entre o surgimento do conceito nos Estados Unidos e a sua aplicação e divulgação no Brasil. A idéia de DAVIS & GOLDBERG era que os problemas relacionados com o setor agroalimentar são muito mais complexos que a simples atividade agropecuária. Na verdade houve uma revolução tecnológica próxima ao final do século dezoito. Apareceram

criações tecnológicas vanguardistas na forma de equipamentos mecânicos projetados para realizar conhecidas tarefas em menos tempo e com menos trabalho.

Como as definições são muitas, serão apresentadas as opiniões de alguns autores sobre a produção agroindustrial do campo ao consumidor. MÜLLER (1989), apresenta uma definição na qual dá relevância ao alto grau de interação, no final da década de 70, nas relações entre indústria e agricultura, que se deram de forma também integrada entre as próprias empresas, os grupos econômicos e o Estado. A atuação do Estado, através de suas políticas públicas ocorreu através de incentivos creditícios, fiscais, políticos e de exportação. A esse processo de integração indústria-agricultura, este autor chama de Complexo Agroindustrial - CAI⁹. As relações indústria-agricultura, relacionam-se de forma diferenciada, neste padrão moderno, das formas latifúndio-minifúndio de relação que ocorreram durante mais de um século no país desde de 1870 . " *O padrão agrário moderno é a expressão da aplicação das conquistas da ciência moderna na agricultura e das novas formas de organizar a produção rural. E uma das suas mais importantes conseqüências é a supressão do divórcio entre agricultura e indústria e entre campo e cidade.*" MÜLLER(1989:18)

Formula ainda que o Complexo Agroindustrial-CAI, é definido por uma sucessão de atividades vinculadas à produção e transformação de produtos agropecuários e florestais. Nestas atividades ele inclui : a geração destes produtos, seu beneficiamento e transformação, a produção de bens de capital, insumos industriais para a agricultura; coleta , armazenagem, transporte e distribuição dos produtos industriais e agrícolas e também financiamento, pesquisa, tecnologia e assistência técnica. Separando as atividades que ele julga possuir um maior grau de importância o autor as chama de núcleo do CAI, às quais atribui capacidade de controle sócio-econômico na reprodução do complexo agroindustrial, MÜLLER,(1989), informando que a agricultura, apesar de ser uma

⁹ **Complexo Agroindustrial-CAI** - Designação dada às relações entre indústria e agricultura na fase em que a agricultura apresenta intensas conexões para trás, com a indústria para a agricultura, e para a frente, com as agroindústrias, MÜLLER(1989:148)

atividade principal, pode estar subordinada a setores industriais ou até mesmo a setores comerciais como supermercados.

Também a este respeito, do fortalecimento dos setores comerciais, RANGEL,(1963), menciona o fato de que muitos médios e grandes, interessados em dirigir os negócios, integrando-se verticalmente, e organizando-se para colocarem seus produtos diretamente aos agentes varejistas, o fazem não somente em função da inelasticidade da demanda mas também, em função da grande elasticidade da oferta.

GOLDBERG, (1968), introduz o conceito de sistema agroindustrial de *commodities*¹⁰, analisando três produtos específicos do sistema agroindustrial norte-americano : a soja, o trigo e a laranja, dentro da visão sistêmica. A formulação dizia que este sistema envolvia todos os participantes engajados na produção, processamento e marketing de um produto específico. Englobava nesse sistema: o suprimento das unidades de produção, as unidades de produção, a estocagem, a transformação industrial, o atacado e o varejo, envolvidos em um fluxo desde a produção de insumos até o consumidor final. Incluiu também as Instituições que afetam e coordenam os estágios sucessivos do fluxo do produto, tais como Estado, associações de interesse e mercados futuros.

A inclusão da coordenação e das instituições e organizações, por produto, é a grande diferença e avanço em relação à formulação de 1957 deste autor. Obtém grande impacto e sucesso principalmente devido à sua aplicabilidade a aspectos práticos, além da coerência conceitual.

Há uma outra definição, que será assumida nesta pesquisa por melhor atender às necessidades, para os fins de análise do sistema da soja, que é a concepção do sistema agroindustrial de alimentos e fibras concebido como um nexos de contratos FARINA & ZYLBERSZTAJN (1994:4) decorrentes do processo

¹⁰ **Commodity** - Designa um produto de troca ou comércio, especialmente produtos agrícolas ou minérios, algo que pode ser útil ou transformado em bem comercializado ou outra vantagem. Do latim *commoditas*, *commodus* = conveniente segundo o AMERICAN HERITAGE DICTIONARY(1982: 298).

de minimização de custos de produção¹¹, distribuição¹² e transação¹³. Essa formulação engloba a de GOLDBERG,(1968), e avança para as questões contratuais.

Apresenta-se a seguir o FLUXOGRAMA 1: Modelo de SAG-Sistema Agroindustrial, conceito desenvolvido por FARINA e ZYLBERSZTAJN, 1994, que pode ser usado para qualquer produto. Neste fluxograma os T representam as transações¹⁴.

¹¹ **Custo de Produção** - São os custos totais incorridos no exercício da atividade produtiva. Corresponde aos custos de transformação e de transação, em JANK(1996: 189).

¹² **Custo de Distribuição** - São os custos totais incorridos no exercício da atividade de distribuição.

¹³ **Custo de Transação** - São os custos *ex-ante* de procurar, preparar, negociar e salvaguardar um contrato, e, sobretudo os custos *ex-post* de monitoramento, ajustamentos e adaptações que resultam, quando a execução de um contrato é afetada por falhas, erros, omissões e alterações inesperadas. São os custos para conduzir o sistema econômico em WILLIAMSON(1985:18-22).

¹⁴ **Transação** - Toda a operação onde são negociados direitos de propriedade. Consiste na transferência de bens ou serviços por um interface tecnologicamente distinta em JANK(1996:195)

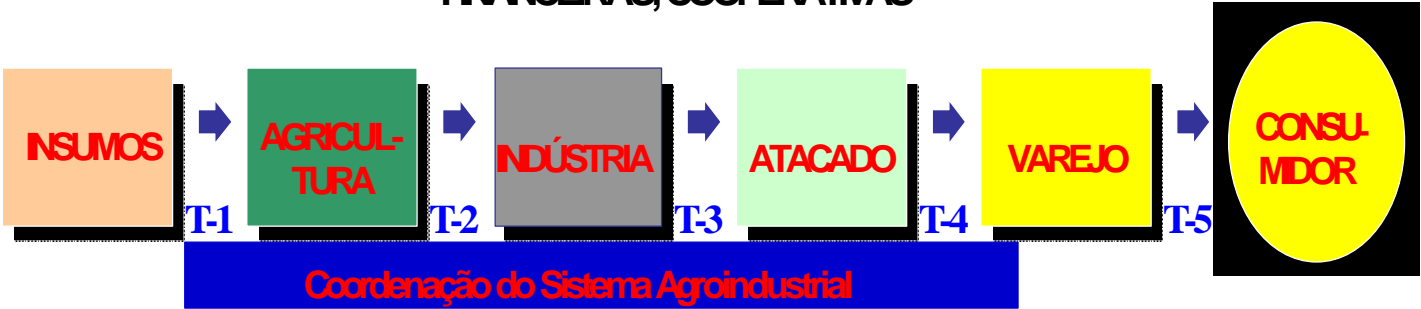
Será através do desmembramento do Sistema Agroindustrial da soja nos seus diversos sub-segmentos contemplados no Fluxograma 1 que se dará a metodologia de análise que se verá a seguir.

Fluxograma 1

Modelo de SAG-Sistema Agroindustrial

AMBIENTE INSTITUCIONAL: APARATO LEGAL, TRADIÇÕES, COSTUMES

AMBIENTE ORGANIZACIONAL: ORGANIZAÇÕES PÚBLICAS E PRIVADAS,
FINANCEIRAS, COOPERATIVAS



Fonte: FARINA E ZYLBERSZTAJN,1994

2 O Sistema Agroindustrial da Soja no Mundo

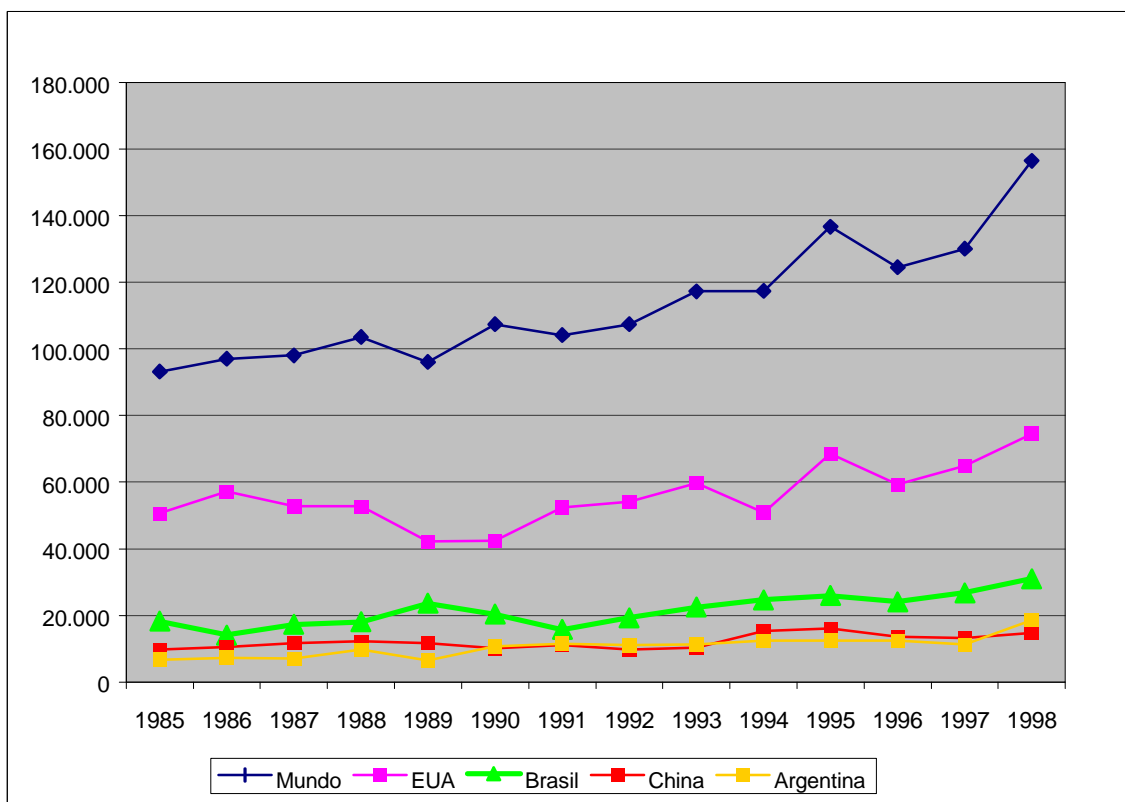
Os quatro grandes produtores mundiais de soja são, por ordem de importância, os EUA, o Brasil, a China e a Argentina, conforme mostram a TABELA 1 e o GRÁFICO 1.

TABELA 1 PRODUÇÃO MUNDIAL DE SOJA EM GRÃO: 1985-98
(em 1.000 t)

	Mundo	EUA	Brasil	Argentina	China
1985	93.135	50.644	18.278	6.750	9.695
1986	97.044	57.127	14.100	7.300	10.509
1987	98.111	52.868	17.300	7.000	11.614
1988	103.520	52.736	18.020	9.700	12.184
1989	96.057	42.152	23.600	6.500	11.645
1990	107.369	42.354	20.340	10.750	10.227
1991	104.143	52.416	15.750	11.500	11.000
1992	107.382	54.065	19.300	11.150	9.710
1993	117.231	59.612	22.500	11.350	10.300
1994	117.349	50.919	24.700	12.400	15.310
1995	136.670	68.493	25.900	12.500	16.000
1996	124.471	59.243	24.150	12.430	13.500
1997	130.100	64.837	26.800	11.200	13.220
1998	156.500	74.224	31.000	18.500	14.730

FONTE: USDA-United States Department of Agriculture

GRÁFICO 1 PRODUÇÃO MUNDIAL DE SOJA EM GRÃO: 1985-98 (1.000 t)



FONTE : USDA-United States Department of Agriculture

Note-se que a Argentina ultrapassou a China em 3,8 milhões de t. na safra de 1998, assumindo o terceiro lugar em produção mundial. A participação do Brasil na produção mundial, na década de 90 situou-se ao redor dos 20%, mostrando a capacidade de resposta do Brasil aos aumentos de produção mundiais.

Com relação aos principais exportadores mundiais do complexo soja o Brasil tem também uma destacada posição internacional conforme demonstram os dados da TABELA 2, figurando em segundo lugar no ranking internacional de maiores exportadores e demonstrando uma capacidade de aumento de volumes exportáveis notável em relação a seus competidores.

**TABELA 2 : PRINCIPAIS EXPORTADORES MUNDIAIS DE SOJA GRÃO
(em mil t)**

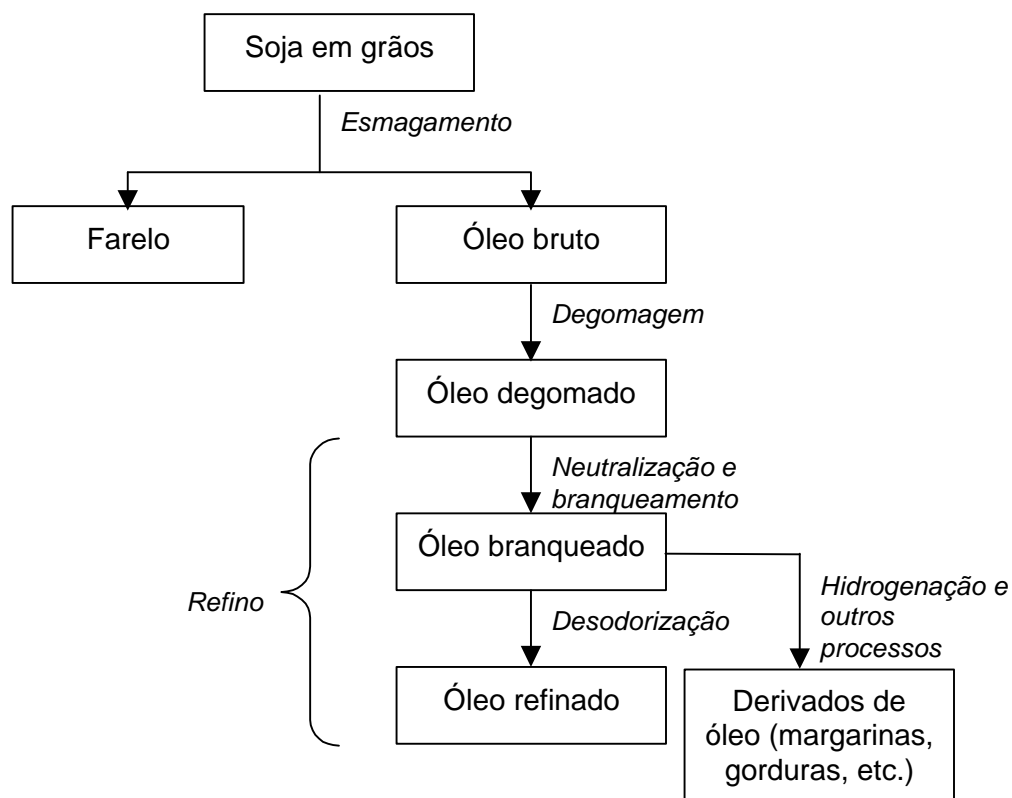
País	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998
Exportaçã	28.10	29.79	28.03	32.18	32.051	36.87	40.086
o	9	2	1	9		3	
EUA	18.61	20.94	16.03	22.81	23.165	23.99	23.677
	4	4	2	0		9	
Brasil	3.826	4.184	5.395	3.492	3.633	8.340	9.300
Argentina	2.921	2.274	2.957	2.614	2.014	750	2.900
Paraguai	830	1.250	1.200	1.450	1.600	2.150	2.100
Bolívia	125	150	294	324	360	400	610
Canadá	252	211	489	542	599	478	600
Outros	1.541	779	1.664	957	680	756	899

USDA-United States Department of Agriculture

Para se ter uma idéia dos mais diferentes usos dos produtos originários do complexo Soja incluiu-se o Fluxograma 2, que mostra todos os segmentos que o compõe. A partir do esmagamento do grão de soja ocorre a primeira divisão em óleo bruto e o farelo. O farelo constitui-se por si só um insumo para a fabricação de rações. O Óleo bruto passa pelo processo de degomagem, que consiste num primeiro processamento resultando no óleo degomado ou bruto, de cor amarela intensa.

Esta então passa a ser a matéria prima para o refino, passando pelo processo de neutralização e branqueamento, resultando, após à desodorização, no óleo refinado de cozinha. Caso siga o caminho da hidrogenação, o produto vai ser transformado em margarinas, cremes e gorduras também comestíveis.

FLUXOGRAMA 2 : INDÚSTRIA DE ESMAGAMENTO E DERIVADOS DE ÓLEOS DE SOJA



FONTE: ROESSING & SANTOS,(1997).

Os produtos do Sistema da soja mostrados no FLUXOGRAMA 3 podem ser classificados em : **Commodities para mercado externo** - produtos menos diferenciados e comercializados em grandes volumes no mercado internacional, destacando-se o farelo de soja, a soja em grãos e o óleo bruto e refinado; **Commodities para o mercado interno** - destacando-se a soja em grãos, o farelo direcionado para a indústria de rações/carnes e o óleo bruto e refinado direcionados para posterior reprocessamento; **Produtos de maior valor**

agregado para o mercado interno - produtos mais elaborados oriundos do óleo, geralmente com maior grau de diferenciação, como por exemplo margarinas, halvarinas, cremes vegetais, maioneses, molhos prontos para saladas, etc. ; **outros produtos** - usos alternativos a partir da soja com mercado de menor dimensão e/ou ainda pouco definido, como por exemplo a lecitina, a soja para alimentação humana (molhos de shoyu, bebidas, etc.), a farinha de soja, o óleo para fins energéticos (“biodiesel”), etc. LAZZARINI & NUNES (1997).

Produtos do complexo soja tem sido freqüentemente citados como os de maior peso na pauta de exportações do Brasil, em especial o farelo e a soja em grãos FAVERET Fo. (1997), demonstrando a importância deste Sistema Agroindustrial para a economia brasileira.

A TABELA 5 mostra o valor da cultura de soja em relação às outras culturas brasileiras, comprovando a importância e a primazia da soja, apenas considerando o valor do grão.

A expansão da cultura de soja no Brasil ocorreu nos anos 70 e 80 com uma forte componente de subsídios¹⁵ repassados aos produtores na forma de créditos e também em praticamente todos os segmentos do sistema. Assim o Brasil tornou-se o segundo produtor mundial de soja em grão, farelo e óleo de soja SAG. Esses subsídios foram porém reduzidos de forma gradual até desaparecerem por completo.

Submetidos a um novo ambiente competitivo, os vários segmentos do Sistema da Soja passam a presenciar importantes mudanças, ao mesmo tempo em que buscam adaptar suas estratégias visando obter ganhos de competitividade¹⁶, LAZZARINI & NUNES(1998).

¹⁵ A prática dos **subsídios** aos créditos de custeio e investimento, na forma de taxas reduzidas de juros, foi um importante componente da política agrícola brasileira no período que vai dos anos 70 até meados de 1986. Subsidiava-se também a comercialização através de créditos para o armazenamento das safras.

¹⁶ **Ganhos de competitividade** estão associados à probabilidade de uma firma continuar no mercado de um certo bem em um determinado horizonte temporal. A competitividade depende da existência de planos de produção factíveis e reprodutíveis, isto é, sustentáveis. São o clima, o relevo, o regime pluvial, a qualidade dos solos, a hidrografia, etc., que podem facilitar ou impedir a produção e/ou a comercialização de determinadas mercadorias. LAZZARINI & NUNES(1997: 217)

O deslocamento da produção agrícola rumo aos cerrados, o desenvolvimento de novos corredores de exportação, as ineficiências estruturais da indústria processadora e o conseqüente processo de concentração estão entre as principais mudanças geradoras de impactos nos fluxos de insumos, produtos e capitais ao longo do Sistema Agroindustrial da Soja.

Esse quadro de profundas mudanças tem suscitado, por parte dos diversos segmentos do sistema agroindustrial da soja, a elaboração de uma série de diagnósticos e a proposição de políticas setoriais voltadas para o aumento da competitividade brasileira nos mercados internacionais dos derivados da soja.

Incorporando um grande número de pesquisas do assunto BRUM (1993:18) organizou a economia Mundial da Soja em períodos:

1º Período 1900 a 1945 - Consolidação da soja no mercado interior americano.

2º Período 1945 a 1971 - Transferência do modelo americano para o resto do mundo¹⁷. Estabilidade dos preços e do mercado internacional.

3º Período 1971 a 1985 - Instabilidade dos preços e do mercado internacional.

4º Período 1985 a 1993 - Reestruturação do mercado mundial: Surge um novo modelo de consumo animal.

A esses períodos, devido às fortes transformações sofridas no Sistema Agroindustrial da Soja, principalmente em função dos avanços tecnológicos do período de 1993 ao presente, seria necessário adicionar-se um 5º Período. Este virá de 1993 ao presente. Neste período ocorre a introdução de dos Organismos Genéticamente Modificados - OGM¹⁸ na soja. Este conceito tem causado muita

¹⁷ **O modelo americano** de arração animal baseado na mistura soja-milho foi introduzida na Europa e Japão como parte do Plano Marshall de reconstrução pós-II Guerra Mundial. Como os países estavam com sua capacidade de produção agrícola destruída, houve uma dependência imediata de produtos para arração animal baseados nos produtos que os EUA tinham em grandes excedentes, atrelados a linhas de crédito. Este modelo impulsiona a soja no mundo e permite o desenvolvimento da indústria americana a montante e a jusante da produção agrícola.

¹⁸ **Organismos Genéticamente Modificados - OGM** - Designam-se aqueles organismos que sofreram alterações através de métodos genéticos, clássicos ou modernos, modificando a composição genética presente originalmente nos organismos, conferindo-lhes características diferenciadas.

polêmica nos meios científicos, mudando muitos conceitos sobre os quais, até então, não se havia pensado.

A sociedade em geral e os cidadãos consumidores, querem saber se os alimentos oriundos destes organismos - OGM's , são potencialmente causadores de malefícios para os seres humanos que os consomem. Esse temor é devido à falta de pesquisas, de longo prazo, que comprovem a segurança do consumo deste tipo de produtos. Grande parte deste temor é devido à ocorrência da Encefalopatia Espongiforme Bovina - EEB, conhecida como Mal da vaca-louca¹⁹.

Neste caso específico, houve uma mudança nos paradigmas biológicos, ao se oferecer proteína de origem animal para animais poligástricos herbívoros, que de acordo com as leis da natureza, retiram sua proteína dos vegetais(quebra da celulose), através de seu sistema de digestão. Ao transformar esses animais em onívoros, oferecendo-lhes proteína de origem animal, na forma de rações compostas por partes de cérebro de carneiros, inverteu-se o modelo natural. Nesse momento ocorre o temido desequilíbrio e dá-se a contaminação.

Assim, demonstra-se que produtos protéicos vegetais como a soja , não serão facilmente deslocados na composição de rações animais por produtos menos nobres e repletos de riscos de contaminação, como as proteínas animais .

Ao Brasil e aos demais competitivos produtores de soja, resta a perspectiva de aumentos cada vez maiores na demanda deste produto e seus derivados.

¹⁹ **Encefalopatia Espongiforme Bovina-** Também chamado de Mal da vaca louca, é o nome dado a uma síndrome cerebral fatal, que atinge bovinos e humanos que consomem partes contaminadas com o vírus desta doença. Foi identificada na Inglaterra em 1986, e as primeiras infecções confirmadas em vacas ocorreram em 1986, segundo ENRIQUEZ-CABOT & GOLDBERG(1996:1-41).

3 A Produção do Complexo Soja no Mundo

A soja, bem como seus sub-produtos, foi um dos produtos agroindustriais brasileiros que menos intervenção governamental sofreu ao longo da história recente de sua introdução no cenário agrícola brasileiro.

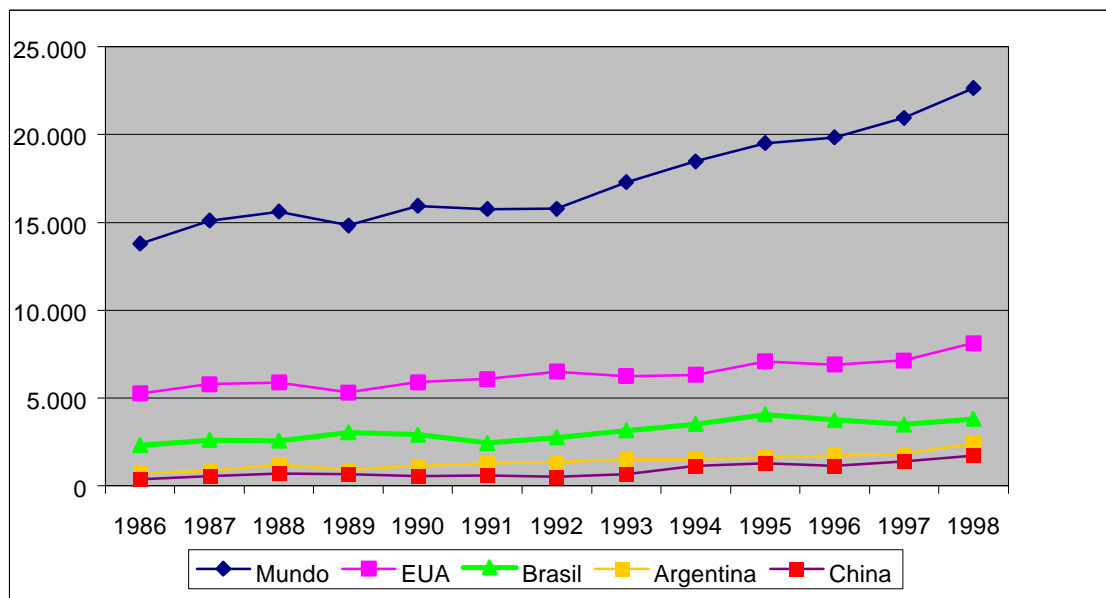
A produção mundial de óleo de soja é mostrada na TABELA 3 e no GRÁFICO 2, bem como a produção dos principais países produtores. Um fato interessante a ser notado neste período é o aumento do processamento na China, a partir de 1994, e a reação imediata dos principais países produtores, EUA, Brasil e Argentina, com ênfase no atendimento ao mercado do extremo oriente.

**TABELA 3 : PRODUÇÃO MUNDIAL DE ÓLEO DE SOJA: 1986-1998
(1.000 t)**

	Mundo	EUA	Brasil	Argentina	China
1986	13.785	5.269	2.319	729	375
1987	15.109	5.798	2.605	853	546
1988	15.622	5.885	2.576	1.199	710
1989	14.840	5.324	3.050	927	656
1990	15.946	5.898	2.908	1.124	554
1991	15.763	6.082	2.450	1.267	599
1992	15.782	6.507	2.760	1.359	520
1993	17.284	6.250	3.154	1.499	673
1994	18.481	6.328	3.522	1.508	1.141
1995	19.523	7.082	4.061	1.605	1.289
1996	19.848	6.913	3.749	1.717	1.150
1997	20.951	7.145	3.502	1.825	1.390
1998	22.658	8.133	3.805	2.410	1.740

FONTE: USDA-United States Department of Agriculture

**GRÁFICO 2 : PRODUÇÃO MUNDIAL DE ÓLEO DE SOJA : 1985-1998
(1.000 t)**



FONTE : United States Department of Agriculture

Por sua vez, a Argentina, no mesmo período, apresentou uma taxa de crescimento da produção de produtos processados de cerca 6,4% ao ano, valor próximo ao aumento da produção agrícola de 6,1%.

Entre 1987 e 1998, as exportações brasileiras corresponderam em média a 12,4% das exportações mundiais de soja em grão; 31,9% do farelo e 20,9% do óleo de soja.

A importância da participação brasileira no mercado internacional do complexo soja é sem dúvida, significativa. Seu produto soja é uma mercadoria mundializada e globalizada.

Os principais produtos de exportação do complexo soja brasileiro são o farelo e a soja em grão, que responderam respectivamente por pouco menos de 60% e 28% do valor das exportações do complexo entre 1991 e 1998.

As exportações de óleo de soja, que totalizaram cerca de 12% das exportações do complexo neste período, foram menos regulares, relacionadas ao consumo doméstico do produto. Em 1995, as exportações de óleo de soja

praticamente sumiram, em virtude do aumento do consumo associado aos efeitos da estabilização monetária sobre a renda real da população.

Os principais importadores de soja em grão e farelo brasileiros são países da Comunidade Européia (Países Baixos, Alemanha, Espanha e Itália) e Japão. Quanto ao óleo, os maiores importadores têm sido China, Irã e Paquistão.

As exportações de farelo devem ser analisadas em conjunto com o mercado de carnes para uma interpretação correta. Uma queda nas exportações pode significar duas coisas muito diferentes. Pode representar perda de competitividade no farelo ou transferência das vantagens competitivas na produção do farelo para os segmentos posteriores da cadeia (rações e carnes), LAZZARINI & NUNES ,(1998).

Nem sempre a redução das exportações está associada à perda de competitividade. Há casos em que produtos de maior valor agregado se tornam mais competitivos que os próprios insumos. A Comunidade Européia ocupa uma posição de destaque na exportação de farelo, apesar da sua produção de soja em grão situar-se na faixa de 1 milhão de toneladas. Estas distorções ocorrem porque a política tarifária adotada pelos países europeus penaliza as importações de óleo e farelo, isentando as importações de soja em grão. A Comunidade Européia é também exportadora líquida de óleo de soja. As importações do grão utilizam o parque industrial eficientemente. As exportações européias de farelo, estão estagnadas na faixa de 4 milhões de toneladas ao ano, enquanto o comércio mundial de farelo de soja cresce 2,5% ao ano. A tendência de crescimento das exportações européias de carnes de aves, no entanto, é de 2,9% ao ano. A Comunidade Européia está exportando parte de seu excedente de farelo sob a forma de carne de aves.

A Argentina é o caso inverso ao da Comunidade Européia. Apesar de ser competitiva na produção de soja em grão e de farelo, a avicultura argentina não tem expressão no mercado mundial. É provável que a ampliação da capacidade de esmagamento que se tem verificado recentemente acabe por favorecer a

produção de aves e suínos, mas ainda assim haveria a necessidade de investimentos vultosos no segmento industrial.

As exportações norte-americanas de farelo encontram-se praticamente estagnadas no patamar de 5,5 milhões de toneladas, mas o desempenho da avicultura tem sido bastante favorável. O mercado doméstico, no caso dos Estados Unidos, é o principal destino do farelo de soja e das carnes de aves lá produzidas.

As exportações brasileiras de farelo vinham crescendo a taxas de 3% ao ano no período 1986-95, acima do crescimento das exportações mundiais. Esse movimento foi interrompido a partir da segunda metade da década de noventa, em decorrência do aumento da demanda derivada para a produção doméstica de rações/carnes e do realinhamento dos preços relativos do complexo soja provocado pela isenção do ICMS sobre as exportações de produtos primários e semi-elaborados em 1997. De 1995 para 1997, as exportações de farelo reduziram-se em torno de 23%, segundo estimativas da ABIOVE, LAZZARINI & NUNES,(1998).

Porém, não se pode interpretar a queda das exportações de farelo a partir da segunda metade da década de noventa como indicativa da perda de competitividade do produto, mas sim resultante de uma maior demanda derivada de produtos de maior valor adicionado tanto para o mercado doméstico quanto internacional.

No caso do óleo, as exportações brasileiras vinham crescendo a uma taxa de 4% ao ano no período 1986-95 ainda que de forma irregular, porém sofreram uma redução a partir da segunda metade da década de noventa, estimada pela ABIOVE em torno de 50% entre 1995 e 97.

Apesar deste fato poder ser explicado pelo aumento do consumo interno, do mesmo modo que no caso farelo, torna-se preciso considerar que a competição tem sido muito acirrada no mercado de óleos, com crescimento acentuado da produção de óleos no Leste Asiático e na Argentina. Certamente a posição

competitiva do farelo brasileiro é muito maior do que do óleo, LAZZARINI & NUNES,(1998).

Um aspecto que tem gerado conflitos no Sistema da soja é o aumento da exportação de grãos em detrimento de produtos processados. Estimativas da ABIOVE indicam que a exportações de soja em grão em 1997 foram cerca de 2,5 vezes maiores que em 1995.

A soja destaca-se entre seus concorrentes - girassol, palma, amendoim, copra, por ter mais proteínas do que óleo em sua composição natural, sendo um alimento superior aos demais concorrentes para a nutrição de animais.

Estabelecendo conclusões preliminares, é inegável a importância da soja como proteína e oleaginosa comercializada pelo mundo em forma de farelo, óleo, grão ou já transformada como carne de frango, carne suína ou carne bovina. Esta importância da soja e sua presença em todo o mundo colocam-na na categoria de produto mundializado. A utilização dos serviços de informações e sua comercialização em tempo real, via satélite, através das transações financeiras de bolsas e mercados internacionais transformam o mercado da soja num mercado globalizado.

O Brasil, como se viu acima, destaca-se na produção e exportação dos produtos do complexo soja em nível mundial. As regiões estudadas de Balsas e Barreiras, inserem-se dentro dos espaços de produção, transformação e comercialização globais .

O vetor representado pela soja e seu conjunto de ações nessas regiões formou o espaço geográfico através das relações econômico-sociais e culturais tornando o mercado da soja produzida nestas regiões globalizado.

4 O Sistema Agroindustrial da Soja no Brasil

O Brasil é o quinto maior país do mundo com uma área de 8,5 milhões de quilômetros quadrados e uma costa contínua de mais de 7.500 quilômetros. Essa enorme população representa um potencial grande de demanda que, caso diminuam os problemas de distribuição de renda, representa uma das grandes

vantagens do Brasil com relação a outros países, pois lhe dá a chance de que seu mercado ainda cresça, internamente, no terceiro milênio.

Os países desenvolvidos tem, de modo geral, o consumo de alimentos estagnado, devido à alta renda da população e dos preços relativos dos alimentos adequados aos altos níveis de renda. As dimensões do sistema agroindustrial (SAG) da soja no Brasil são bastante expressivos LAZZARINI & NUNES,(1998). Há estimativas que o sistema agroindustrial, envolvendo desde o setor de insumos até os produtos para consumo final (incluindo mercado externo), gerou, no ano de 1997, um valor próximo a US\$ 24,5 bilhões que corresponde a cerca de cerca de 10% do PIB oriundo do sistema agroindustrial brasileiro ROESSING & SANTOS (1997).

Com a finalidade de demonstrar como é o Sistema Agroindustrial da Soja no Brasil, apresenta-se a seguir o Fluxograma 3 com mais detalhes deste sistema, mostrando a rede de interações existentes no Brasil.

Dos diversos segmentos que compõem o Sistema Soja, a indústria processadora merece atenção, pois vem sofrendo um processo de concentração econômica²⁰ tanto no estágio de esmagamento/refino quanto de produção de derivados de óleo, decorrente de inúmeras aquisições e fusões. Parece haver uma tendência de foco estratégico em um destes estágios, sendo que no esmagamento – operando basicamente com *commodities* – a linha estratégica predominante é liderança em custos baseada fortemente em economias de escala, busca de redução da capacidade ociosa, logística eficiente, inovação em processos.

Já no estágio de derivados, predomina a diferenciação de produtos com forte orientação para segmentação de mercados, promoção/marca e inovação de produtos. As empresas passam também a reprogramar o seu nível de diversificação. Muitas empresas que antes processavam soja, mas cuja atividade

²⁰ **Concentração Econômica** - Refere-se a uma situação em que um pequeno número de empresas detém parte considerável do capital, investimentos, vendas, força de trabalho, ou qualquer outro elemento que sirva de medida de desempenho de um setor industrial, econômico ou de serviços. Dicionário de Economia(1985:80).

principal eram as carnes, deixaram suas atividades de soja, aparentemente como uma tendência, LAZZARINI & NUNES(1998).

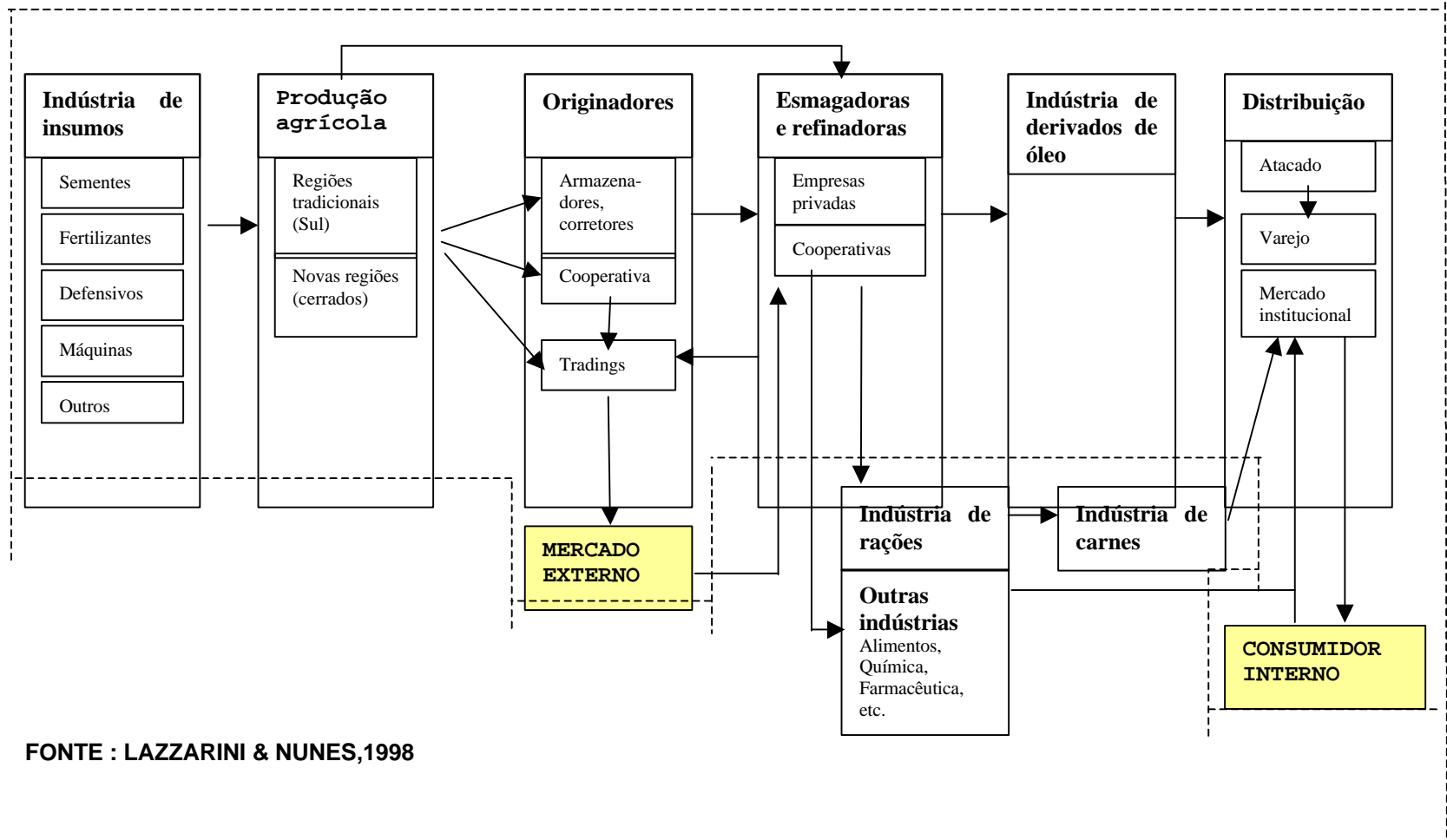
Um segmento importante são os chamados "originadores"²¹. Dada a dispersão das regiões produtoras no Brasil, a atividade de armazenagem não deve se resumir apenas e tão somente à estocagem física de produtos mas também a uma coordenação mais fina do fluxo de suprimentos a partir dos produtores, onde aspectos de logística, suprimento de crédito e transferência de riscos assumem particular importância. A produção agrícola, por sua vez, tem apresentado mudanças como: deslocamento geográfico para a região dos cerrados, aumento do tamanho médio das fazendas, incorporação de novas tecnologias (plantio direto, soja oriunda de biotecnologia, etc.) e crescimento da produção especialmente em novas fronteiras associadas ao desenvolvimento de novos corredores de exportação (como o Corredor Noroeste, explorando os rios Madeira/Amazonas, e o Centro-Norte, com base nos Rios das Mortes/Araguaia, nas Ferrovias Norte-Sul e Carajás e no Complexo Portuário de Ponta da Madeira/Itaqui) LAZZARINI & NUNES(1998).

No segmento de insumos, a indústria de sementes e de Pesquisa e Desenvolvimento em genética desempenham um importante papel. Após a implantação da Lei de Proteção de Cultivares as empresas privadas vêm entrando em um mercado antes ocupado, principalmente, por empresas públicas de pesquisa (EMBRAPA e outras.), ao mesmo tempo em que arranjos mistos verificam-se em algumas regiões (como é o caso da parceria entre a Fundação MT , privada e a EMBRAPA, pública). A pesquisa genética tem sido orientada para aumentos de produtividade e resistência a pragas e doenças, porém com pouca

²¹ **Originadores** - Diz-se dos agentes econômicos que realizam a interface entre produtores e estágios "a jusante" , coordenando o suprimento de matérias-primas por meio da aquisição, armazenagem e distribuição de matérias-primas. "Originadores" envolvem *tradings*, cooperativas, corretoras, armazenadores e até mesmo empresas de esmagamento com departamentos internos destinados a esta função(i.e. Cargill). LAZZARINI & NUNES,1998:199).

orientação para aspectos qualitativos (o que tem trazido problemas em algumas regiões, como é o caso do baixo teor de proteína da soja oriunda do Paraná). A aplicação da biotecnologia no processo de pesquisa e desenvolvimento em genética deve trazer impactos consideráveis para redução de custos e diferenciação da soja com base em atributos de qualidade LAZZARINI & NUNES(1998). Assim, ao longo do Sistema da soja, observam-se características de cada segmento e suas características principais.

FLUXOGRAMA 3 : DELIMITAÇÃO DO SAG-SISTEMA AGROINDUSTRIAL DA SOJA NO BRASIL



FONTE : LAZZARINI & NUNES,1998

Com relação à importância econômica do Sistema Agroindustrial brasileiro a TABELA 4 e o GRÁFICO 3 demonstram, em valores, o superávit do saldo do balanço comercial brasileiro obtido pelo por ele ao longo destes últimos anos. A partir de 1995, com o processo mais acelerado de liberação econômica e desregulamentação das tarifas de importação, o país passa a apresentar um saldo negativo em sua balança comercial.

O fato a se destacar é o saldo do Sistema Agroindustrial, que permanece mais ou menos constante, com crescimento no ano de 1997, principalmente por conta do aumento de preços das *commodities* agrícolas. Em 1998 verifica-se uma ligeira queda no valor. O fato deste setor da economia vir sistematicamente apresentando saldos positivos no balanço comercial significa que ele ajudou em muito a não piorar o desempenho do país. Analisando-se as exportações do sistema agroindustrial, vê-se que a partir de 1993 são crescentes, mantendo as importações estabilizadas, com o saldo das demais setores da economia bastante deficitários e crescentes, a partir de 1994.

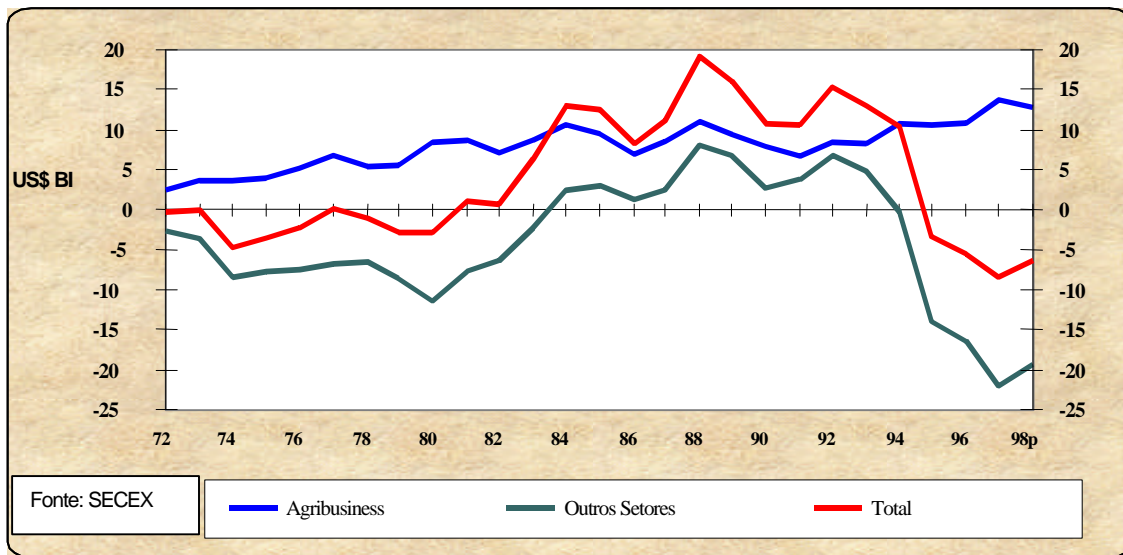
Esta é uma das provas da competitividade do Sistemas Agroindustriais brasileiros, com destaque especial para o sistema da soja.

TABELA 4 : SALDO COMERCIAL BRASILEIRO (US\$bilhões)

	92	93	94	95	96	97	98p
Saldo da Balança Comercial	15,3	13,1	10,5	-3,4	-5,6	-8,4	-6,4
Exportações	35,9	38,6	43,5	46,5	47,7	53,0	51,5
Importações	20,6	25,5	33,1	49,9	53,3	61,4	57,8
Saldo do Sistema Agroindustrial *	8,5	8,4	10,7	9,9	10,2	13,0	12,9
Exportações do Sistema Agroindustrial	11,0	11,9	15,3	16,7	17,3	19,7	19,3
Importações do Sistema Agroindustrial	2,5	3,5	4,6	6,8	7,1	6,8	6,4
Saldo demais setores da economia	6,8	4,7	-0,2	-13,3	-15,7	-21,4	-19,3

FONTE: SECEX P=Preliminar

Sistema Agroindustrial = Grãos, café, celulose, carnes, lácteos, laranja, fumo, açúcar, algodão, cacau e outros.

GRÁFICO 3 : BALANÇO COMERCIAL BRASILEIRO

A soja é o principal produto do Sistema Agroindustrial brasileiro em geração de renda, quando comparado com outros sistemas. A TABELA 5 mostra a geração de renda obtida por este sistema nos últimos quatro anos e a sua primazia frente aos demais produtos. A queda na renda observada no ano de 1998 deveu-se à baixa cotação internacional dos produtos do complexo soja verificada neste ano, a mais baixa dos últimos 5 anos.

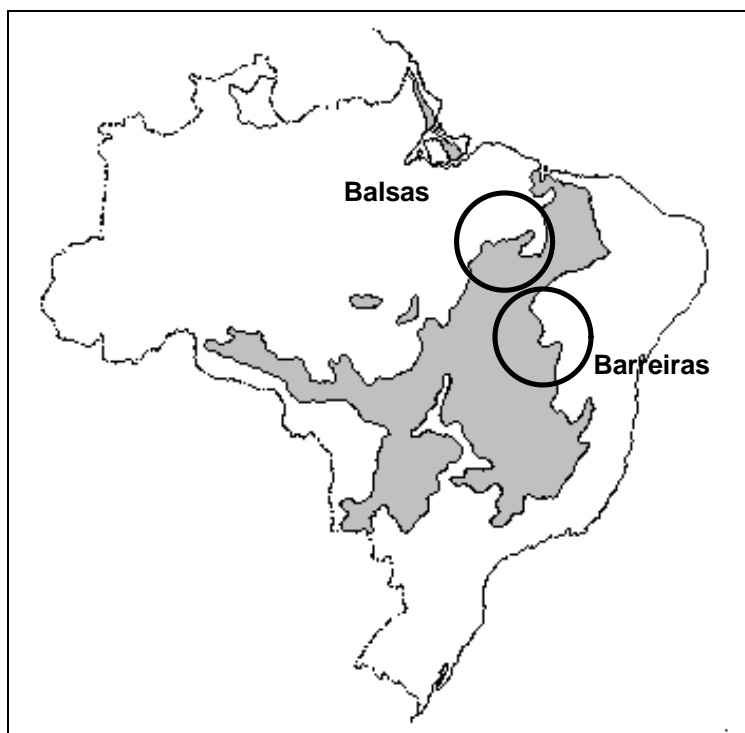
TABELA 5 : RENDA BRUTA POR PRODUTOS NO BRASIL (US\$ bilhões)

Produtos/Ano	1995	1996	1997	1998
Outros Produtos	5,92	6,04	6,19	6,4
Soja-Grão	4,55	5,00	7,22	5,74
Cana de Açúcar	4,15	4,504	5,74	5,1
Milho	4,50	4,49	4,49	3,55
Café coco	2,38	2,32	2,09	3,31
Laranja	2,81	1,80	2,55	2,53
Arroz casca	2,17	2,16	2,20	2,19
Feijão	1,56	1,64	1,87	1,60
Fumo folha	0,83	0,97	1,27	1,3
Tomate	1,14	1,10	0,90	1,23
Batata	0,86	0,60	0,82	1,16
Algodão	0,84	0,57	0,49	0,58
Cacau	0,31	0,28	0,44	0,43
Banana	0,29	0,20	0,16	0,14
Total	27,70	26,76	36,50	35,28

FONTE: IBGE, FGV e FNP Consult.

Com o deslocamento geográfico da soja para as regiões Centro-Oeste e Cerrados Nordestinos verifica-se o interesse que esses fatos tem para esta pesquisa, pois é no Nordeste do Brasil que situam-se as áreas aqui estudadas de Balsas e Barreiras como mostram as FIGURAS 1 numa escala nacional e a 2 numa escala mais regional .

FIGURA 1 : ÁREAS DE CERRADOS NO BRASIL E AS REGIÕES DE FRONTEIRA AGRÍCOLA DE SOJA ESTUDADAS : BALSAS - ESTADO DO MARANHÃO E BARREIRAS - ESTADO DA BAHIA.



FONTE : Base Cartográfica Harvard Graphics, in LAZZARINI, 1997.

Escala aproximada 1 : 30.000.000

FIGURA 2 : ÁREAS DE CERRADOS NORDESTINOS DENTRO DAS QUAIS INSEREM-SE OS LOCAIS APTOS AO PLANTIO DE SOJA.



FONTE: FERNANDES (1998)
Sem Escala

Dentre os países em desenvolvimento o Brasil é o país que possui o maior número de multinacionais operando em seu território. Das 500 maiores empresas internacionais, 382 operam no Brasil. Destas empresas muitas operam os produtos do sistema agroindustrial da soja e estão presentes nas áreas estudadas. Isso demonstra o grau em que os processos de internacionalização do capital e de globalização econômica realizam-se no Brasil como mostra a TABELA 6:

TABELA 6 : PRINCIPAIS EMPRESAS EXPORTADORAS DE SOJA NO BRASIL
Classificação pelo valor das exportações-Base 1997 por valor exportado
(US\$1.000 FOB)

Empresa	Classificaçã	1995	1996	1997
	o			
Glencore *	1	82.079	96.970	393.906
Cargill *	2	37.526	34.688	197.638
Ceval *	3	23.154	33.726	187.099
Maggi	4	12.281	43.945	153.515
Contibrasil *	5	15.062	6.283	137.358
Toepfer *	6	2.524	5.662	83.718
Eximcoop	7	23.123	38.154	68.339
Ovetril	8	14.245	87.279	64.720
Braswey	9	16.925	24.922	59.670
Coinbra *	10	15.989	0,0	54.406
Coop.	11	10.189	16.846	46.507
Mourãoense				
Cotia Trading	12	0,0	15.501	43.197
Ceval	13	20.568	0,0	42.757
Centroeste *				
Hering S.A.	14	0,0	31.464	36.620

FONTE : FNP Consult. , SECEX, DECEX

*** Empresa Transnacional**

O Brasil é um dos atores potencialmente importantes do processo de globalização da economia. De 1994 a 1996, tem sido como um dos principais captadores de recursos externos do mundo em volume de investimentos oriundos da Alemanha, Estados Unidos, França, Itália, Suécia, Suíça e Holanda.

Depois da queda dos mercados da Ásia e da Moratória da Rússia , em meados de 1998, o Brasil passa a ser um dos maiores exportadores de capital do mundo tendo ocorrido uma transferência enorme da ordem de 40 bilhões de

dólares em menos de três meses. No capítulo 2 esse assunto será visto com maiores detalhes.

A história da soja no Brasil tem características muito peculiares. Incipientemente cultivada antes dos anos 60 a cultura soja expande bastante sua área cultivada, após conjunturas favoráveis na década de 70, tornando-se a cultura de maior expansão no Brasil.

Cultivada em rotação com o trigo com a finalidade de garantir uma remuneração extra ao produtor, principalmente no sul do país, HERMANN (1998:4), a rentabilidade proporcionada pela soja conquistou produtores de todo Sul e Sudeste. O deslocamento da soja para o Brasil central inicia-se em fins dos anos 70 e para os cerrados nordestinos em meados da década de 80.

Com 12 milhões de hectares plantados e uma produção, em 1998, de mais de 25 milhões de t a soja é hoje, sem sombra de dúvidas, a principal cultura brasileira, ocupando quase 40% da área plantada com culturas de verão no Brasil.

Em menos de 35 anos a produção de soja passou de 500 mil t, em 1965 para mais de 32 milhões de toneladas em 1998 como mostra a TABELA 7. Percebe-se a grande evolução da produção no sul, principalmente no estado do Paraná, na região Centro-Oeste e na região Nordeste.

TABELA 7 : PRODUÇÃO DE SOJA : BRASIL E REGIÕES 1969-1998
(em milhões de toneladas)

Ano\Região	BRASIL	SUL	CENTRO-OESTE	SUDESTE	NORDESTE	NORTE 1
1969	1,05	0,98	0,01	0,06		
1970	1,50	1,39	0,019	0,09		
1971	2,07	1,93	0,06	0,08		
1972	3,21	2,96	0,07	0,18		
1973	4,91	4,45	0,10	0,36		
1974	7,86	6,89	0,40	0,57		
1975	9,84	8,78	0,30	0,76		
1976	11,21	10,00	0,34	0,87		
1977	12,45	10,80	0,78	0,87		
1978	9,53	8,07	0,57	0,88	0,01	
1979	10,24	8,05	1,13	1,04	0,02	
1980	15,15	11,85	1,90	1,38	0,02	
1981	15,00	11,71	1,98	1,30	0,01	
1982	12,83	8,95	2,49	1,38	0,01	
1983	14,60	9,98	3,14	1,44	0,04	
1984	15,92	10,11	3,95	1,42	0,44	
1985	19,02	10,68	5,66	1,84	0,84	
1986	13,32	6,37	5,09	1,71	0,15	
1987	16,96	9,26	5,82	1,73	0,15	
1988	18,01	8,92	6,75	1,93	0,41	
1989	24,02	11,98	8,92	2,51	0,61	
1990	19,88	11,50	6,44	1,68	0,22	0,04
1991	14,99	6,00	6,51	1,96	0,44	0,08
1992	19,20	9,43	7,40	1,82	0,52	0,02
1993	22,57	11,25	8,50	2,09	0,68	0,03
1994	25,83	11,20	10,12	2,49	1,01	0,05
1995	26,85	11,98	10,00	2,38	1,26	0,04
1996	24,37	11,22	9,12	2,22	0,92	0,01
1997	27,01	11,85	10,10	2,51	1,3	0,03
1998	32,02	14,21	11,92	2,63	1,63	0,01

FONTE: IBGE

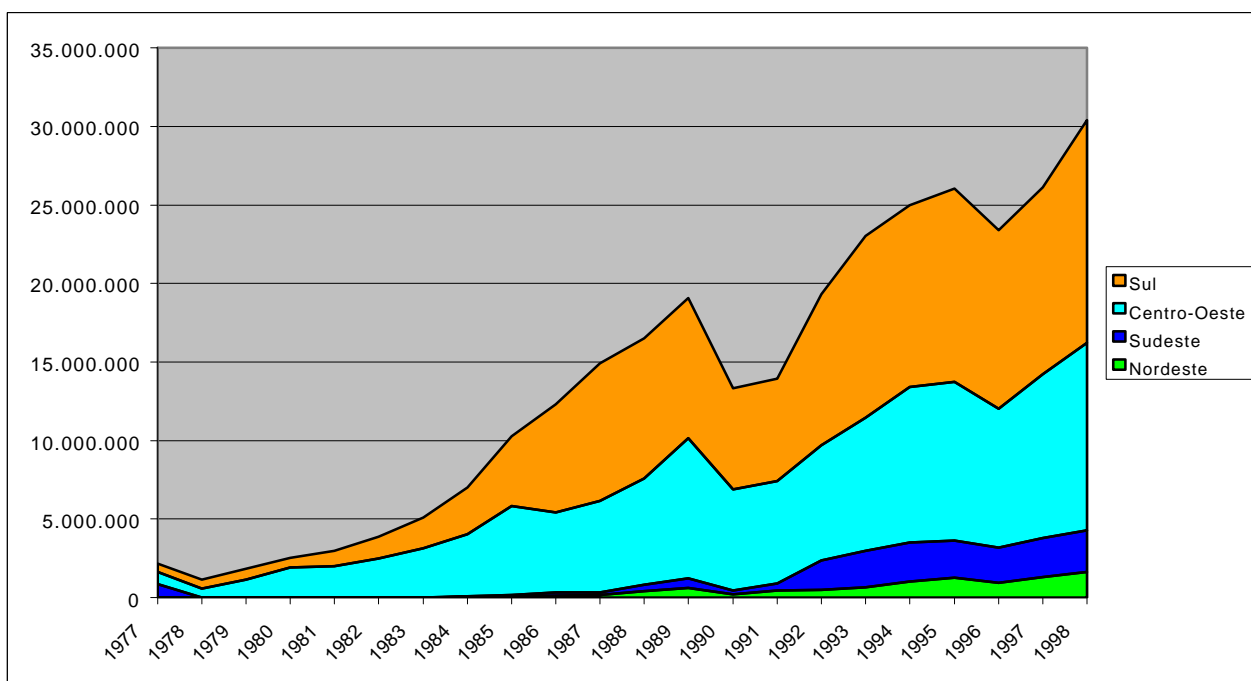
1 Inclui o estado do Tocantins, a partir de 1990, desmembrado da Região Centro-Oeste

Interessa diretamente a esta pesquisa esta movimentação geográfica que a soja vem realizando. Antes pioneira na produção, com cerca de 93 % da produção

total na safra de 1969, a região Sul, apesar de continuar a crescer bastante por causa dos plantios do Paraná, perde espaço para as regiões Centro e Nordeste.

O GRÁFICO 4 mostra o crescimento regional da produção da soja. Esta, agindo como um vetor de ocupação e formação espacial, desloca produtores sulistas para regiões do país nas quais a soja nunca havia sido antes cultivada. Esse capital humano em movimento, leva consigo o conhecimento (*know-how*), refinadas técnicas de planejamento, administração da produção e uso de insumos, apoiada por técnicas desenvolvidas pela EMBRAPA²².

GRÁFICO 4 : DESLOCAMENTO GEOGRÁFICO DA PRODUÇÃO DA SOJA.



FONTE: IBGE, FNP Consult.

²² **EMBRAPA**-Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias, empresa estatal brasileira responsável pela pesquisa básica agropecuária.

Por pressões exercidas por estes pioneiros juntos aos governos municipais e estaduais, rapidamente estabeleceram-se meios de comunicação integrando estas duas regiões aos mercados internacionais, consumando a globalização da atividade sojícola nestas fronteiras.

Em outros períodos do avanço da soja, em outras fronteiras como o oeste do Paraná na década de 70, o Mato Grosso do Sul e Mato Grosso nos anos 70 e 80, não houve a participação dos computadores e meios técnicos de comunicação. Assim, este fenômeno, da globalização do mercado da soja, veio a materializar-se neste período, quando da consolidação após, 1987 da ocupação das fronteiras de Balsas e Barreiras.

Com a expansão da soja para o centro oeste e nordeste, promovido principalmente por gaúchos verifica-se outros fenômenos demográficos :

" Uma espécie de diáspora gaúcha (sulista) se difunde pelo interior brasileiro, concomitantemente à modernização capitalista, estendendo-se na década de 1980, com a expansão da soja na área de cerrados, até a região nordeste. Tomando por base o encontro entre sulistas e nordestinos, notadamente nas áreas de cerrados baianos, mostramos a relevância deste recorte identitário na análise das transformações sócio-espaciais em curso naquele espaço."
COSTA (1995:5).

As características do sistema de produção das novas fronteiras agrícolas eram bem diferentes daquelas existentes no sul do país. Enquanto no sul predominava a pequena propriedade, com o crédito e tecnologia fornecidos pelas cooperativas, na regiões de fronteiras predominam as médias e grandes propriedades. Com os preços baratos das terras nas regiões de fronteiras, os gaúchos e sulistas em geral podiam comprar mais de 40 ha com a venda de apenas um hectare no sul.

Há muitos fatores que impulsionaram o desenvolvimento da cultura da soja no Brasil, no início dos anos 70. Dentre estes cita-se : quebra da safra nos Estados Unidos; redução na produção de anchovas no Peru, que reduziram a oferta de produtos protéicos para rações animais; embargo americano da venda de grãos promovido pelo Presidente Richard Nixon à União Soviética.

Esses fatores fizeram os preços da tonelada do produto subir, da noite para o dia de 180 para 700 dólares a tonelada, GIORDANO,(1993).

Para o produtor brasileiro não poderia haver estímulo melhor. O entusiasmo pela soja tornou-se tão grande que muitos agricultores do sul do país foram atraídos para os Estados Unidos, dispostos a conhecerem in loco a produção e comercialização naquele país:

*" em 1974, a cooperativa Cotrijuí reuniu um grupo de 117 curiosos, dentre os quais 54 agricultores gaúchos, e fretou um vôo para os Estados Unidos no intuito de conhecer de perto as tecnologias americanas. Além das propriedades rurais, a missão brasileira visitou a Bolsa de Chicago (Chicago Board of Trade), Meca das transações envolvendo a soja. Ali aprenderam os modernos instrumentos de comercialização agrícola e os determinantes de oferta e demanda na formação do preço da soja. **Em segundos aqueles agricultores se deram conta de que começavam a participar de um mercado sem fronteiras e que ali nascia o agribusiness brasileiro da soja.**"* , HERMANN,(1998:5). Esta autora também corrobora a opinião que a soja constitui-se num mercado globalizado.

Com a criação e forte atuação do Centro Nacional de Pesquisas do Cerrado, da Embrapa, esta passa a fazer o papel, no centro-oeste e nordeste, dos departamentos técnicos das cooperativas do sul do país.

Mas afinal por que essas áreas geraram tanta cobiça para os agricultores, especialmente para os sulistas? Pode-se comparar essa corrida da soja para o centro-oeste e nordeste à corrida do ouro no Clondike-Alaska no século dezenove. Destaca-se, dentre os fatores que se apresentaram para a formação sócio-espacial das áreas de plantio de soja no centro-oeste e nordeste :

- preços crescentes da *commodity* nos mercados internacionais ;

- preços acessíveis das terras para os descapitalizados produtores do sul;
- conhecimento dos agricultores da técnica e da arte de produzir soja;
- presença de órgãos de pesquisa do Governo dando suporte à produção na forma de ensaios de adubação e genética para adaptar espécies de soja aos cerrados e às latitudes mais próximas do Equador;
- demanda firme pela soja devido à alta capacidade total de processamento das indústrias moageiras²³ ;
- subsídios repassados aos produtores na forma de crédito rural.

À medida que a ocupação do centro-oeste foi consolidando-se, bem como a do Nordeste na Bahia, em Barreiras, muitos pioneiros adentraram o sul do Maranhão e encontraram terras muito boas em topografia e estrutura. Mais para o norte acompanhando a mesma formação geográfica Serra Geral, onde situa-se a área de Barreiras, os pioneiros encontram a área de Balsas, no sul do Maranhão, também promissora para a cultura de soja.

Importante internacional e nacionalmente, considerar-se-á nesta pesquisa que o mercado da cultura da soja é uma atividade globalizada, por utilizar-se de meios técnicos, científicos e informacionais. As cotações, independentemente de onde o produtor esteja, são formadas em Chicago, na Bolsa. O produtor através de uma simples ligação telefônica celular obtém as informações sobre oferta e demanda onde quiser, para ajudá-lo nas decisões de gerenciamento do produto.

Muitas empresas transnacionais estão presentes nas áreas desta pesquisa, fazendo da compra, venda e financiamento desta cultura, uma atividade lucrativa e acumuladora de capital. Ressalte-se que essas empresas não possuem sequer um metro quadrado de terreno plantado.

A soja é a próteo-oleaginosa²⁴ de maior importância no mundo, por seu volume transacionado, e tem uma importância muito grande para o Brasil como se

²³ A Alta capacidade total de processamento das indústrias brasileiras refere-se a uma ociosidade grande, da ordem de 40%, segundo a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais-ABIOVE, reflete um planejamento precário da expansão da capacidade instalada brasileira de moagem, em relação ao crescimento da produção de matéria prima.

²⁴ **Próteo-oleaginosa** - Diz-se das plantas que tem dupla habilidade de produzir proteína e óleo. A proporção de proteína é maior que a de óleo. Nota do Autor.

viu. Com enormes estoques de terras de cerrados ainda baratas, espera-se que o seu cultivo seja ampliado no decorrer dos próximos anos. Como verificou-se ao longo deste capítulo a soja atua como vetor de ocupação territorial, acelerando-se ao longo das décadas mais recentes sua velocidade de ocupação determinada pela técnica, pela ciência e pela informação.

Serão vistos no Capítulo II o Processo de Globalização da economia e o mercado internacional. A globalização e seus processos serão revistos pelo prisma de diversos autores, tentando alinhar as questões gerais de globalização com as questões específicas do Brasil e, em especial, com os fragmentos de Balsas e Barreiras. A relação lugar-mundo e o sistema-mundo serão contrapostos para mostrar como funciona a demanda internacional por esse produto e seus derivados e seus rebatimentos no desempenho e formação da competitividade regional, do fragmento do todo, da parte que sobrevive e reage ao processo de globalização.

Será feita uma análise da globalização do mercado da soja no mundo, no Brasil e em Balsas e Barreiras, que esclarecerão um pouco mais essa trilha que se persegue, em direção à comprovação da hipótese de trabalho, enunciada na Introdução.

Capítulo II A Globalização e o Mercado Internacional

Neste capítulo serão analisadas as diversas teorias a respeito da globalização, mundialização e internacionalização e também o funcionamento do Mercado Internacional de *commodities* agrícolas, tentando-se estabelecer um elo de ligação entre os procedimentos do mercado frente à globalização, que interessarão, de maneira particular, ao presente estudo de regiões globalizadas e competitivas. Inicialmente revisar-se-á diversos conceitos apresentados na bibliografia encontrados em dicionários, publicações passadas da mídia e por cientistas sociais de várias formações como: ciências econômicas, ciências sociais, antropologia, história e geografia.

1 A Globalização e suas Teorias

Embora a palavra **global**, de acordo com o OXFORD ENGLISH DICTIONARY, tenha mais de 400 anos de idade, o uso generalizado das palavras, globalizar e globalizado iniciou-se apenas ao redor de 1960, WATERS (1996:2). De acordo ainda com este autor, a Revista The Economist de 4/4/1959 noticiava que a *“quota globalizada italiana para carros importados havia aumentado”*. Deve-se ressaltar aqui que na verdade ha uma confusão de termos pois a tal quota globalizada é, na verdade a quota mundializada.

Em 1961 o WEBSTER DICTIONARY tornou-se o primeiro a oferecer definições de **globalismo** ou seja : " A Globalização ou uma política promovendo a globalização" e de **globalização** qual seja : " O ato ou processo ou política de tornar algo mundial em escopo ou aplicação ". Outra vez verifica-se que esta é uma definição de mundialização.

Em 1962 a renomada revista *The Spectator* (5/10/62) identificou que o : *“O globalismo é, de fato, um conceito claudicante.”*

A globalização não teve reconhecimento acadêmico significativo até o início, ou meados dos anos 80, e, após esse período o termo tornou-se bastante "globalizado", como citava ROBERTSON(1992).

Sobre tais conceitos e introduzindo o leitor naquele aceito por esta tese, define-se a mundialização de mercadorias como fato histórico e antigo na humanidade, respeitadas as possibilidades de conhecimentos do mundo. Ou seja o Brasil mundializa-se a partir da sua inserção no mundo. Já a globalização , pressupõe um domínio refinado da relação espaço tempo, redundando em implicações profundas nas relações sócio-espaciais por toda a terra. (SOUZA,1996:6).

Apoiado também nos conceitos enunciados por SANTOS(1994 a :48) a partir da introdução do conceito da informação, no período técnico-científico, a amplificação dos sistemas mundiais, com o domínio da relação espaço-tempo verifica-se a unificação do planeta em um só mundo.

Diz SANTOS (1996 :190) sobre o meio técnico-científico-informacional, a que esta tese refere-se, quando trata de Balsas e Barreiras:

*" O terceiro período começa praticamente após a Segunda guerra mundial e, sua afirmação, incluindo os países de terceiro mundo, vai realmente dar-se nos anos70. É a fase a que R. Richta (1968) chamou de período técnico-científico, e que se distingue dos anteriores, pelo fato da profunda interação da ciência e da técnica, a tal ponto que certos autores proferem falar de tecnociência para realçar a inseparabilidade atual dos dois conceitos e das duas práticas. **Essa união entre técnica e ciência vai dar-se sob a égide do mercado.** E o mercado, graças exatamente à ciência e à técnica, torna-se um mercado global. A idéia da ciência, a idéia da tecnologia e a idéia do mercado global devem ser encaradas conjuntamente e desse modo podem oferecer uma nova interpretação à questão ecológica, já que as mudanças que ocorrem na natureza também se subordinam a essa lógica. **Neste período, os objetos tendem a ser ao mesmo tempo técnicos e informacionais, já que, graças à extrema intencionalidade de sua produção e de sua localização, eles já surgem como informação; e, na verdade, a energia principal de seu funcionamento é também a informação. Já hoje quando nos referimos às manifestações geográficas decorrentes dos novos progressos, não é mais de meio técnico que se trata. Estamos diante da produção de algo novo, a que estamos chamando de meio técnico-***

científico-informacional. Da mesma forma como participam da criação de novos processos vitais e da produção de novas espécies(animais e vegetais), a ciência e a tecnologia, junto com a informação, estão na própria base da produção, da utilização e do funcionamento do espaço e tendem a constituir seu substrato."

Nestes casos pesquisados de Balsas e Barreiras comprovou-se, ao longo desta tese, o acerto da teoria proposta por SANTOS , através dos dados empíricos.

Assim, estabeleceu-se nesta tese que, a cultura da soja é atividade mundializada, visto que é praticada e comercializada entre países do mundo, no período técnico, que pressupõe a materialidade e científico que pressupõe a possibilidade de intervenção. Já o seu mercado, é uma atividade globalizada, em face da "instantaneidade" (na verdade na velocidade da luz) com que se fazem as ordens de compra e venda de "papéis" que a representam, apoiadas inteiramente na informação, provida pela ciência da informática que estabelece novas relações espaço-tempo.

Deve ser ressaltado que a língua inglesa não possui um vocábulo²² significando mundialização, daí o fato dos autores que escrevem nesta língua não fazerem esta distinção. Nota-se, na revisão da literatura, feita sobre globalização, uma confusão deste vocábulo com os termos mundialização e internacionalização.

Dentre as várias questões encontradas no tema globalização uma delas é a quantidade de metáforas de que se utilizam variados autores e mídia em geral, para definirem e expressarem a globalização. Inúmeros termos metafóricos são colecionados e citados por IANNI (1995:15): " *no período da globalização o mundo passou a ter expressões descritivas e interpretativas que circulam pela bibliografia da globalização tais como : "economia-mundo", "sistema-mundo", "shopping center global", "Disneylandia Global", " Nova Visão Internacional do*

²² Pesquisou-se este vocábulo sem sucesso nos seguintes dicionários: **THE AMERICAN HERITAGE DICTIONARY**, Second College Edition, Boston, Houghton MifflinCompany, 1982; **OXFORD ADVANCED LEARNER'S DICTIONARY OF CURRENT ENGLISH**, Oxford University Press, 1974.

Trabalho”, “ *Moeda global*”, “*Cidade Global*”, “*Capitalismo Global*”, “*Mundo sem fronteiras*”, “*Tecnocosmo*”, “*Planeta terra*”, “*Desterritorialização*”, “*Hegemonia Global*”, “*Fim da Geografia*”, “*Fim da História*” .

Muitas das idéias descritas com essas acepções são contempladas na metáfora da aldeia global, sugerindo uma comunidade mundial como Marshall MacLuhan já havia previsto na década de 70 .

Outras metáforas são mencionadas como mostra ORTIZ,(1994:14):

" Sociedade informática (Adam Schaff), Primeira revolução mundial (Alexander King), passagem de uma Economia de alto volume para economia de alto valor (Robert Reich), terceira onda (Alvin Tofler) ".

Aparentemente esse volume de interpretações e conceitos revela uma realidade que ainda emerge de forma incompleta no horizonte das ciências humanas, talvez por uma falta de entendimento da questão, talvez por falta de pesquisas mais acuradas sobre o tema.

WATERS, um autor de língua inglesa, oriundo das ciências sociais, define globalização como :

“ Um processo social no qual as limitações geográficas nos arranjos sociais e culturais diminuem e no qual as pessoas tornam-se cada vez mais conscientes que essas limitações estão diminuindo.” WATERS(1996:3).

Ainda de acordo com este autor, a Globalização ocorre em três níveis da vida social, que são:

- *na Economia - os arranjos sociais para a produção, troca, distribuição e consumo de bens e serviços tangíveis;*
- *na Política - os arranjos sociais para a concentração e aplicação de poder , especialmente quando envolva a troca organizada de coerção e supervisão (militar, policial, etc.) bem como as transformações institucionais dessas práticas como: autoridade e diplomacia, que podem estabelecer controle sobre a população e sobre territórios;*
- *na Cultura - arranjos sociais para a produção, troca e expressão de símbolos que representem fatos, efeitos, significados, crenças, preferências , gostos e valores.*

Os três diferentes tipos de troca que se aplicam a cada um desses três níveis são:

Trocas materiais incluindo comércio, a posse, salário-trabalho, remuneração por serviços e acumulação de capital;

Trocas políticas de apoio, segurança, coerção, autoridade, força, patrulhamento, legitimidade e obediência ;

Trocas simbólicas por meio de comunicação oral, publicações, desempenho, ensino, oratória, ritual, propaganda, anúncios, demonstração pública, acumulação e transferência de dados, espetáculos e exposições.

WATERS conclui que : " *As trocas materiais localizam ; as trocas políticas internacionalizam ; e as trocas simbólicas globalizam*". WATERS, (1996: 9).

Não se percebe uma contribuição suficiente para o esclarecimento da questão enfocada como globalização nesta tese. Esta questão extravasa esta classificação proposta por Waters. As trocas materiais não são apenas locais, podem ser e são mundiais, contradizendo o autor, comprovado com a cultura da soja, nas regiões de Balsas e Barreiras, mostrada nesta tese.

As trocas políticas também são mundializadas e globalizadas, e não meramente internacionais. A hegemonia atual dos Estados Unidos é exemplar, agindo, através do poder bélico tecnológico de coerção, como uma espécie de guarda global, com uma rede altamente sofisticada de equipamentos.

Sua ação não resume-se apenas a coerção entre nações mas entre todas as nações. As suas ações dão-se através de Instituições Internacionais como a ONU²³, OMC²⁴, OTAN²⁵ e outras de forma global, pelo poder hegemônico que exerce sobre a tecnologia , especialmente a bélica (de coerção i.e. guerra nas estrelas). Exerce um poder enorme também na competitividade agrícola via a ampliação cada vez maior da agricultura de precisão. Esta foi baseada fortemente na tecnologia militar de satélites , estações rádio-base, previsão de tempo, cobertura geral da terra com informações e capacidade de visualização de praticamente tudo que passa na superfície da terra.

²³ ONU - Organização das Nações Unidas ou UN - United Nations.

²⁴ OMC - Organização Mundial do Comércio ou WTO - World Trade Organization.

Também da área das ciências humanas, especialmente na sociologia, encontram-se autores que se propõem entender os processos de mundialização de uma forma dinâmica, acoplada à evolução no tempo, do modo capitalista de produção. O sociólogo IANNI,(1993:37-38) explicita uma divisão do capitalismo em ciclos onde desenvolver-se-iam as etapas da globalização:

“ pelo menos três formas, épocas ou ciclos de grande envergadura na história do capitalismo. Na primeira, o modo capitalista de produção organiza-se em moldes nacionais. No segundo, o capitalismo organizado em bases nacionais transborda fronteiras, mares e oceanos. No terceiro, o capitalismo atinge uma escala global.”.

Porém nem todas as ações do capitalismo são globalizadas, seguindo o entendimento que se dá a esta tese. Algumas ações, como o capitalismo financeiro sim, são globalizadas ou ocorrem em escala global, como demonstrado pela globalização do mercado da soja. Outras formas de capitalismo como o patrimônio imobiliário são locais e assim permanecerão pelos tempos, podendo ser internacionais, mas não globalizadas.

Já GIDDENS (1991:69) discute a globalização do ponto de vista da modernidade, afirmando que a modernidade é inerentemente globalizante, e , ainda mais importante para a discussão das hipóteses desta pesquisa, afirma que na era moderna o nível de distanciamento tempo-espço é muito maior do que em qualquer período precedente. Afirma ainda que e as relações entre formas sociais e eventos locais e distantes se tornam correspondentemente "alongadas".

"A globalização se refere essencialmente a este processo de alongamento, na medida em que as modalidades de conexão entre diferentes regiões ou contextos sociais se enredaram através da superfície da Terra como um todo. A globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa.

²⁵ OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte ou NATO - North Atlantic Treaty Organization.

Aqui, a associação dessa descrição teórica aos fatos empíricos encontrados nas regiões de Balsas e Barreiras é impressionante.

Do um ponto de vista dos cientistas econômicos verificou-se, na Conferência: " *Globalização. O que é e quais as suas implicações* ", realizada na Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo em 1996 , uma série de definições que nem sempre correspondem aos conceitos utilizados nesta tese. ZINI & ARANTES,(1996: ii) definem a globalização como:

“ a aceleração das trocas de bens, serviços, contratos, informação, viagens internacionais e intercâmbio cultural. Os contratos e intercâmbio internacionais sempre existiram e não seriam suficientes, per se, para caracterizar tais atos e processos como novos. Mas a velocidade nas quais tais trocas são efetuadas aumentaram exponencialmente na década passada. Em termos gerais, a globalização é a ampliação das trocas dos povos de diferentes países, sob as instituições do capitalismo.”

A exemplo de outros autores este também considera alguns fatores como impulsionadores do processo de globalização: Tecnologia Informacional ; Telecomunicações ; Barateamento e aumento do transporte marítimo internacional; afluxo de Instituições do Capitalismo para muitas partes do mundo, facilitando o acesso aos mercados financeiros Internacionais.

Estes fatores interdependentes, segundo os mesmos autores, implicam que a globalização tem uma clara inclinação capitalista, na qual os países procuram imitar os mecanismos de mercado das economias industrializadas.

A crítica que se faz a essa definição e que a deixa incompleta, é que , para que se possa ter um processo de globalização, a tecnologia não pode ser considerada apenas como um fator de aceleração, mas, pelo contrário, um de seus fundamentos.

Ainda entre os economistas, FURTADO(1998:75) posiciona-se a respeito da globalização afirmando que:

"A globalização é acima de tudo um fenômeno financeiro, mas com projeções significativas nos sistemas de produção. Hoje as grandes empresas projetam sua localização em escala planetária".

De outro lado faltam ainda as questões dos espaços globalizados e as questões geográficas e históricas envolvidas nesse processo.

WALLERSTEIN(1979) apresenta a concepção do moderno sistema-mundo, baseado em uma categoria analítica - o imperialismo, não colocando nem uma linha sobre o espaço geográfico e sobre a globalização deste. Ele baseia sua análise na mundialização do capitalismo, do sistema mundo nas dinâmicas históricas e econômicas e políticas do denominado capitalismo histórico²⁶. O sistema mundial é definido como :

" Um sistema mundial é um sistema social, um sistema que possui limites, estrutura, grupos, membros, regras de legitimação e coerência. Sua vida resulta das forças conflitantes que o mantém unido por tensão e o desagregam , na medida em que cada um dos grupos busca sempre reorganizá-lo em seu benefício. (...) Tem as características de um organismo, na medida em que tem um tempo de vida durante o qual suas características mudam em algum de seus aspectos, e permanecem estáveis em outros. Suas estruturas podem definir-se como fortes ou débeis em momentos diferentes, em termos de lógica interna de seu funcionamento. O capitalismo tem sido capaz de florescer precisamente porque a economia-mundo continha dentro de seus limites não um, mas múltiplos sistemas políticos". WALLERSTEIN(1979:489-491)

²⁶ O que distingue o sistema social histórico, que estamos chamando de capitalismo histórico é o fato de que, neste sistema histórico, o capital veio a ser usado(investido) de forma muito específica. Veio a ser usado com o objetivo ou intenção básica de auto expansão. WALLERSTEIN,(1985:10)

As concepções deste autor colocam amarras, na forma de limites, regras, modelos determinados ao sistema-mundo que propõe. Estes limites, com a aceleração do tempo, no mundo atual, tendem a zero, ou seja tendem a inexistir. Ele divide em dois sub-sistemas : o império - mundo e a economia - mundo, dentro da qual, o capitalismo pode florescer devido aos múltiplos sistemas políticos. Esta concepção também poderia enquadrar-se no conceito de mundialização. Ela choca-se porém frontalmente como a concepção de globalização com que se trabalha nesta tese, não considerando os espaços de globalização, a tecnologia, a ciência e a informação como demolidoras de barreiras de contenção de um sistema.

BRAUDEL propõe o conceito de economia mundo assim:

“ Mais uma vez nos interessa fixar o vocabulário. Necessitaremos, efetivamente, utilizar duas expressões: economia mundial e economia mundo, a segunda mais importante que a primeira. Por economia mundial entende-se a economia do mundo tomada em sua totalidade, ‘o mercado de todo o universo’, como já dizia Sismondi. Por economia-mundo, termo que forjei a partir do alemão Weltwirtschaft , entendo a economia de só uma porção do nosso planeta somente, na medida em que este forma um todo econômico. Escrevi, há muito tempo, que o Mediterrâneo no século XVI constituía por si só uma economia-mundo, ou como também se poderia dizer , em alemão...ein Welt für sich, um mundo em si . Uma economia-mundo pode definir-se como tripla realidade:

Ocupa um determinado espaço geográfico; possui portanto limites, que a explicam e que variam, ainda que com uma certa lentidão. Há inclusive, de vez em quando, se bem que com longos intervalos, umas rupturas . Assim ocorreu após os grandes descobrimentos nos fins do século XV. Assim em 1689, quando a Rússia, graças a Pedro o Grande, se abre à economia européia. Imaginemos atualmente²⁷ uma franca, total e definitiva abertura das economias da China e da URSS: produzir-se-ia , então, uma ruptura do espaço ocidental, tal como existe atualmente.

²⁷ Esta obra de Fernand Braudel foi escrita a partir de uma série de três conferências proferidas na Universidade americana Johns Hopkins em 1977, segundo nota do autor.

Uma economia-mundo aceita sempre um polo , um centro representado por uma cidade dominante, antigamente uma cidade-estado e hoje em dia uma capital, entendendo-se por tal uma capital econômica (Nova Iorque e não Washington, nos Estados Unidos). Ademais podem existir, forma prolongada, dois centros simultâneos em uma mesma economia-mundo : Roma e Alexandria no tempo de Augusto, Antônio e Cleópatra; Veneza e Gênova, nos tempos da guerra de Chioggia (1378-1381), Londres e Amsterdã, no século XVIII, antes da eliminação definitiva da Holanda. Por que um dos centros acaba sendo sempre por ser eliminado. Em 1929, o centro do mundo passou, deste modo ,com um pouco de hesitação mas sem ambigüidades, de Londres para Nova Iorque.

Todas as economias – mundo se dividem em zonas sucessivas. O coração, isto é, a região que se estende em torno do centro: as Províncias Unidas(mas nem todas as províncias unidas) quando Amsterdã domina o mundo no século XVII; a Inglaterra (não toda) ,quando Londres, a partir de 1780, suplantou definitivamente Amsterdã. Depois, vem as zonas intermediárias à volta do pivo central. Finalmente, surgem as zonas marginais vastíssimas que , na divisão de trabalho que caracteriza a economia-mundo, são zonas subordinadas e dependentes, muito mais do que participantes. Nestas zonas periféricas, a vida dos homens evoca freqüentemente o Purgatório, quando não o Inferno. E a situação geográfica é, claramente, uma razão suficiente para isso”.

BRAUDEL(1985: 93-95).

Apesar de incluir a história e a geografia em sua análise de economia mundo, Braudel também não contempla a questão do local e do global, insiste no pólos, nos centros dinâmicos, que praticamente desapareceram, com a tecnologia de transmissão instantânea de dados²⁸. Na última frase, evoca ainda o mito europeu, que os homens que moram nos trópicos estariam perto do inferno(calor, umidade, mosquitos, sol implacável) propiciando, via condições ecológicas, o ócio e a baixa produtividade do trabalho.

²⁸ Esta tecnologia é posterior aos escritos de Braudel, que datam de 1977. O início do uso da micro-computação em grande escala, disseminada aos escritórios e Bancos teve início por volta de 1984.

Com uma análise eurocentrica, escrevendo do ponto de vista dos colonizadores, e com a distinção centro e periferia, estes dois autores não fornecem argumentos convincentes, para que se considere o sistema mundo e a economia mundo suficientes para explicar o processo de globalização, que transcendeu todas as limitações que esses autores colocaram em suas definições.

O que existe na concepção desta tese e pelas definições escolhidas para embasá-la, são os espaços globalizados, suficientes para explicar a formação sócio-espacial de lugares como Balsas e Barreiras, que são exemplos de espaços globalizados.

As melhores definições para explicar estes conceitos de globalização e mundialização foram encontradas nas proposições de SOUZA (1996:6) :

*" Senão, como entender e participar da atual discussão sobre a globalização? Não confundi-la com mundialização das mercadorias, fato antigo na história da humanidade consideradas as respectivas possibilidades de conhecimento do mundo. O Brasil mundializa-se desde o seu descobrimento! A globalização pressupõe **um domínio refinado da relação espaço-tempo**, que terá implicações profundas nas relações sócio-espaciais por toda a superfície da Terra. E, diga-se de passagem, vivemos no mundo global, pela possibilidade oferecida pela técnica de controle dos mercados sem a necessidade de transportar as mercadorias, como no mundo mundializado."*

Explicitando a globalização, verifica-se outras definições que apoiam o entendimento do assunto e os conceitos que se apresentam junto ao vocábulo :

"A globalização constitui o estádio supremo da internacionalização, a amplificação em "sistema-mundo" de todos os lugares e de todos os indivíduos, embora em graus diversos. Neste sentido, com a unificação do planeta, a terra torna-se um só e único "mundo", e assiste-se a uma refundição da "totalidade terra", SANTOS (1994 a:48).

Relativamente à **internacionalização**, o NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO define **internacional** como vocábulo de origem inglesa : *" que se realiza entre nações, relativo às relações entre as nações, que se espalha por diversas*

nações." Ou seja uma definição insuficiente para explicar os fenômenos que interessam a essa pesquisa, qual seja o processo de globalização.

Quando se fala da relação espaço-tempo, no âmbito desta tese, utilizar-se-á o conceito de aceleração contemporânea, para explicar a aproximação das áreas de fronteira de Barreiras e Balsas através da informação globalizada, das bolsas e mercados internacionais:

"Já a história do homem de nossa geração é aquela em que os momentos convergiram, o acontecer de cada lugar podendo ser imediatamente comunicado a qualquer outro, graças a esse domínio do tempo e do espaço à escala planetária. A instantaneidade da informação globalizada aproxima os lugares, torna possível uma tomada de conhecimento imediata de acontecimentos simultâneos e cria entre lugares e acontecimentos, uma relação unitária à escala do mundo. Hoje, cada momento compreende, em todos os lugares, eventos que são interdependentes, incluídos em um mesmo sistema global de relações." SANTOS(1997: 162).

As Regiões Inseridas na Economia Globalizada assumem cada vez mais destaque num mundo globalizado/fragmentado. Daí o fato de se ter escolhido as regiões de fronteira agrícola de plantio de soja em Barreiras na Bahia e Balsas no Maranhão como exemplos de formação sócio-espacial de regiões competitivas e espaços globalizados para a produção de soja, colonizadas por produtores rurais pioneiros do sul do Brasil.

Explica-se , assim, o interesse em definir nessa pesquisa a globalização, em que contexto ela surge, nos tempos históricos, e de que forma.

Nesta contemporaneidade que se vive, compreender a região, o lugar e o território, dimensões do espaço geográfico, assume uma importância fundamental. Por outro lado, o processo de globalização em curso, graças às características deste período histórico, acirra e pulveriza os espaços da competitividade, fundamento do sistema capitalista.

Neste período histórico, que tem como característica marcante a técnica, a ciência e a informação, é possível criar-se uma região. Seria, então, possível considerar a região competitiva como uma espécie de base de operações, no

processo de globalização em que se vive neste limiar se século XX, dentro do paradigma de competitividade atual do mundo .

A base de operações seria o espaço geográfico produzido socialmente, no qual haveria a instalação, produção e reprodução de operações que levariam à competitividade, em face de características determinadas da história, da contemporaneidade , do domínio da relação espaço-tempo. Isto pode ser conceituado como uma região competitiva.

Com os avanços tecnológicos hoje presenciados, e que caracterizam o período técnico-científico e informacional, o tempo tem sofrido uma aceleração que obriga a refletir sobre seus contornos e limites.

A escala dos fenômenos vividos no dia a dia tornam instantâneas as ações e pensamentos humanos, à velocidade da luz, como que anulando o tempo e o espaço existente entre as ações e reações. As movimentações e os fluxos financeiros adquiriram importância tão grande, neste período, que a comunidade acadêmica estuda cada vez mais, e mais profundamente, os processos de globalização, seus efeitos, suas exclusões, suas perversidades, seus limites e seu alcance.

Com os processos de informatização, telemática e satélites os processos iniciados com o telex e o telégrafo no começo do século, foram avançados a limites inimagináveis. Isso promoveu a aceleração dos fluxos de capitais ao redor do mundo de forma espantosa e ligeira, superando em muito a circulação física das mercadorias, ainda atreladas a velocidades infinitamente inferiores.

Entendendo melhor o mundo em que se vive, caracterizado pelo desenvolvimento da técnica e pela informação, cita-se SANTOS, para apoiar a caracterização das regiões estudadas, comprovando que sua inserção na economia globalizada só poderia ter ocorrido nesta época, onde o modelo técnico(tecnologia de computação, transações em tempo real etc.) se sobrepõe aos outros recursos e fatores econômicos :

"Essa evolução culmina, na fase atual, onde a economia se tornou mundializada, e todas as sociedades terminaram por adotar, de forma mais ou menos total, de maneira mais ou menos explícita um modelo técnico único que se

sobrepõe à multiplicidade de recursos naturais e humanos " SANTOS(1991) in SANTOS,(1994 a :18).

O livre trânsito dos capitais, através da desregulamentação cada vez maior da economia, apoiados pelas técnicas de telecomunicações, podem colocar países, nações e regiões em situações de fragilidade econômica. As crises asiáticas de 1998, quando da derrocada das bolsas da Ásia e da Rússia, com fortes desvalorizações cambiais, quase põe a pique uma parcela importante do sistema financeiro mundial.

As quedas das barreiras comerciais e das fronteiras políticas tem ocorrido em muitas nações européias, que, cada vez mais, se unificam economicamente. Já há o início da unificação monetária, com o lançamento da moeda única de referência, o Euro, e também uma centralização da autoridade monetária européia.

" Dentro do processo de urbanização crescente, em escala global, as corporações (empresas) transnacionais são elementos importantes na constituição e desenvolvimento de um "espaço alimentar mundial". Processando produtos do campo, transformam-nos em alimentos finais²⁹, que são comercializados no campo, na cidade, na nação e no mundo ". A este conceito, VITULE(1996) chama de **agricultura globalizada**.

Mais uma vez pode-se criticar o uso do conceito de globalização de forma diversa da que se usa nesta tese. Na linha de pensamento que aqui se desenvolve, preferir-se-ia utilizar o termo "**Agricultura Mundializada**". Este conceito pode ser utilizado nas regiões estudadas nesta pesquisa. Nelas há a presença de grandes corporações transnacionais que comercializam, armazenam, transportam, exportam a soja grão e seus derivados, tornando-a **mundializada, via um mercado globalizado**.

O preço deste produto é formado na Bolsa de Chicago, que por sua vez influencia os preços nos Estados Unidos, China, Argentina, Japão, Comunidade Econômica Européia e outros consumidores. O exemplo clássico de agricultura

²⁹ **Alimentos Finais** - O óleo de soja, por exemplo, após seu processamento, transforma-se em um alimento final.

mundializada , e mais , **do produto mundializado soja**, como será considerado nesta tese, vem dos pólos produtores de Balsas-Ma e Barreiras-Ba, como será mostrado no Capítulo V.

Mas, ao mesmo tempo em que o processo de globalização da informação, das normas e dos fluxos, inclusive de poder, avança, observa-se também que o todo, que deveria homogeneizar-se, torna-se cada vez mais fragmentado por conta da contradição que emerge entre os dois processos, o de globalização e o de fragmentação.

Ao conceito de fragmentação pode-se unir o de regionalização, o de sub-região, o de localização, até se chegar ao lugar. Estes processos geram guerras separatistas no caso da fragmentação da ex-Iugoslávia, contrapostos à formação de blocos econômicos, como hoje ocorre com a CEE³⁰, NAFTA³¹ e MERCOSUL³².

Com relação aos blocos econômicos, existem aspectos que parecem próprios para apoiar a elucidação da questão básica que é aquela da força do local frente ao global, que se tenta chegar com este trabalho. Baseado em SANTOS verifica-se que:

“ Não existe um espaço global, mas, apenas, espaços de globalização. O mundo se dá sobretudo como norma ensejando a espacialização, em diversos pontos, dos seus vetores técnicos, informacionais, econômicos, sociais, políticos e culturais. São ações “desterritorializadas”, no sentido de tele-agidas, separando, geograficamente, a causa eficiente e o efeito final. O Mundo porém, é apenas um conjunto de possibilidades, cuja efetivação depende apenas das oportunidades oferecidas pelos lugares. Esse dado é hoje fundamental, já que o imperativo da competitividade exige que os lugares da ação sejam global e previamente escolhidos entre aqueles capazes de atribuir a uma dada produção uma produtividade maior. “ SANTOS(1994 b:5). Esta citação é de importância lapidar para a comprovação da hipótese desta tese. Verificar-se-á no Capítulo III os

³⁰ CEE - Comunidade Econômica Européia

³¹ NAFTA - North American Free Trade Agreement-

³² MERCOSUL - Mercado Comum da América do Sul.

conceitos de competitividade, e, no Capítulo V , a competitividade propriamente dita dessas fronteiras estudadas.

Além disso, no mesmo trabalho de SANTOS, colaborando também na comprovação da hipótese desta tese, verifica-se que :

"A tendência à universalidade dos sub-sistemas hegemônicos é garantida pelo fato de que o novo espaço das empresas é o Mundo ("le nouvel espace des entreprises est le Monde") (SAVY et VELTZ, 1993:p.5) O que se poderia chamar de concentração geral de empresas não é, todavia, global, pois em cada caso, se dirige a um dado, um fator, um aspecto e um dinamismo parcial. Do mesmo modo que não há um tempo global, único, mas apenas um relógio mundial, também não há um espaço global, mas apenas espaços da globalização, espaços mundializados, reunidos por redes. As redes são mistas, incluem materialidade e ação. A rede técnica mundializada atual é instrumento da produção, circulação e da informação mundializadas. Nesse sentido as redes são globais e, desse modo, transportam o universo ao local. É assim que mediante a telecomunicação, criam-se processos globais, unindo pontos distantes numa mesma lógica produtiva. É o funcionamento vertical do espaço geográfico contemporâneo." SANTOS(1994 b: 3-4).

Assim é que Balsas e Barreiras são espaços da globalização, com a soja vetorizando a técnica , a informação e os fatores sociais e políticos. Esses dois lugares oferecem um conjunto de possibilidades para se globalizarem. As redes técnicas trazem o mundo até estes locais.

Esses locais são globalmente ativos, voltados para o futuro, e resistirão à globalização perversa que poderia excluí-los dos circuitos econômicos, relegando-os a um papel passivo de contemplação dos eventos econômicos, caso não tivessem um vetor a lhes servir de agente de transformação e inclusão econômica: a soja.

Infere-se também que o espaço dos Blocos, o Mercosul no caso da América Latina, deixa de ser um espaço regional constituindo-se, então, num espaço de globalização ampliado, onde ocorrem competições entre os países que o constituem, e onde também competem regiões específicas desses países entre

si. Por exemplo: as áreas tradicionais de produção de grãos da Argentina, competem na produção de soja com as novas fronteiras brasileiras de Balsas e Barreiras. Da mesma forma que há a competição intra-bloco, deverá ocorrer a competição extra-bloco, competindo não mais regiões de um bloco entre si mas a coligação de regiões de um mesmo bloco com outros blocos econômicos. Por exemplo: a soja do Mercosul competirá com a soja do Nafta.

Quando avança-se para as questões relacionadas ao mercado internacional depara-se com os estudos das origens internacionais do capitalismo mercantil, ADDA(1997) diz que é a partir do comércio de longo curso, ou comércio exterior, que a instituição do mercado vai invadir progressivamente a vida econômica ocidental antes de se impor ao resto do planeta.

Ressalta que, ao contrário do mito da dilatação das esferas de troca, ocorre a instauração do mercado como instituição, que, governando o conjunto da vida econômica e social tem origem no comércio internacional. Inicialmente desligado das estruturas econômicas internas, teria permitido uma tal acumulação e concentração de riquezas que a sua mobilização pelos estados nação emergentes surgia como uma aposta importante de poder . A conjunção entre comerciantes e príncipes possibilitou a formação dos mercados internos nos quais se desenvolveria a revolução industrial.

Quando introduz-se os conceitos de Internacionalização, Globalização e Mundialização verifica-se a necessidade de voltar-se um pouco atrás no tempo para que se possa compreender a cronologia da evolução destes conceitos.

Constata-se que somente a partir da revolução industrial países como França, Inglaterra, Alemanha e outros, tornaram-se Estados-Nação. Os meios de transporte utilizados eram precários não ligavam as regiões diariamente.

Somente neste período começam-se a lançar as bases para o estabelecimento de um conjunto integrado por língua, cultura, território e outros aspectos de unidade que viriam a constituir as nações.

Até o início da revolução industrial não se media a hora, ORTIZ(1994). Haviam medições de tempo feitas localmente ou regionalmente. Cada local possuía um horário em função do seu tempo. No fim do século 19 introduziu-se

uma lei instituindo-se um horário único na França. Entrou-se numa era onde houve uma potencialização da aceleração do tempo.

Para o mesmo autor, os economistas começam a estabelecer uma distinção entre internacionalização e globalização. Embora sejam muitas vezes utilizados, equivocadamente, como intercambiáveis, estes conceitos não são sinônimos, e, citando DICKEN(1992)³² mostra que:

" Embora sejam usados muitas vezes como sendo intercambiáveis, esses termos não são sinônimos. Internacionalização refere-se a simplesmente ao aumento da extensão geográfica das atividades econômicas, através das fronteiras nacionais; isso não é um fenômeno novo. A globalização da atividade econômica é qualitativamente diferente. Ela é uma forma mais avançada, e complexa, da internacionalização, implicando um certo grau de integração funcional entre as atividades econômicas dispersas. " ORTIZ (1994:15-16) .

Ela é uma forma mais avançada e complexa da internacionalização, implicando um certo grau de integração funcional entre as atividades econômicas dispersas . Aplica-se portanto o conceito à produção, distribuição e consumo de bens e de serviços organizados a partir de uma estratégia mundial e voltada para um mercado mundial. Há uma maior complexidade e um diferente nível de história econômica onde as partes antes internacionais, fundem-se numa mesma síntese: o mercado mundial.

Distingue ainda este autor, os termos global e mundial de forma muito interessante, **porém não aplicável às necessidades dessa tese :** *" emprega o termo global quando refere-se a processos **econômicos e tecnológicos** e **mundial** para o domínio específico da cultura. Isto porque ele considera a categoria analítica "mundo" articulada a duas dimensões: ao movimento de globalização das sociedades, e também à visão de mundo, um universo simbólico específico à civilização atual.*

Mencionando-se a aceleração do tempo feita por ZINI, (Op.Cit.) , recorre-se a SANTOS : *"As técnicas participam na produção da percepção do espaço, e também do tempo, tanto por sua existência física, que marca as sensações diante*

da velocidade, como pelo seu imaginário. O espaço se impõe através das condições que ele oferece para a produção, circulação, para a residência, para a comunicação, para o exercício das crenças, para o lazer, e como condição de viver bem. Através do processo da produção, o "espaço" torna o "tempo" concreto". SANTOS(1996:46).

A globalização como um conceito, refere-se tanto a um processo de compressão social do globo quanto à intensificação da consciência do mundo como um todo, sendo ambos um processo concreto e global de interdependência e consciência do todo global no século XX, ROBERTSON(1992).

O mundo tem estado sob uma compressão social desde o século XVI, WALLERSTEIN(1974) porém ROBERTSON(1992) argumenta que esse fenômeno é muito mais antigo. A novidade recente, referente ao século XX é que esses fenômenos sofreram um processo de intensificação, especialmente a partir dos anos 80.

ROBERTSON classifica o caminho da mundialização numa série de 5 períodos. Aqui, deve-se voltar à questão da inexistência do vocábulo mundialização em língua inglesa causando uma mistura conceitual entre globalização e mundialização.

Chamar-se-á aos IV primeiros períodos de mundialização e apenas ao V e último de globalização.

I Período Germinal-Europa- 1400-1750

Dissolução da cristianidade e a emergência de comunidades estado.

Igrejas Católicas (universais)

Desenvolvimento de generalizações a respeito da humanidade e dos indivíduos.

Primeiros mapas do planeta.

Universo heliocêntrico.

Calendário universal no ocidente.

Exploração mundial.

Colonialismo.

II Período Inicial- Europa-1750-1875

³² Paul Dicken, *Global Shift*, London, Paul Chapman Publ., 1992, p1.

O Estado Nação

Diplomacia formal entre os Estados.

Cidadania e Passaportes

Exposições internacionais e acordos de comunicação

Convenções Legais Internacionais

Primeiras Nações não europeias

Primeiras idéias de internacionalismo e universalismo.

III Período Ascensão-1875-1925

Conceitualização do mundo em termos de quatro pontos de referencia globalizantes:

O Estado-Nação.

O Indivíduo.

Uma Única Sociedade Internacional.

Uma Única Humanidade (masculina).

Comunicações , esportes e ligações culturais internacionais.

Calendário Global.

Primeira Guerra Mundial-assim definida.

Imigrações Internacionais em massa e restrições a elas.

Inclusão de mais países não-europeus no clube internacional de Estados-nação.

IV Período Luta pela hegemonia -1925-1969

Liga das Nações e Organização das Nações Unidas.

Segunda Guerra Mundial; Guerra Fria.

Concepção de Crimes de Guerra e Crimes contra a Humanidade.

Ameaça Nuclear Universal com a Bomba Atômica.

Emergência de parte do terceiro mundo.

V Período Incerteza-1969-1992

Exploração do Espaço

Valôres pós-materialistas e discurso dos direitos

Comunidades mundiais baseadas em preferencias sexuais, gênero, etnia e raças.

Relações Internacionais mais complexas e fluidas.

Reconhecimento de Problemas Ambientais Globais.

Mídia de Massas via tecnologia espacial (satélites , televisão etc.)

É justamente nesta escala global e neste período V que insere-se a questão em discussão nesta tese da formação dos espaços globalizados, produtores de soja, de Balsas e Barreiras .

2 O Mercado

Será feita a abordagem de alguns pontos referentes ao imenso contato que existe entre o processo de globalização e o mercado. Da perspectiva econômica à abordagem geográfica, trabalhar-se-á com os conceitos da redução relativa da importância dos estados nação, comando da economia mundial em escala mundial , SANTOS(1990).

Esta revisão e releitura dos conceitos de mercado servirá para entendê-lo melhor por diversas abordagens. Tentar-se-á correlacionar esta revisão conceitual com o eixo geral da pesquisa sobre as influências do mercado no processo de globalização, procurando-se ligar o macro foco do mundo ao Brasil.

A definição de mercado (do latim *mercatus*) é dada pelo Dicionário Aurélio(1976:918) como : “o lugar onde se comerciam gêneros alimentícios e outras mercadorias”.

É bem interessante notar a ênfase que a definição coloca no alimento, como principal objeto de comércio, seguido por outras mercadorias.

A definição de Mercado pelo ponto de vista da economia dada pelo Dicionário de Economia(1985:267-268) remete a um “..grupo de compradores e vendedores que estão em contato suficientemente próximo para que as trocas entre eles afetem as condições de compra e venda dos demais...”. A existência do mercado dar-se-ia quando compradores, que pretendem trocar dinheiro por bens e serviços, estão em contato com vendedores desses mesmos bens e serviços.

Assim, pelos conceitos estritamente econômicos, o mercado pode ser entendido como o local , e na vertente da Geografia isso assume importância fundamental, onde se encontram regularmente compradores e vendedores de uma economia determinada. Registros Sumérios da Região da Mesopotâmia ,

HISTÓRIA EM REVISTA(1990:16)³³ mostram que esses produtos eram todos comercializados em locais específicos onde eram também armazenados podendo-se considerá-los como os mercados de então.

Verifica-se que o mercado existia como local físico e como compromisso de entrega, dos bens já registrados de uma forma singular e precisa, destacando-se mais uma vez a importância dos produtos agrícolas alimentares como mercadoria comercializada. No transcorrer do tempo as condições feudais e pré-industriais, cada vez mais cederam lugar ao chamado mecanismo de mercado ou iniciativa privada ou capitalismo concorrencial de propriedade privada, SAMUELSON(1985).

As economias de muitos países da América do Norte e Europa Ocidental no século 19 sofriam intensa interferência do Estado. Hoje pode-se dizer que o mercado é muito mais um processo do que um lugar. Nesse processo vendedores e compradores interagiriam para determinar o preço e a quantidade do bem pelo qual se interessam.

A teoria do valor, da qual o mercado se utiliza de forma extraordinária, tem significado bastante diverso para a economia marxista e para a economia clássica e neoclássica. A definição de mecanismo de mercado, é a forma de organização econômica, no qual os consumidores e as empresas, atuando individualmente, interagem no processo de mercado para determinar o resultado dos problemas do que produzir, como produzir e para quem produzir no qual a intromissão governamental deve ser a menor possível.

Os marxistas propugnavam por uma economia planificada ou centralizada, na qual a direção dos recursos era determinada pelos governos. Assim a mercadoria tem um valor pelo trabalho social que encerra MARX(1982).

Sua grandeza ou valor relativo depende da maior ou menor quantidade de trabalho social que ela possui, ou seja da quantidade relativa de trabalho que ela necessita para a sua produção. Já na economia neoclássica o valor dos bens é determinado pela sua oferta e procura.

³³ “Os pictogramas Sumérios provavelmente se desenvolveram a partir de um sistema de representação mais primitivo. Já em 8.000 A.C. pequenas fichas de argila com formas variadas eram usadas por agricultores do Oriente Médio para manter um registro de seus produtos. Muito mais tarde os mercadores adotaram o sistema de fichas como uma espécie de nota de embarque que acompanhava as mercadorias negociadas.”

3 Áreas excluídas do Mercado

O professor Neil Smith da Rutgers University-New York, em conferência realizada na Universidade de São Paulo em 1994, referiu-se à existência uma zona típica de exclusão, determinada pela economia, que se materializa geograficamente em países que hoje são isolados do conjunto de opções de investimento por não oferecerem segurança suficiente de retorno do investimento de capitais.

São chamadas por ele regiões excluídas por uma “linha vermelha” (imaginária) separando-as do resto do mundo. São os países da região do Sahel (Mauritânia, Mali, Níger, Tchad, Burkina Faso e Sudão), abrangendo largas porções territoriais do continente africano, onde se tem observado tragédias de mortandades por fome, guerras e disputas por hegemonia étnica.

A fome se dá nessas regiões, desprezadas pelo capital, aparentemente muito mais pela ausência do alimento. Existe uma incapacidade crônica e progressiva de se produzir alimentos nessas regiões em face de pressões antrópicas muito fortes que tem se acentuado ao longo dos séculos de exploração dos recursos naturais.

Nesse sentido não se pode afirmar que a miséria e a fome se deram apenas por conta da exclusão dessas regiões do conjunto de nações viáveis do globo. Deve ser levado em conta também a presença ou ausência dos recursos naturais e humanos disponíveis. Os recursos naturais são importantes se existentes em abundância e suficientes para justificar e viabilizar investimentos. Os recursos humanos, se existentes e minimamente capacitados a conduzir seus projetos de acumulação de capital, nos moldes e paradigmas prescritos pelos investidores. Mas, como gerar recursos (técnicos, financeiros, humanos) para produzir outra natureza, a segunda natureza, é a raiz dessas exclusões.

Um exemplo desses projetos foi a chamada “Revolução Verde”, de iniciativa da Organização das Nações Unidas. Aplicaram-se conceitos de

produção e produtividade pela ótica estritamente ocidental, que baseava suas ações no ataque frontal à produtividade. Considerava-se paradigmático o fato de que existia fome por que havia escassez de alimentos, e, que a forma de combater essa escassez, era produzir mais por área. Havendo oferta suficiente de alimentos haveria a redução das justificativas para a fome.

Utilizou-se o modelo agrícola de desenvolvimento de variedades vegetais, através de orientações da pesquisa genética baseada na maximização da produtividade. Essa premissa era apoiada nos insumos agrícolas modernos³⁴ fornecidos pela tecnologia então conhecida, das indústrias química e petroquímica.

Assim todos os insumos agrícolas eram instrumentos de apoio na geração de variedades relativamente rápidas de serem produzidas experimentalmente e de fácil introdução no campo. A questão política da revolução verde levou em conta apenas a lógica da produtividade, com os parâmetros da utilização de “insumos modernos” produzidos pelas indústrias situadas nos países centrais ou em processo de estabelecimento nos em países em desenvolvimento. Vários países como a Índia e Brasil adotaram um modelo de substituição de importações, idealizado, na época, como instrumento econômico para atingir o desenvolvimento.

Desconsiderou-se, continuamente, nas pesquisas agronômicas, características como : a rusticidade natural, resistência a doenças e pragas, a escassez de água, a acidez dos solos, resistência aos ventos, ao alumínio tóxico e a tantas outras características imprescindíveis. Não foram levados em conta, de modo generalizado, pelos pesquisadores da "revolução verde", as culturas tradicionais e seus modos de produção agrícola e nem o benefício em estudá-las.

Ao lado da ausência das condições pré-estabelecidas para a instalação de projetos da FAO-Food and Agriculture Organization das Nações Unidas, os países situados na região do Sahel foram perdendo seus recursos naturais ao longo do tempo sem qualquer tipo de reposição. Com hábitos de pastores nômades essas

³⁴ **Insumos agrícolas modernos** são: fertilizantes, sementes, corretivos de solo, defensivos, herbicidas, reguladores de crescimento, fito-hormônios.

populações de criadores primitivos exerceram uma pressão de demanda enorme sobre os recursos naturais existentes (biomassa, solo e água) para abastecimento e alimentação de seus animais e fornecimento de energia para seu conforto, cocção e abrigo.

Dessa forma, importantes formações vegetais com espécies e portes variados, que iam das gramíneas forrageiras às árvores, cederam lugar ao avanço das areias do Saara (National Geographic Magazine, Agosto, 1987). O avanço foi se dando paulatinamente, ao processo de urbanização. A transferência de mão de obra dos campos para as cidades, ocorreu principalmente pela falta de capacidade do meio em suportar a exploração para a produção. A razia vegetal, deixou a ação eólica livre de barreiras naturais e iniciando-se o depósito firme de areia sobre solos antes cultivados ou recobertos por vegetação. A retirada das massas vegetais, sem reposição, provocou também uma diminuição relevante nos índices de evapotranspiração, diminuindo assim a umidade relativa do ar e as possibilidades de precipitação atmosférica. Outra consequência desse desequilíbrio foi o aquecimento da superfície do solo e, por consequência, do ambiente local como um todo, mudando as condições gerais agro-ecológicas, importantes para a instalação de novas plantas.

Nos casos de fome mundial, e todas as vezes que verificam-se tragédias de fome, discute-se sempre a ética de se comercializar alimentos, deixando-se de lado, muitas vezes, as questões relativas à competência de se estabelecer políticas sérias de segurança alimentar³⁵ que sobrepujam as dificuldades acarretadas pela escassez. Essa competência sobreviria, principalmente de uma opção política, de uma vontade suprema, pressionada por cidadãos, preocupados em possuir alimentos em abundância a preços acessíveis.

Exemplos na história existem como atesta o caso dos Estados Unidos da América do Norte. Em VEIGA(1994) verifica-se a evolução e as mudanças que sofreram a política alimentar nos Estados Unidos, lançando muitas luzes no debate das questões de segurança alimentar, sempre tão pertinentes e atuais no

³⁵ Segurança Alimentar refere-se ao conceito de se fazer estoques estratégicos em um determinado país ou bloco econômico para enfrentar períodos de escassez causados por intempérie ou guerras.

Brasil. As elites dirigentes daquele país, viram-se, no período de recessão mundial pós-primeira guerra mundial (1919), às voltas com uma oferta agrícola insuficiente, gerando escassez de alimentos. Para inverter esta situação, o governo americano empreendeu um esforço de produção, com uma retração de importação de produtos alimentícios, terminando por vencer a batalha.

Os grandes perdedores foram os agricultores americanos que não tiveram quaisquer medidas compensatórias resultando em seu empobrecimento, que agravava-se cada vez mais na sua tentativa de produzir cada vez mais para tentarem reduzir seus prejuízos. O grande ganhador, porém, foi todo o povo americano, beneficiado por um profundo barateamento dos alimentos. Essa situação durou mais de dez anos, e vai começar a modificar-se somente com a ascensão ao poder de Franklin Delano Roosevelt. Ele enfrentava já as conseqüências da quebra da Bolsa de Nova Iorque e a recessão da economia capitalista em 1929, e implementou a política do *New Deal*.

O famoso pacto social novo que nunca sequer foi seriamente cogitado no Brasil. A base do *New Deal* afetou a economia Norte Americana proporcionando uma alavancagem no poder de compra dos cidadãos através de duas modalidades básicas. Nas áreas urbanas através da política de bem estar trabalhista e fiscal. Já nas áreas rurais implantou-se subsídios diretos à agricultura comercial. Aparentemente essa foi a chave para a revolução na renda, abrindo o campo para o posterior processo de acumulação intensivo, VEIGA (1994).

O *New Deal* estabelecia, não explicitamente, um novo contrato social entre a sociedade e a agricultura. Essa posição teve que ser ratificada politicamente, trazendo derrotas para as posições de personagens poderosos da cena política Americana de então como Cordell Hull Secretario do Tesouro Americano e um dos principais defensores da corrente daqueles que propugnavam pelo livre comércio (os chamados *free traders*).

Essa corrente, derrotada, achava que as saídas para a crise estavam no mercado externo, e se contrapunha ao amplo apoio que a política de Roosevelt recebeu, daqueles que acreditavam que a chave da recuperação econômica dos

Estados Unidos estava no mercado interno. Essa posição pode ser verificada analisando-se o fato que, em meados dos anos 30, cerca de 40% de todas as mercadorias vendidas no varejo eram compradas no meio rural HENNINGSON(1987).

4 O mercado Internacional

Para encerrar este capítulo será introduzido o tema do mercado internacional no processo de globalização, para situar onde a soja em os derivados desta, produzida em Balsas e Barreiras, circulam.

Na tentativa de se tentar entender melhor o mundo em que se vive, na fase atual, caracterizado pela ciência e pela técnica, dentro dos limites de mercado, recorre-se a SANTOS,1994, que afirma que a evolução culmina, na fase atual, com a mundialização da economia.

Dessa forma, com a economia mundializada, constata-se que o mercado como local físico de trocas pode, em certa medida, passar a ter um caráter virtual. Estes espaços nacionais da economia internacional são segundo o mesmo autor, o que restou do território nacional.

No meio técnico-científico SANTOS,1994, que vivemos, junção da tecnoesfera e da psicoesfera, entreve-se o espaço atual no qual vive-se hoje e no qual insere-se o mercado que tentamos nos aproximar.

Desde os primórdios da primeira revolução industrial verifica-se, no mundo, uma gradual abertura econômica nas esferas nacionais. Cada vez mais aumentaram as transações comerciais e financeiras entre nações, SILBER (1999). A chamada "globalização dos mercados" passa a ser a exposição crescente dos agentes econômicos domésticos aos eventos e concorrência mundiais, SILBER(1999:1).

Exemplificando uma das muitas teorias que explicam por que existe o comércio internacional de forma intensiva tem-se:

- a questão das vantagens comparativas de RICARDO, na qual a abundância de recursos naturais favoreceria os países que os possuísem,

- a escala de produção como vantagem competitiva,
- a existência do capital físico³⁶,
- existência de capital humano³⁷,
- a semelhança entre países que favorece a intensificação de suas transações ocorrendo o inverso com países díspares,
- abertura econômica

Baseando no fato que, nas economias abertas, os fatores abundantes levam vantagem em relação aos produtos escassos, o Brasil levaria vantagem em fatores abundantes que possui. São estes os recursos naturais e o capital humano para produzir e processar a soja e seus derivados.

Mas a inserção do Brasil no comércio internacional ainda é considerada pequena. O Brasil teve, durante as duas últimas décadas, uma taxa inferior de crescimento do PIB³⁷ abaixo da média mundial e significativamente inferior à dos países em desenvolvimento, mesmo quando comparado com a América Latina. O mesmo é válido para o pequeno dinamismo das exportações brasileiras, refletindo a redução da competitividade do produto brasileiro no mercado mundial, salvo raras exceções como a soja. As causas prováveis desta situação foram o isolacionismo da economia brasileira no cenário mundial dos anos 80 e as políticas macroeconômicas pouco favoráveis³⁸ à expansão das exportações, SILBER(1999:6-7). Na TABELA 8 a seguir verifica-se a mediocridade do desempenho relativo do Brasil na economia mundial:

³⁶ **Capital Físico** refere-se a equipamentos, infra-estrutura, equipamentos, vias, portos, etc.

³⁷ **Capital Humano** Diz-se do conjunto de investimentos destinados à formação educacional e profissional de determinada população.

³⁷ **PIB-Produto Interno Bruto**-Refere-se ao valor agregado de todos os bens e serviços finais produzidos dentro do território econômico do País, independentemente da nacionalidade dos proprietários das unidades produtoras desses bens e serviços, medido a preços de mercado segundo Dicionário de Economia(1985: 325).

³⁸ Somente em 1998 conseguiu-se introduzir a Lei Kandir, que desonera os produtos de exportação de uma carga elevada de impostos, tentando reverter em parte a tendência do Brasil ser um exportador de impostos.

TABELA 8 : DESEMPENHO RELATIVO DO BRASIL NA ECONOMIA MUNDIAL

taxas médias anuais de crescimento

	1979-1988	1989-1996
Economia Mundial		
Crescimento do PIB	3,4	3,2
Crescimento exportações	4,3	6,2
Países Desenvolvidos		
Crescimento do PIB	2,9	2,6
Crescimento exportações	5,0	6,4
Países em Desenvolvimento		
Crescimento do PIB	4,2	5,7
Crescimento exportações(1)	6,4	9,3
América Latina		
Crescimento do PIB	2,7	2,9
Crescimento exportações	6,9	8,1
Brasil		
Crescimento do PIB	3,2	1,4
Crescimento exportações(2)	3,9	5,1

Fonte: FMI(1997)World Economic Outlook, Maio e relatórios Banco Central do Brasil In: SILBER(1999:7)

(1) Somente países não exportadores de petróleo

(2) Receita das exportações em US\$ corrigida pela inflação americana.

Apesar de participar no comércio intencional com alguns produtos, o Brasil ainda terá um longo caminho a percorrer no processo de participar mais ativamente da mundialização. A participação dos produtos manufaturados na exportação é um indicador do acesso do país aos ganhos associados à tecnologia moderna e à capacidade de produzir dentro dos padrões mundiais. Como verifica-se na TABELA 9, o Brasil situa-se abaixo do padrão médio mundial observado em países em desenvolvimento, não conseguindo acompanhar a expansão dos manufaturados, na exportação mundial dos últimos dez anos ao mesmo tempo em que a razão de queda na exportação dos produtos primários acompanha a média dos países em desenvolvimento :

TABELA 9 :PARTICIPAÇÃO DOS MANUFATURADOS NAS EXPORTAÇÕES TOTAIS

	1975	1985	1995
Países em Desenvolvimento	10,1	7,4	5,7
Produtos Primários	61,4	45,4	11,2
Combustíveis	28,2	47,2	83,0
Manufaturados			
Brasil			
Produtos Primários	48,5	36,4	23,6
Manufaturados	38,9	53,0	54,9

FONTE: FMI(1997)World Economic Outlook,1997, e revista Brasileira do Comércio Exterior FUNCEX In: SILBER(1999:10)

Com esses dados conclui-se que:

1. Os Países em desenvolvimento tem perdido seu papel de exportadores de produtos primários.
2. Alguns países em desenvolvimento são importantes exportadores de manufaturados.
3. Países em desenvolvimento necessitarão importar cada vez mais produtos primários.
4. Países em desenvolvimento concorrerão entre si para exportar manufaturados.

Além desses problemas devem ser destacados os problemas das reservas de mercados internacionais. Essas reservas de mercado podem ser obtidas através de fortes subsídios fornecidos de forma direta como no caso da

Comunidade Européia (o governo cobre a diferença quando os preços internacionais estão inferiores aos preços que paga aos seus agricultores) ou indireta (subsídios às exportações, isenções e restituições de tarifas e impostos). Esses valores não são pequenos representando ao redor de 115 bilhões de dólares ao ano na Comunidade Européia. Na tabela a seguir são mostradas as tarifas que cada bloco protecionista cobra do Brasil nas exportações do complexo soja .

Percebe-se que quando exporta-se soja grão não ha tarifas, pois essa matéria prima será geradora de empregos, impostos etc. nos países compradores.

Já quando trata-se da exportação dos derivados industrializados, como farelo e óleo, as tarifas crescem brutalmente. Essa política, chamada de Política Agrícola Comum - PAC , praticada pela Comunidade Européia, e o protecionismo praticado pelos EUA e Japão, em detrimento dos produtores dos países periféricos constitui-se num verdadeiro atentado à capacidade de competir num mundo que se diz liberalizado economicamente. Mas, apesar de tudo, ainda assim o Brasil é grande exportador de farelo, demonstrando a grande competitividade brasileira nos agronegócios.

Tarifas Para Exportações Brasileiras em (%)			
Produto/País	EUA	UE	Japão
Soja Grão	0,0	0,0	0,0
Farelo	2,4	0,0	0,0
Óleo de Soja	20,8	7,0	25,0

Fonte: Confederação Nacional da Agricultura/Departamento de Comercio Exterior

Pode-se especular que o mercado coordenaria a economia e se tornaria o agente supremo ou também pode-se encará-lo como o meio libertador do Estado. O Estado por sua vez, principalmente no caso do Brasil, tem, até então, atuado como regulador dos interesses privados causando problemas num sistema

público, cuja função tem sido arcar com o ônus . De modo geral , até hoje, grande parte das benesses tem sido apropriadas pelo setor privado. É um caso típico de privatização da coisa pública.

Interessa a esta pesquisa o fato que, apesar da importância crescente dos países em desenvolvimento, como exportadores de manufaturados, o Brasil vem despontando como um competitivo produtor de soja, que participa de um mercado globalizado. Ressalte-se que esse produto também é competitivamente produzido e exportado pelos Estados Unidos e Argentina.

Ao analisar-se o mercado como um todo, seria desejável que se tocasse em algumas questões como regulamentação, desregulamentação, abuso do poder econômico e outras matérias correlacionadas a este tema para que se tenha uma maior visibilidade e clareza dos assuntos do mercado. A desregulamentação da economia, tem tido um destaque muito grande na mídia desde 1990. Houve uma fobia desregulamentadora, com o intuito de liberar a intervenção governamental na economia.

As justificativas para a intervenção governamental nos mercados FARINA(1994) se dá em razão das chamadas “falhas de mercado”. Nas situações em que o preço de equilíbrio³⁹ não estaria refletindo com precisão a avaliação do consumidor ou os custos dos recursos econômicos embutidos no produto. A autora classifica as falhas de mercado como principalmente três:

- Externalidades⁴⁰
- Informação Imperfeita⁴¹
- Poder de Monopólio⁴²

Os serviços de utilidade pública representam um exemplo típico de monopólio, sendo que a Europa adotou o sistema de estatização enquanto que os EUA adotaram a regulamentação. Assim apesar das falhas inerentes aos

³⁹ **Preço de Equilíbrio** - Diz-se dos preços que refletem o ajuste entre a oferta e a demanda.

⁴⁰ Fornecem razão econômica para a regulamentação da poluição, restrição ao uso da terra, proteção ambiental etc.

⁴¹ Justifica a regulamentação da comercialização de alimentos e remédios, segurança em veículos, controle de substâncias tóxicas, segurança no trabalho ,etc.

⁴² Situação em que o produtor ou grupo de produtores tem a capacidade de restringir a oferta de um produto e elevar os preços acima do nível de concorrência

processos de regulamentação ela não pode ser simplesmente descartada como forma de organização econômica.

Quando se olha para os argumentos econômicos de defesa da concorrência encontra-se a política anti-truste como uma arma importante usada pelos governos para tentar harmonizar a maximização do lucro das empresas privadas com o interesse público. Utiliza-se, como medidor da distorção oriunda do exercício do poder de monopólio, a perda líquida do bem-estar. Estas questões de controle do monopólio e regulação anti-truste são muito relevantes nesta atividade de comercialização, transformação e exportação dos produtos do complexo soja. Cada vez mais a concentração econômica das empresas que desempenham estas tarefas aumenta.

A inegável importância da soja como proteína e oleaginosa comercializada pelo mundo em forma de farelo, óleo, grão ou já transformada como carne de aves, suíno, ou bovinos, colocam-na na categoria de produto mundializado num mercado globalizado. O Brasil destaca-se na produção e exportação de produtos do complexo soja em nível mundial, inserindo-se então as fronteiras de produção de Balsas e Barreiras, dentro dos espaços de globalização da produção, transformação e comercialização de soja.

A seguir, no capítulo terceiro, estudar-se-ão os conceitos de competitividade.

Capítulo III Conceitos de Competitividade Aplicada ao Agronegócio

Este capítulo tratará os conceitos de competitividade aplicados aos agronegócios utilizando-se as teorias das vantagens comparativas e competitivas.

Discutir-se-á os conceitos de competitividade propostos pelos autores RICARDO, PORTER, JANK, BEST, FARINA, e MÜLLER, ligando-se estes conceitos aos processos econômicos locais e regionais dentro do processo maior de globalização.

A escolha destes autores foi baseada nos seus trabalhos, que serão ora apresentados e que parecem muito adequados ao tema desta tese, que trata, em especial, de sistemas agroindustriais e de questões de competitividade regional no processo de globalização

1 As Teorias da Competitividade

A teoria de RICARDO, das vantagens comparativas, defende que o comércio internacional beneficia mutuamente os envolvidos nas transações. Escolheu-se esta teoria pelo dinamismo internacional do comércio da soja e seus derivados. O Brasil é um dos mais importantes produtores, exportadores e consumidores de soja grão e seus derivados do mundo. Como possui também uma riqueza enorme em recursos naturais, não restam dúvidas que esta abundância em recursos poderia explicar, em parte, suas vantagens comparativas. Os postulados de RICARDO, economista inglês do século XIX, formulador da lei das vantagens comparativas, afirmavam que comparando-se dois produtos, por exemplo, café e trigo, produzidos em dois países distintos, Brasil e Argentina. Os custos de produção do produto café em relação aos custos do trigo, seriam calculados, considerando-se que cada um destes países dispusesse de recursos naturais (solo disponível para o plantio, água, insolação adequada, temperaturas favoráveis), força de trabalho, capital e conhecimentos técnicos.

Possuiria a vantagem comparativa o país no qual se obtivesse a menor relação de produção dos produtos café e trigo.

Neste caso supõe-se que para produzir uma saca de 60 kg de trigo fossem gastos US\$11,69 no Brasil e US\$8,28 na Argentina⁴³. Porém para se produzir uma saca de 60 kg de café no Brasil gastar-se-ia US\$130,84⁴⁴ e na Argentina (caso se conseguisse produzir café pois as temperaturas muito frias não são adequadas a esta cultura) gastar-se-ia US\$200,00. O Brasil possuiria vantagem no café , e portanto seria vantajoso importar o trigo que necessitasse e a Argentina possuía vantagem na produção do trigo, importando o café que necessitasse com as receitas obtidas na atividades que lhes fossem mais rentáveis.

Ricardo introduziu este conceito tentando provar que a especialização internacional era vantajosa para um determinado país. Estava estabelecido o princípio das vantagens comparativas.

Ainda na linha da teoria da vantagem comparativa na competição HUNT E MORGAN,(1995), contribuem com um detalhado quadro comparativo entre os fundamentos da competição do ponto de vista da teoria neoclássica e da teoria das vantagens comparativas mostrado na TABELA 10. A teoria neoclássica⁴⁵ é tida ainda por muitos pesquisadores como o único paradigma aceito para explicar os processos de funcionamento do capitalismo. Isto talvez ocorra por considerar-se, nos textos de economia, que a concorrência perfeita seja a forma ideal de concorrência, sendo ela a base para a maior parte das políticas públicas nos EUA.

A competição passa a ser estudada não mais apenas no âmbito de firmas, como explicado pela teoria neoclássica, mas no âmbito de países e regiões, que no caso que interessam a essa pesquisa. O FLUXOGRAMA 5 mostra este argumento.

⁴³ Dados reais in: AZEVEDO, GIORDANO & BORRÁS, Competitividade no Agribusiness Brasileiro Volume II-Sistema Agroindustrial do Trigo-PENSA-IPEA (1998:99) .

⁴⁴ Dado real para o custo de produção da saca de café no Brasil in: SAES & JAYO, Competitividade no Agribusiness Brasileiro Volume IV-Sistema Agroindustrial do Café-PENSA-IPEA (1998:148).

⁴⁵ Estes autores definem a teoria neoclássica como teoria da concorrência perfeita, HUNT & MORGAN(1995:1)

TABELA 10 : FUNDAMENTOS DA TEORIA NEOCLÁSSICA E DA TEORIA DA VANTAGEM COMPETITIVA

Conceitos	Teoria Neoclássica	Teoria da Vantagem Comparativa
1.Demanda	Homogênea dentro da Indústria	Heterogênea dentro da Indústria
2.Informação do consumidor	Perfeita e sem custo	Imperfeita e cara
3.Motivação humana	Maximização por interesse próprio	Interesse próprio limitado
4.Objetivos da firma	Maximização do lucro	Desempenho financeiro superior
5.Informação das firmas	Perfeita e sem custos	Imperfeita e cara
6.Recursos	Capital, trabalho e terra	Financeiros, físicos, legais, humanos, organizacionais, informacionais e relacionais
7.Características dos recursos	Homogêneos e perfeitamente móveis	Heterogêneos e imperfeitamente móveis
8.Papel da administração	Determinar quantidade e implementar função de produção	Reconhecer, compreender, criar, selecionar, implementar e modificar as estratégias.
9.Papel do ambiente	Determina a conduta e performance totalmente	Influencia a conduta e performance
10.Competição	Ajuste de quantidade	Vantagem comparativa

FONTE: HUNT & MORGAN(1995: 3)

Esta comparação é interessante por valorizar novos pontos dentro da lógica capitalista da acumulação. Com relação à demanda, passa-se a considerar uma multiplicidade de necessidades em contraposição à teoria neoclássica. Com relação à motivação humana, na teoria neoclássica predominava o interesse próprio, característico do individualismo e na vantagem comparativa predominava o interesse comum, limitando o próprio. No tema referente ao desempenho das firmas, a obsessão pela competição sempre levou a um planejamento, também

obsessivo pela maximização dos lucros versus o desempenho financeiro superior, nem sempre atrelado à pura e simples maximização do lucro.

Na informação do consumidor parte-se do princípio da imperfeição das informações, a chamada assimetria de informações⁴⁶ e dos altos custos envolvidos em obtê-las, que na NEI - Nova Economia Institucional⁴⁷ é chamada de custos de transação⁴⁸.

Na parte referente aos recursos, encontra-se o elo de ligação, como se verá nos exemplos de competitividade regional citados adiante, nos investimentos em outros fatores de produção, que não os clássicos - terra, capital e força de trabalho.

Estes outros fatores levariam ao desempenho competitivo superior de regiões e firmas nelas estabelecidas, como no caso central desta tese de Balsas e Barreiras. Pelos novos conceitos competitivos, os recursos a serem privilegiados seriam também os recursos financeiros, físicos, legais, humanos, organizacionais, informacionais e relacionais. Comprova-se mais uma vez o valor das informações neste período histórico.

Nas características dos recursos, a teoria neoclássica admitia-os como homogêneos e imperfeitamente móveis, já nas vantagens comparativas, como heterogêneos e perfeitamente móveis, provados pelo chamados fornecimentos globais exemplificado nas páginas 78 e 79 e explicado na nota 49 a seguir.

Esta comparação, apoia também a explicação da criação da competitividade regional, a criação dos espaços de globalização, entendido através da aplicação de políticas públicas governamentais, investimentos em conhecimento e capital humano, investimentos privados em telecomunicações e

⁴⁶ **Assimetria de Informações**-Refere-se às diferenças no grau de informações detidas pelos indivíduos, especialmente quando estas são relevantes para determinar planos eficientes ou para avaliar a performance individual. A informação sempre tem custos, é assimétrica e imperfeita em JANK(1996:187)

⁴⁷ **Nova economia Institucional-NEI** Linha de pensamento econômico que parte dos paradigmas clássicos da organização industrial moderna e expande o conhecimento em direção ao estudo do ambiente institucional e das variáveis transnacionais que caracterizam a organização das firmas e dos mercados. Segundo citado em JANK(1996:193).

⁴⁸ Ver nota no. 10

equipamentos e maquinário, e não da competitividade regional herdada como um patrimônio natural.

Dentro do processo de globalização em curso, graças às características deste período histórico, há um acirramento na competitividade locacional e uma pulverização dos espaços de competitividade, uma multiplicidade de espaços que concorrem globalmente, mundializadamente entre si.

Como será analisada a competitividade das nações, a seguir, procurou-se colocar uma crítica de um importante autor, aos perigos da obsessão pela competição. Os três perigos reais de se pensar e falar em competitividade, para KRUGMAN(1994) seriam os de se gastar perdulariamente recursos públicos para aumento de competitividade, a condução ao protecionismo econômico e às guerras comerciais que, segundo ele, poderia resultar em más políticas públicas, num espectro de assuntos importantes.

2 A Competitividade em Porter

PORTER foi autor que ousou incluir mais variáveis e competitividade, diferenciando seu referencial teórico da Teoria da Vantagens Comparativas enunciado por RICARDO. Porter coloca a existência de outras variáveis além dos custos mais baixos de produção quando afirma que :

"devemos levar em conta as diferentes fontes de vantagem competitiva em diferentes indústrias, em lugar de depender de uma única e ampla fonte, como custo de mão-de-obra ou economias de escala. Como os produtos são diferenciados em muitas indústrias, devemos explicar por que as empresas de certos países são mais capazes de diferenciar do que outras e não nos concentrar, apenas, nas diferenças de custo. Os competidores globais, desempenharam com freqüência, certas atividades na cadeia de valores fora de seu país sede(como é o caso das empresas instaladas em Balsas e Barreiras citadas na TABELA 6). A globalização da competição não nega o papel da nação

sede na vantagem competitiva, mas muda o seu caráter. Significa que a tarefa não é explicada por que uma empresa operando exclusivamente no país, tem êxito internacional, mas por que o país é uma base nacional mais ou menos desejável para competir numa indústria. A base nacional é o lugar onde a estratégia é fixada, o desenvolvimento do produto básico e do processo é feito e onde estão as capacidades essenciais e de propriedade. A base nacional é plataforma de uma estratégia global na indústria na qual vantagens oriundas do país sede são complementadas pelas vantagens provenientes de uma posição integrada, mundial. PORTER(1993: 85-86).

Dentro do conceito de vantagens para a competitividade dos locais recorreu-se à obra de PORTER, por ser específica para este assunto, pois identificou-se que o empírico comprovou a teoria nesta pesquisa. O observado em Balsas e Barreiras era exatamente esta situação, na qual espaços com densidades técnicas, passaram a ser competitivos, mundialmente, não apenas por conta de seus recursos naturais, mas também por conta das estratégias locais, desenvolvidas por empresas transnacionais, aportando suas competências.

Segundo sua teoria, a idéia da vantagem comparativa, baseada inicialmente em HECKSCHER e OHLIN, dizia que:

"tendo todas as nações tecnologia equivalente, difeririam elas nos fatores de produção (terra, capital, trabalho e recursos naturais)" PORTER(1993:12).

Os exemplos são: as montagens eletrônicas na Coreia (com mão de obra a baixo custo), o aço sueco (cujo índice de impurezas do minério de ferro era pequeno), a soja e seus derivados (com abundância de terras cultiváveis).

Essa idéia foi derrubada posteriormente com os conceitos de empresas multinacionais (com bases de produção em muitos países), "*global sourcing*"⁴⁹ (fornecedores múltiplos para fabricas múltiplas no mundo), produtos mundiais

⁴⁹ **Global Sourcing** - É o fornecimento global de bens e produtos. O exemplo para o mercosul são os automóveis Ford montados no Brasil e na Argentina. Os mais sofisticados e caros, cuja demanda é menor, portanto produzidos em menor escala, vem da Argentina para o Brasil(Escort 16 válvulas). Já os modelos mais populares que necessitam de uma escala maior de montagem vão do Brasil para a Argentina. Sairia mais caro para a Ford montá-los ,de acordo com as escalas necessárias, no Brasil e na Argentina.

(como o automóvel Escort da Ford, e inúmeros modelos da Volkswagen e General Motors) cujos componentes eram provenientes dos mais diversos países e montados em muitos lugares simultaneamente para consumidores mundiais. A especialização passou, então, a não mais estar no país mas sim no produto.

Os Estados Unidos passaram a produzir tecnologia na forma de programas computacionais (softwares) ao passo que os computadores (hardwares) passaram, num primeiro momento, a ser produzidos no Japão, passando, depois, a serem produzidos nos chamados tigres asiáticos (Hong Kong, Taiwan, Coréia, Malásia) na China, na Indonésia, em Singapura e outros países que eventualmente apresentavam vantagens competitivas (disponibilidade e abundância do fator de produção força de trabalho) em relação ao Japão.

Deve-se ressaltar porém que a geração da tecnologia tanto de software quanto de hardware ficou com o capital humano constituído pela quantidade enorme de cientistas e pesquisadores concentrados na Califórnia, no chamado Vale do Silício.

Durante muito tempo considerou-se como vantagem competitiva, entre os países, dois pontos que hoje em dia são relativos : baixos salários, mão de obra farta e taxas de câmbio favorável. Encontra-se contraposição a esses argumentos o fato de que em certos países como Alemanha, Suíça e Suécia a mão de obra não era farta e os salários eram altos. Apesar desses fatores esses países prosperaram e foram altamente competitivos. Ora se esses aspectos são assim relevantes então porque certos países são mais competitivos do que outros? O que torna um país competitivo?

Perseguindo essas dúvidas PORTER inverte a questão e, ao invés de perguntar se um país é competitivo ou não, alegando que a competitividade é uma idéia amorfa, pergunta qual é a produtividade(sendo produtividade o valor do que é produzido por uma unidade de trabalho ou de capital) com que os recursos nacionais (capital e força de trabalho) são empregados.

Ainda segundo este autor a produtividade é a determinante, a longo prazo, do padrão de vida de um país, pois é a causa fundamental da renda nacional per capita.

A produtividade dos recursos humanos determina seus salários, enquanto que a produtividade com que o capital é empregado, determina o retorno que tem para os investidores. Os impactos gerados pela alta produtividade são muitos e dentre eles destacam-se: criação de mais horas de lazer, criação de renda nacional (custeadora de serviços públicos), melhoria geral do padrão e da qualidade de vida, melhoria de aspectos ambientais.

Muitas vezes a competitividade é influenciada por inovações tais como: novas tecnologias, novas necessidades do comprador, aparecimento de novo segmento de indústria, custo ou disponibilidade oscilante de insumos, mudanças nos regulamentos governamentais.

Muitas regiões do mundo competem, com suas vantagens comparativas, como por exemplos vinhos da Borgonha (França), vinhos da Califórnia (EUA), vinhos de Maipo (Chile) ou vinhos do Cabo (República Sul Africana). Porém se o consumidor não apreciar as características exclusivas que cada região oferece a seus produtos, então a competição se realizará dentro do campo das vantagens competitivas, ou seja aquele que apresentar melhor relação custo/benefício.

Muitas vezes não apenas essas vantagens comparativas são relativas apenas aos custos de produção menores, mas também a inúmeros fatores que comporão o preço final do produto como preços de frete até o destino, vantagens ou desvantagens fiscais, subsídios governamentais auferidos a determinados produtos, escala de importação e outros. Num mercado globalizado esses fatores tornam-se muito relevantes e de certa forma anulam as vantagens comparativas da exclusividade do produto, realçando então as vantagens competitivas.

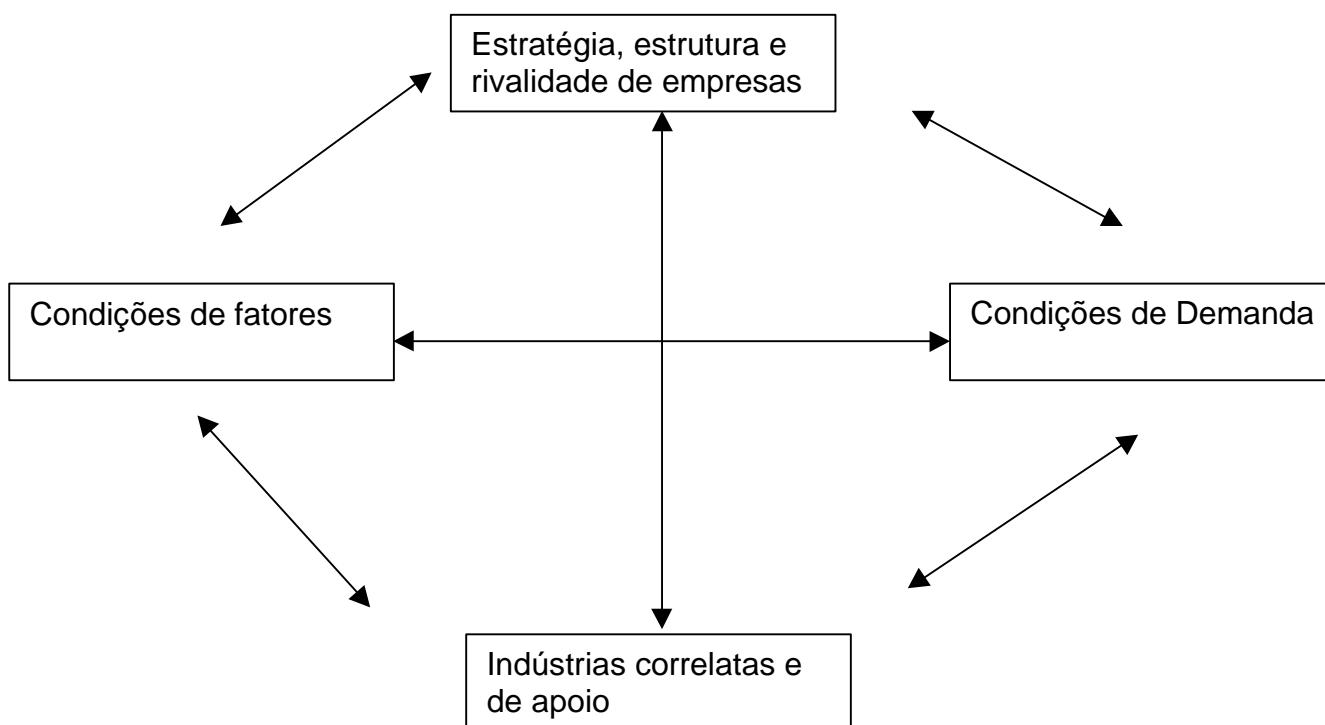
PORTER(1990:85-93) também preocupou-se em discutir vantagens competitivas de cidades e regiões. Dentro da linha de discussão verificam-se quais são, segundo ele, as determinantes da vantagem competitiva nacional. Aproveitar-se-á o tratamento que o autor dá aos países para se discutir como esse

processo influencia o que aqui se considera como espaços globalizados de Balsas e Barreiras.

As condições de competitividade estão localizadas dentro de um país, em diferentes pontos, para diferentes atividades.

Estimulado pelo interesse que despertam o desempenhos de empresas de sucesso em determinadas nações, este autor lida também as concentrações de empresas em determinadas porções territoriais, em nível regional, dentro dos países. No FLUXOGRAMA 4 PORTER utiliza-se do chamado “diamante” para ilustrar seu conceito:

FLUXOGRAMA 4 : DETERMINANTES DA VANTAGEM NACIONAL



Fonte: PORTER(1993:88)

Encarado o diamante como um sistema mutuamente fortalecedor, o efeito de um determinante depende do estado dos outros. Os determinantes são:

A) Condições de fatores: A posição do país nos fatores de produção, como trabalho especializado, infra-estrutura, necessários à competição em determinada indústria.

Com a competitividade deste período histórico, os objetos técnicos SANTOS(1996:32) representam uma possibilidade de flexibilização dessas condições de fatores. No processo de globalização há a possibilidade de se investir capital em qualquer ponto da terra, criando-se "densidades técnicas" SANTOS(1996:205).

No caso de Barreiras e Balsas há, de fato uma densidade técnica, que será comprovada pelo bom desempenho na atividade sojícola no Capítulo IV e será demonstrado na análise das regiões no Capítulo VI.

Esta dotação de fatores é descrita por PORTER(1993:91-142) como disponibilidade de *recursos humanos* em quantidade, capacidade, custos de pessoal; *recursos físicos, ou naturais*, referentes à abundância, qualidade, acessibilidade e custo da terra, água, minérios, fontes energéticas e outras características físicas do país; *recursos de conhecimentos*, demonstrado pelo acervo técnico que o país tem em conhecimentos científicos, técnicos e de mercado referentes a bens e serviços; *recursos de capital*, referente ao total existente em capital e o seu custo para investimento na indústria; infra-estrutura, referente a tipo qualidade e valor de uso da infra-estrutura disponível, afetando a competitividade, principalmente referente aos sistemas de transportes, telecomunicações, etc. A todos esses fatores pode-se chamar de densidade técnica.

B) Condições de Demanda: A natureza da demanda interna para os produtos ou serviços da indústria. A demanda interna e sua natureza é um dos pontos mais importantes da determinação da vantagem competitiva nacional, pois ela, determina os rumos e o caráter da melhoria e inovação feita pelas empresas do país. Está diretamente relacionada à exigência que o mercado tem pela qualidade dos produtos.

A quantidade da demanda pode também trazer vantagens, pelo lado da escala de produção, que reduz o custo unitário produzido. Com relação à soja o mercado doméstico por soja grão, para transformá-lo em óleo e gorduras de soja, líder absoluto no mercado brasileiro destes produtos para consumo humano em cocção ou como insumo para indústrias variadas, com mostrado no FLUXOGRAMA 2.

C) *Indústrias Correlatas e de Apoio:* A presença ou ausência, no país, de indústrias abastecedoras e indústrias correlatas que sejam internacionalmente competitivas. Este ponto refere-se à indústria fornecedora de máquinas para extração processamento, condicionamento, refino da soja e seus derivados.

D) *Estratégia, estrutura e rivalidade das empresas:* As condições que, no país, governam a maneira pela qual as empresas são criadas, organizadas e dirigidas, mais a natureza da rivalidade interna.

PORTER cita o caso de Londres que prospera, na Inglaterra, devido à sua demanda avançada de muitos bens e serviços, à concentração industrial e à presença maciça de mão-de-obra altamente especializada. Fatores comuns a um país, como políticas de governo, regulamentação tributária e jurídica, condições do mercado de capitais, custo dos fatores e outros atributos comuns, tornam importantes as fronteiras nacionais.

Da mesma forma extrapolando este conceito para o caso em discussão da região, ter-se-iam as mesmas vantagens dentro de uma determinada região. Estas vantagens poderiam até ser maiores caso a região fosse detentora de legislação específica, como no Brasil existem as chamadas ZPE's (Zonas Especiais de Exportação), que recebem tratamento tributário e jurídico diferenciado, das demais regiões do país.

Como exemplo para esta situação de regiões competitivas, dentro das fronteiras nacionais de um determinado país, cita-se a avicultura de corte realizada no Brasil, nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

A tecnologia genética não se constitui num problema, por ser facilmente adquirível no mercado internacional. A abundância de elementos necessários à elaboração das rações, milho, soja e outros componentes também não é problema para o Brasil. A avicultura vem apresentando ganhos crescentes de

produtividade⁵⁰ (conversão de ração em carne) com a conseqüente redução do tempo de terminação dos frangos. Produz-se carne de frango, desde carcaças congeladas, que são consideradas *commodities*, sem valor agregado⁵¹, até os chamados cortes de frango, que são pedaços cortados sob medida, encomendados pelo mercado japonês.

Outro segmento específico, produzidos nestes estados é o de frangos exportados para os países muçulmanos, liderados pela Arábia Saudita. Os países muçulmanos solicitam que os frangos para eles exportados tenham um abate ritualístico, supervisionado por um líder religioso. Estes chamados alimentos étnicos, agregam valor ao produto final pela agregação do serviço garantido por representante da comunidade.

Mas o caso do Brasil é *sui generis*, pois o país é muito competitivo na produção de ração para a avicultura (soja e milho) não havendo problemas de expansão da base territorial para o crescimento destas lavouras. A terra no Brasil ainda é abundante e muito barata quando comparado a países europeus ou ao Japão.

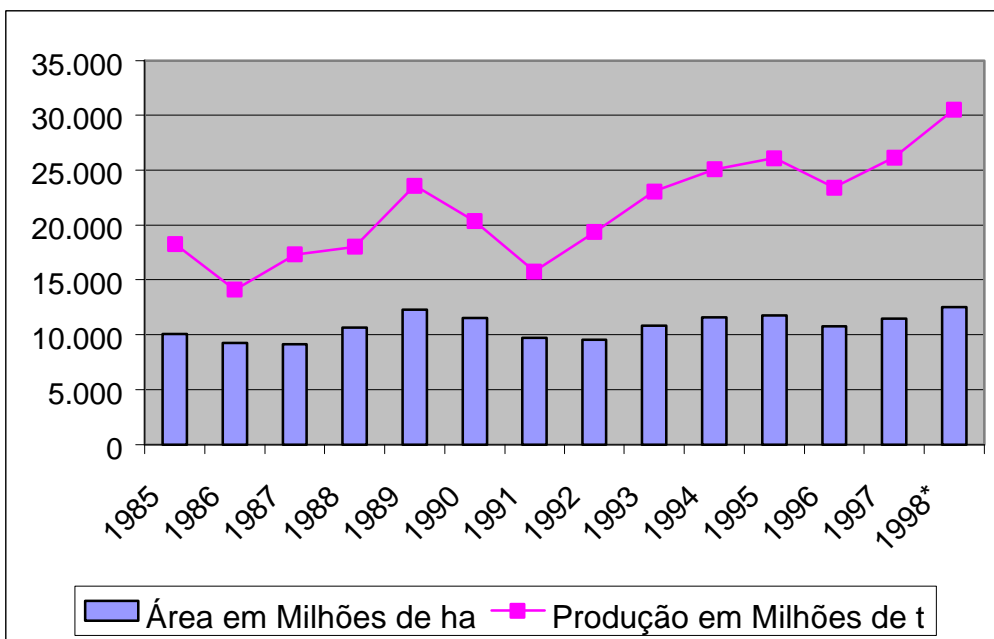
De modo geral suas chuvas são bem distribuídas e utilizam-se técnicas de irrigação para a prevenção de períodos secos. Aliás estas duas lavouras tem apresentado ganhos de produtividade crescente ao longo dos últimos quinze anos, através da incorporação de tecnologia genética e de manejo.

O GRÁFICO 5 mostra o crescimento relevante da produtividade média da soja no Brasil, de 1985 a 1998, graça, principalmente, à incorporação de tecnologia via sementes selecionadas e melhoradas geneticamente. Observa-se que, praticamente sem grandes aumentos na ocupação territorial, a produção quase dobra de 1992 para 1998, representando um ganho de produtividade por hectare de 52,8%.

⁵⁰ **A produtividade da avicultura** é mensurada através da chamada conversão alimentar, que nada mais é do que a capacidade de um frango em transformar ração em carne, hoje ao redor de 1,75kg de ração: 1 kg de carne (contra 3,5: 1 em 1930) e também do tempo de terminação que está hoje em cerca de 38 dias (contra 108 dias em 1930).

⁵¹ **Valor Agregado** - Diz-se do valor monetário global obtido em uma determinada etapa da cadeia produtiva, subtraído do valor monetário global obtido na etapa anterior. Ou seja, é quanto uma determinada etapa produtiva, adiciona em termos de valor monetário vis-à-vis a etapa imediatamente anterior.

GRÁFICO 5 : CRESCIMENTO DA PRODUTIVIDADE MÉDIA DA SOJA NO BRASIL



FONTES: CONAB, DERAL, FNP CONSULT.

Essa combinação de fatores garante ao Brasil hoje, ou seja, às empresas situadas na região sudeste-sul do Brasil, vantagens competitivas e comparativas em relação a outros países produtores. Os grandes problemas do Brasil hoje estão na sua infra-estrutura viária para transportes e nos equipamentos do sistema portuário, contrariando as questões das vantagens competitivas a que se referia PORTER. A situação dos portos no Brasil não é nada boa:

“A ineficiência dos portos brasileiros tem atingido de forma muito grave as operações de exportação de toda a indústria brasileira, e em especial as operações de empresas que dependem de refrigeração de seus produtos como no caso das agroindústrias de proteína animal.

A Perdigão tem procurado operar nos portos de Santa Catarina, com uma concentração maior em Itajaí, onde funciona um pequeno escritório da empresa. Outra opção é o porto de São Francisco do Sul, também em Santa Catarina, e com menor intensidade o Porto de Imbituba. Este último porto é ainda mais problemático por conta de sua distância, que encarece o frete, e por falta de infraestrutura portuária, não possuindo sistema de armazenamento. Se, por acaso, houver qualquer incidente por chuva ou outro evento, a mercadoria é obrigada e ficar nos caminhões, não havendo local para onde possa ser recolhida.

O Porto de Paranaguá até pouco tempo atrás respondia por 25% do volume total exportado pela Perdigão.

Hoje isso não ocorre, devido à falta de competitividade deste porto, onde os custos com a estiva inviabilizaram-no para as operações da Perdigão. Hoje, o custo da tonelada embarcada em Itajaí sai a US\$ 35,00/t, enquanto em Paranaguá atinge US\$ 70,00/t. Aliado a esse problema, existe ainda a burocracia e o número reduzido de fiscais do Ministério da Agricultura no Porto de Paranaguá, que oneram os custos por conta de atrasos sucessivos que acabam se somando."
GIORDANO(1995:16-17)

Como se constata, muitas vezes uma vantagem competitiva acaba diminuindo ou então, muitas vezes, se perdendo. No processo de ganho competitivo, margens⁵² líquidas de ganho poderiam ser incorporadas ao sistema produtivo brasileiro, beneficiando a atividade, gerando empregos, gerando maior circulação de capital, aumentando a demanda por produtos e serviços e reduzindo os custos, tanto para o mercado externo quanto para o mercado doméstico, apoiando o esforço de combate à inflação e à geração de divisas. Mas infelizmente perdem-se recursos por inconsistências dos sistemas de produção e pela pouca eficiência dos equipamentos de infra-estrutura de apoio.

⁵² **Margem líquida** - É a porcentagem de lucro líquido em relação ao total de faturamento. É a diferença entre o faturamento total e os custos diretos e indiretos necessários para obtê-lo, Dicionário de Economia(1985:256).

3 A Competitividade em JANK

Em extensa revisão feita em cima do tema, JANK, (1996) dividiu a competitividade em conceitos mais amplos daqueles que referem-se à sociedade como um todo e baseiam-se essencialmente na questão do bem-estar dos cidadãos. TYSON(1993), *apud* JANK(1996) define competitividade como " *é a capacidade de produzir bens e serviços que passem no teste da competição internacional, enquanto os cidadãos desfrutam de um padrão de vida cada vez melhor e sustentável.*"

Também LANDAU(1992) *apud* JANK(1996) : "*Competitividade é o crescimento sustentado e bem distribuído do padrão de vida da população de um país, provendo emprego para todos os que desejam trabalhar, sem reduzir o padrão de vida das futuras gerações*".

Estas duas definições referem-se à manutenção do crescimento sustentado, desfrute de bom padrão de vida pelos cidadãos, provisão de empregos para os que queiram trabalhar e capacidade de passar em testes internacionais. Ora, o que observa-se nos tempos que se vive, é justamente o fim dos empregos, na definição clássica que tinham. Hoje os empregos estão cada vez mais reduzidos nas sociedades industriais(à exceção do fenômeno americano, que tem atravessado os últimos dez anos com baixas taxas de inflação, crescimento econômico do PIB e taxas crescentes de emprego).

As atividades nas quais o Brasil é competitivo internacionalmente, ou seja, passa nos testes acima citados, como soja e frangos, continuam competitivos em que pese o Brasil estar atravessando uma das fases mais críticas de desemprego que se tem notícia no passado recente. Assim não adota-se as definições acima por não estarem de acordo com os propósitos desta pesquisa.

Conceitos mais específicos objetivos e mensuráveis dentro daqueles que tratam a questão da competitividade sob a ótica do comércio internacional, SHARPLES e MILHAM,1990, *apud* ABBOT e BREDHAL,1994, citado por JANK,1996, :

"*Competitividade é a habilidade exportar bens e serviços dentro do tempo, local e forma desejados pelos compradores, a preços tão bons ou melhores que*

outros potenciais fornecedores, sendo estes preços suficientes para ao menos remunerar o custo de oportunidade dos recursos empregados."

HORTA et alli,1993, e CASTELAR PINHEIRO et alii, 1992, apud JANK,1996, afirmam :

"propõem três vertentes conceituais para avaliar o grau de competitividade internacional: desempenho no mercado internacional(participação no comércio internacional e saldo na balança comercial), variáveis macro, (ligado a decisões de política econômica, como subsídios e taxas de câmbio) e eficiência (comparação de características estruturais com a produtividade)."

Novos paradigmas para competição são propostos por KIELSON (1994:64) na TABELA 11 e reforçam uma visão regional, dando suporte à força da região como eventual base de operações do processo de globalização. Numa interessante comparação o autor propõe, como na tabela abaixo, a transformação da competição, do que ele considera, de velhos para novos paradigmas :

TABELA 11 : COMPARAÇÃO DOS PARADIGMAS COMPETITIVOS VELHO E NOVO

Velho Paradigma	Novo Paradigma
Crenças	Crenças
<ul style="list-style-type: none"> • Os outros são meus inimigos • O nome do jogo é : ganhar • Eu sou melhor que eles. • Eu estou separado dos outros. 	<ul style="list-style-type: none"> • Os outros são meu <i>bench mark</i>⁵³. • O nome do jogo é: desenvolvimento contínuo • Eu sou importante. • Eu sou parte da comunidade.
Comportamento	Comportamento
<ul style="list-style-type: none"> • Segregação • Intimidação, beligerância. • Manipulação, exploração. • Seriedade com medo. • Energia altamente focalizada. 	<ul style="list-style-type: none"> • Envolvimento, cooperação. • Apreciação, apoio. • Iniciativa, positivismo. • Seriedade com humor. • Energia altamente focalizada.

Fonte : KIELSON(1994)

Nesta comparação o autor posiciona uma série de novos paradigmas para vencer a competição que se encaixam com muita facilidade nos espaços de globalização de Balsas e Barreiras, bem como conceito de regiões competitivas, como a região urbanas americanas de Los Angeles, na Califórnia e Spartanburg na Carolina do Sul.

Como exemplos desta dinâmica tem-se a região da grande Los Angeles nos Estados Unidos. Esta região, segundo SOJA (1993), foi responsável por uma das maiores máquinas de geração de empregos não-agrícolas, assalariados, urbanos do mundo. Na cidade de Los Angeles foram gerados 1.315.000 empregos na década de setenta, sustentando-se este ritmo até o segundo quarto da década de oitenta, em função da indústria de defesa ali concentrada. Esta tecnópole concentrava mais engenheiros , matemáticos, cientistas e técnicos especializados

⁵³ **Bench mark** é o mesmo que ponto de referência, standard, medida pela qual algo pode ser medido ou julgado.

do que qualquer outra região urbana do mundo. Tudo isso modificou-se radicalmente com o fim da guerra fria no começo dos anos 90 a desarticulação da União Soviética a queda do muro de Berlim e a renovação política dos governos da Europa Oriental.

Por outro lado essa massa de cientistas deu origem já no início da década de oitenta à verdadeira transformação pela qual passou a ciência da informática dando origem ao chamado “vale do silício” na Califórnia. Essa transformação possibilitou transformar um processador matemático de pós-guerra chamado Eniac (“cérebro eletrônico”), que ocupava todo um andar e mais de 70.000 válvulas em um aparelho hoje doméstico de alguns quilos, de mesa, chamado microcomputador, a preços muito acessíveis (SOJA ,1993:233).

Outro exemplo é o de uma região situada entre os condados Spartanburg e Greenville na Carolina do Sul - EUA. Esta região abriga hoje um núcleo de grandes e médias corporações transnacionais como o conglomerado Hoescht-Celanese (alemão/americano), Michelin (francês), BMW (alemão). Em 1994, do total de 215 empresas estrangeiras localizadas nessa região, havia uma predominância de empresas alemãs que atingiam 65 empresas, seguida de 43 empresas britânicas, 29 japonesas e 16 francesas. A região de Spartanburg não se tornou este centro regional congregador de importantes empresas multinacionais por obra do acaso, mas graças a um trabalho cooperativo de 30 anos entre o governo do estado da Carolina do Sul e as Instituições de ensino locais que formaram força de trabalho com habilitação técnica de excelente qualidade.

Ao contrário da crença popular as razões pelas quais as primeiras companhias estrangeiras foram atraídas para esta região não foram os baixos salários e nem os incentivos fiscais . Estudos recentes da John F. Kennedy School of Government da Universidade de Harvard tem mostrado que incentivos fiscais ou locais tem um papel pequeno ou nulo na escolha da localização das empresas nos Estados Unidos. No caso da Carolina do Sul, foi a competência de sua mão de obra o fator decisivo para a escolha de tantas empresas KANTER(1995:154 -155).

Dentro deste aspecto levantado por KANTER a região pode ser considerada como base de operações para o processo de globalização,

dependendo portanto dos incentivos aplicados através de políticas públicas direcionadas e também atrativos que possam oferecer.

4 A Competitividade em BEST

Um autor clássico da economia industrial, BEST(1990) mostra exemplos muito interessantes de regiões industriais inteiras que sofreram impactos econômicos muito fortes por conta de transições ocorridas no sistema de produção. Um dos exemplos mais marcantes ocorreu em duas regiões de indústrias armamentistas situadas uma em Birmingham na Inglaterra e outra nos Estados Unidos em Conecticut chamada de Springfield Armory.

As duas regiões produziam armas leves individuais de infantaria como mosquetes, fuzis e revólveres. Nos Estados Unidos aconteceu uma transformação muito grande nos sistemas de produção dessas armas , envolvendo muito mais máquinas e sistemas automatizados de torno e forja.

Já na Inglaterra, foi mantido o sistema artesanal de fabricação.

Em combate, quando uma peça quebrava-se, ela necessitava de reposição imediata . Caso fosse feita em série e de forma precisa e padronizada, como no caso americano, essa substituição seria possível, no campo de batalha.

Já se as armas fossem inglesas, elas teriam de ser recolhidas para reparo na fabrica, ou então o artesão teria que estar na frente de combate para consertar as armas individualmente.

A ilustração desse caso mostra que a mudança dos sistemas de produção deu-se por conta de grandes mudanças tecnológicas ocorridas nos Estados Unidos, que possibilitaram a introdução de novas tecnologias de produção, mudando radicalmente o perfil dessas regiões. Nos EUA acumulando riquezas e gerando empregos. Na Inglaterra entrando em recessão e paralisando suas atividades. Neste caso houve na Inglaterra, uma decadência dessa região, como tradicional fornecedora de armas, entrando a economia regional em recessão, BEST(1990:39-43).

O novo competidor é, de acordo com BEST(1995:144):

"uma organização de negócios que integra pensar e fazer, através da procura continuada de melhoria, via esses dois fatores".

Estes exemplos vão apoiar a demonstração de como a alta concentração de tecnologia, a densidade técnica, em uma determinada região como Los Angeles ou Balsas e Barreiras, guardadas suas proporções e razões e também o grau de tecnologia, nos casos brasileiros destinados à produção e processamento da soja, pode causar profundas transformações em suas características, transformando-as em espaços de globalização, competitivos e acumuladores de capital.

5 A Competitividade em FARINA & ZYLBERSZTAJN

Lidando diretamente com a competitividade de Sistemas Agroindustriais brasileiros, daí a importância da escolha das definições de competitividade de FARINA & ZYLBERSZTAJN para esta tese, verifica-se :

Competitividade não tem uma definição precisa. Pelo contrário, compreende tantas facetas de um mesmo problema que dificilmente se pode estabelecer uma definição ao mesmo tempo abrangente e útil. Do ponto de vista das teorias de concorrência, a competitividade pode ser definida como a capacidade de sobreviver e, de preferência, crescer em mercados correntes ou novos mercados. Decorre dessa definição que a competitividade é uma medida de desempenho das firmas individuais. No entanto, esse desempenho depende de relações sistêmicas, já que as estratégias empresariais podem ser obstadas por gargalos de coordenação vertical ou de logística. ()... Custos e produtividade são indicadores de eficiência que explicam em parte a competitividade.()... A evolução da participação de mercado reflete a competitividade passada, decorrente de vantagens competitivas já adquiridas. Reflete, ainda, a adequação dos recursos utilizados pela empresa aos padrões de concorrência vigentes nos mercados de que participa e que podem combinar de maneira diferente variáveis tais como preço, regularidade de oferta, diferenciação de produto, lançamento de novos produtos, etc. A capacidade de ação estratégica e os

investimentos em inovação de processo e de produto, marketing e recursos humanos determinam a competitividade futura, uma vez que estão associados à preservação, renovação e melhoria das vantagens competitivas dinâmicas. FARINA & ZYLBERSZTAJN (1998: 10 -11).

Mais uma vez ligando estes conceitos à situação de ganho, manutenção e estratégias, bem como investimentos privados em telecomunicações, principalmente em estados carentes como o Maranhão e interior da Bahia. *"Considerando que os terminais VSAT (Very Small Aperture Terminal), não servem para comunicar-se entre si (ao contrário dos terminais telefônicos) mas somente entre o local e a sede da empresa (majoritariamente localizada em São Paulo) podemos afirmar que a rigidez desta técnica reafirma o corporativismo do uso do território brasileiro. As 114 microestações VSAT instaladas pela Embratel no Maranhão não aumentam a densidade comunicacional dentro do estado, mas sim os fluxos de cada uma das localidades maranhenses com os centros de comando econômico brasileiros. A precariedade das comunicações internas por cabos e infra-estruturas tradicionais é perversamente compensada pelo aumento dos fluxos externos por satélite."* CASTILLO (1999:193). Apesar destas distorções muito bem avaliadas pelo autor acima, estas técnicas privadas colocam essas fronteiras agrícolas, na ponta de lança da competitividade internacional na produção de soja, graças também a ampla disponibilidade privada de informações como será visto no capítulo V.

6 A Competitividade em MÜLLER

MÜLLER, 1995, escreve bastante sobre competitividade dizendo que esta tornou-se um dos principais padrões, governando a grande variedade de interesses mutáveis no plano internacional.

Diz também que de uma forma ou de outra, a liberalização do comércio, os ajustes estruturais, a coexistência inteligente com os recursos naturais, a luta para acabar com a pobreza são vistos através do prisma da competitividade.

Isto transforma a competitividade numa espécie de princípio compulsório pelo qual a situação internacional é medida e que influencia a formulação e implementação de estratégias de negócios e políticas nacionais.

A competitividade oferece uma grande variedade de temas, dos quais já se viu parte neste capítulo, variando seu foco dos aspectos econômicos a outros que tentam ligar o técnico-econômico, sociopolítico e aspectos culturais do processo de competitividade.

A diferença entre elas está na forma com que se observam as relações entre desenvolvimento e competitividade. A grande contribuição que MÜLLER, 1995, apresenta é a possibilidade de formatar um "mapa" da competitividade mostrado no FLUXOGRAMA 5, que consiste numa rede de conceitos chave interligados cujos objetivos permanecem os mesmos independentemente de como a competitividade seja definida, ou seja, para ganhar, manter e expandir uma determinada participação de mercado, como é o caso da soja em Balsas e Barreiras.

A competitividade é a mola mestra do sistema capitalista e deve ser vista segundo POSSAS(1985), *apud* MÜLLER,1995, como: "*uma parte integral e inseparável do processo global de acumulação de capital, sendo, portanto, o motor básico da dinâmica capitalista*".

Além disso, continua MÜLLER, esta confrontação entre blocos de capital ocorre no mercado, que é, por definição, a arena para a competição capitalista. Pode-se definir a competitividade como a participação no mercado. Ampliar esta definição incorporando a estrutura e comportamento de empresas e setores econômicos é um passo na direção certa e sem dúvida é útil para análises técnico-econômicas. O mapa da competitividade, ainda segundo o mesmo autor, tem dois pólos: O poder mundial estruturado e o desenvolvimento de países ou regiões que procuram conseguir crescimento e desenvolvimento através da sua integração no mundo conforme mostra a figura abaixo:

FLUXOGRAMA 5 : UM MAPA DA COMPETITIVIDADE



FONTE: MÜLLER(1995:149)

Note-se que o conceito de poder ocupa uma posição central no mapa da competitividade. Há uma inter-relação bastante grande entre a competitividade e a questão do poder. O autor inclui um conceito de negociação, explicando que não é possível haver **poder** sem algum tipo de negociação.

Segundo STRANGE,1988, *apud* MÜLLER,1995, "*É impossível estudar economia política sem dedicar uma atenção especial ao papel do poder na vida econômica. Cada sistema (político-econômico nacional) reflete uma mistura diferente em termos de peso designado aos valores básicos da riqueza, da ordem, da justiça e da liberdade. O que determina a natureza desta mistura é, basicamente a questão do poder*".

Neste conceito apresentado, pode-se ir além, evocando-se os tipos de negociação que tem papel chave nas situações particulares, por conta de serem as bases de decisão do que pode e do que não pode ser modificado.

Negociações, por exemplo, entre produtores brasileiros de soja dos cerrados nordestinos e consumidores holandeses de farelo de soja, com relação a determinadas características do produto brasileiro quando cotejado com o farelo americano, (i.e. ter origem de material não geneticamente modificado) podem, a um certo momento, se tornar o elemento mais decisivo em determinar o sucesso das estratégias competitivas dos brasileiros para ganhar mercados e/ou bonificações em cima dos preços.

Ainda segundo o mesmo autor, o poder estrutural do mundo refere-se ao poder que molda as estruturas tecnico-economicas e sócio-políticas do mundo e que decide como outros Estados, instituições, firmas e processos econômicos devem operar STRANGE(1988) *apud* MÜLLER(1995:149). Um exemplo disso é o grupo dos sete países mais ricos (G-7), a Comunidade Econômica Européia (CEE), o NAFTA , entre outros.

Um ponto interessante deste esquema proposto por MÜLLER, 1995, é a indicação de que a competitividade permeia todos os processos relevantes e é um dos meios pelo qual os países desenvolvidos se conectam ao nível regional ou nacional com aqueles que querem conseguir desenvolvimento. No caso presente de Balsas e Barreiras, a presença das empresas transnacionais de comercialização, armazenamento, transporte e processamento de grãos, cria espaços de comércio, tornando a região competitiva do ponto de vista internacional, na produção e processamento do complexo soja.

SELA(1991), apud MÜLLER(1995:150), corroborando essa idéia, diz que os países desenvolvidos e aqueles em desenvolvimento, nos seus esforços para conseguir atingir, manter e aumentar sua competitividade, devem levar em conta três fatores, ao nível internacional , que servem como um quadro de referência para suas estratégias, que são:

- Globalização
- Transnacionalização
- Regionalização

Da mesma forma que se permitiu, neste período, se falar em cidades mundiais com nós na cadeia de interações que dão suporte à vida social do planeta, considera-se agora essas regiões produtoras como globalizadas, transnacionalizadas por conta das firmas internacionais e multinacionais que lá operam e reterritorializam seus espaços mundiais de negociações e trocas, também chamados de mercados.

Para a pesquisa que ora se desenvolve interessa em muito esta conceitualização pois ajuda a provar, explicar e elucidar a hipótese de trabalho levantada no início desta tese. Para que se possa trabalhar com a região propriamente dita, visto que Balsas e Barreiras são as regiões em estudo, passar-se-á ao capítulo quatro. A região, escala fundamental para a compreensão do espaço geográfico, será revisitada e correlacionada com o processo de globalização.

Parte B : O Estudo Regional

A questão regional constitui-se em um dos assuntos mais importantes do final do século XX. Às vésperas do início do terceiro milênio assiste-se a um processo maciço de **globalização/fragmentação**, a que estão submetidos os países. Nem todos os países estão passando pelo processo com a mesma intensidade, mas com certeza, a maior parte dos países do mundo já passa pela mundialização das mercadorias. Alguns países mais dinâmicos passam também por um processo de mundialização cultural, principalmente através de filmes de cinema e cadeias alimentícias. Em muitos países ocorrem reações à globalização ocorrendo a fragmentação, a busca da cultura perdida, da identidade reprimida.

A Europa, varrida neste século por guerras das mais cruéis da história da humanidade, passa mais uma vez por um período de busca de suas identidades regionais, de locais sacros para determinados povos. Neste processo ocorrem extermínios étnicos, lutas entre cristãos ortodoxos sérvios e kosovares muçulmanos de origem albanesa, como se fosse um processo natural para cada um desses povos. A Região dos Balcãs, em especial, tem sido palco destes fatos, envolvendo a globalização/fragmentação. O que surpreende o mundo não surpreende o geógrafo que analisa esta situação.

Como um exemplo dessa situação cita-se o processo de unificação da federação iugoslava, conseguida a duras penas sob a mão forte do Estado de Tito, após a Segunda Guerra Mundial. A federação desaba, no início dos anos 90, após o esfacelamento da União Soviética. Os geógrafos da Universidade de São Paulo, previram esses acontecimentos com três anos de antecedência, como se lê em OLIVEIRA,1996:(276-278) :

" Como forma de manter o país unido, Tito, antes de morrer(1980), articulou um sistema de governo baseado em um colegiado dos presidentes das repúblicas e das províncias autônomas. O presidente e o vice-presidente desse colegiado seriam escolhidos para dirigi-lo por um ano através de rotatividade, com

alternância entre os membros. Os movimentos separatistas étnicos passam a eclodir no país, que havia vivido um período de profunda crise econômica nos anos 80, causada sobretudo pela política adotada face aos compromissos decorrentes da sua dívida externa(cerca de US\$20 bilhões). Primeiro foi a província de Kosovo, que já havia conhecido (1981) movimentos pela sua autonomia, que através de seu parlamento, fez aprovar, em 1989, modificações constitucionais que reduzem a sua própria autonomia. Essa medida fez eclodir protestos e confrontos entre nacionalistas e a polícia."

Em 1999, mais uma vez sem surpresa para os geógrafos, como se percebe pelo texto mencionado, mais um local, mais um lugar considerado uno(o que havia restado da Iugoslávia), fragmenta-se, com a guerra do Kosovo.

A mídia fala com insistência sobre a região deflagrada, região dos Balcãs e, nesta contemporaneidade, o lugar e o mundo são escalas fundamentais para a compreensão do espaço geográfico. Por outro lado o processo de globalização em curso, graças às características deste período histórico, acirra e pulveriza os espaços da competitividade, fundamento do sistema capitalista.

Revisitar-se-á e discutir-se-á, nesta parte B o conceito de região, as características dos cerrados estudados, as características das fronteiras agrícolas de Balsas e Barreiras e, finalmente, analisar-se-á a competitividade de cada uma delas, através da proposição de uma metodologia de análise de espaços das fronteiras agrícolas produtoras de soja, que participam de um mercado globalizado.

Capítulo IV A Questão Regional e Globalização

1 Região: Revisitando Um Conceito

Muitas vezes o termo região é utilizado para definir coisas diferentes. Nesta pesquisa geográfica não há por que negar o espaço, tema de fundo dos estudos geográficos, mas estudá-lo e aprofundar o conhecimento neste ramo das ciências humanas.

De acordo com O NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO(1975:1218), separando-se as definições apenas para as finalidades desejadas, tem-se as seguintes definições de região:

” 1. Grande extensão de terreno.

2. Território que se distingue dos demais por possuir características (clima, produção, etc.) próprias ”.

Já o *AMERICAN HERITAGE DICTIONARY*(1982:1041) define região como: “ um segmento grande e habitualmente contínuo de superfície ou espaço; área. Uma grande e indefinida porção de superfície terrestre. Um distrito específico ou território. Um campo de interesse ou atividade: esfera. Uma parte da terra que se distingue por vida animal ou vegetal ”.

As definições tem sempre consagrado algum fator que dê unidade à mesma porção, seja ela na atmosfera, subdividida em camadas e altitudes, seja no mar, caracterizada por profundidades determinadas, seja na paisagem, caracterizada por algum *continuum*.

Da mesma forma nas ciências biológicas os biomas são definidos como: “...grande biossistema regional ou subcontinental caracterizado por um tipo principal de vegetação ou outro aspecto identificador de paisagem”, ODUM (1988:3) .

Oдум utilizou-se de uma interação entre o meio natural e suas fronteiras (o aspecto identificador de paisagem) para particularizar uma determinada região. Por coincidência ou não, quando há referências às regiões Amazônica, do Sahara, do Sahel, do Pantanal, dos Cerrados e outras, verifica-se uma mistura de conceitos entre os identificadores físico-bióticos e culturais sócio-econômicos.

Algumas luzes sobre o tema região são lançadas também por GOMES,(1995), que relembra tempos em que se utilizava o conceito de região natural, de onde advinha a idéia de que o ambiente teria um certo domínio sobre a orientação do desenvolvimento da sociedade, resultando nas discussões das determinações e influências do meio natural. Estas idéias tiveram uma resposta definitiva dada por Lucien Fébvre em 1922, que, com seu “possibilismo”, procura mostrar que a natureza pode influenciar e moldar certos gêneros de vida, ficando porém com a sociedade e sua cultura, educação e civilização a responsabilidade da escolha, conforme relembra Gomes segundo a fórmula “ *o meio ambiente propõe, o homem dispõe* ” GOMES(1995:56).

A região, ao que tudo indica foi e tem sido utilizada para denominar porções territoriais que teriam pelo menos algumas características comuns. O lugar pode servir para definir tanto o estado como o município.

Pode também definir o bairro, a rua e a unidade de moradia ou de comércio e serviços. Dentro desta visão de região tem-se muitas vezes vantagens comparativas (que serão vistas no item seguinte) em determinadas regiões geográficas, que são únicas, como toda a região de vinhos da França(Borgonha Conhaque e Champanhe) e também de Portugal(Douro, Dão, Alentejo). Existem inúmeros produtos que tem exclusividade de produção, como certos queijos de Minas Gerais(i.e. Queijo do Cerro), de inúmeras regiões da França, certos cafés do cerrado mineiro e certas carnes de cordeiro da Patagônia.

Os produtos são numerosos e muitas vezes categorizados pela denominação de origem. Isto quer dizer que produtos com características específicas como cor, sabor, textura, densidade e muitas outras, são fruto das

condições ambientais (muitas vezes com preponderância para as condições edafo-climáticas), das variedades, das espécies vegetais ou animais. Isto ocorre com certas leveduras fermentativas (queijos roqueforte), certos ingredientes como turfas da Escócia e mesmo água para composição de whiskys escoceses e cervejas.

Esta características (vantagens) existem exclusivamente na área delimitada destas regiões. Fornecem características únicas aos produtos, conferem a possibilidade de agregar valor, dada a sua exclusividade. Este sistema de denominações, necessita de regulamentação e fiscalização para que se evite a fraude, mantendo a garantia e o valor dos produtos para seus consumidores.

As denominações de origem controlada⁵⁴ (DOC) são uma modalidade de propriedade intelectual, assim como as patentes, marcas registradas, e direitos autorais, CHADDAD(1995).

A denominação de origem, ainda segundo este autor, deve ser considerada como um sinal de distinção de um produto. Dessa forma, os produtos com Denominação de Origem Controlada alcançam preços acima do mercado quando comparados com produtos sem denominação de origem, garantindo melhoria de renda para todo o sistema agroindustrial envolvido nos negócios (dos fornecedores de insumos para a produção, produtores, distribuidores, varejo, atacado e exportação), além de se constituir numa excelente reserva de mercado para os produtores. Muitos destes produtos, considerados especialidades como uísque escocês e vinho do Porto, são produtos já globalizados, conhecidos e encontráveis em qualquer capital do mundo.

Embora esta explicação das regiões demarcadas seja bastante convencional, autores como MORAN(1993), trabalhando com regiões demarcadas para vinhos na França e na Califórnia (EUA), discute que a distribuição das

⁵⁴ **DOC**-Denominação de Origem Controlada. Diz-se dos produtos com selos de origem, oriundos de sub-espacos criados por poder político e prestígio, que eventualmente podem conferir, via propriedades edafo-climáticas e culturais, certas características únicas a esses produtos.

regiões vinhateiras reflete o poder político e o prestígio destas regiões, não atendo-se apenas a fatores edafo-climáticos.

Segundo o autor essa situação é verificada particularmente na França. A conceitualização da legislação das áreas demarcadas na França, como uma forma de territorialização, visava regular e apropriar vantagens para alguns participantes da indústria. Confirma-se então a afirmação de SOUZA(1991:2) que o espaço geográfico é instrumentalizado e manipulado.

Nestes casos poder-se-ia arriscar afirmar que a região (única e exclusiva) poderia servir de base de operações (produção e comercialização) num processo de globalização.

Há também outros exemplos interessantes que são as regiões administrativas civis ou militares, que , do aspecto legal , impõem divisões de jurisdição, não sendo objeto deste estudo.

As discussões sobre região tem desenvolvido-se de forma intensa no plano internacional, nacional, local e regional. Apesar de intensamente debatido, o termo região muitas vezes, assume diferentes significados.

Pesquisando-se os significados etimológicos do vocábulo região, obteve-se as seguintes definições:

Para CUNHA (1982: 671) região é : “ *grande extensão de terreno, território que se distingue dos demais por possuir características próprias (1498) do latim regionis ou regione que quer dizer reger ou conduzir*”.

Em um trabalho científico de SOUZA (1976) que explora as diversas abordagens da regionalização como tema geográfico e político, verificam-se os seguintes conceitos de região, que foram tratadas no Iº Seminário Inter-Americano sobre Definições de Região para o Planejamento do Desenvolvimento:

“ *Porção de território, determinada por caracteres étnicos ou circunstanciais especiais de clima, produção, topografia, administração, governo, etc...* - Dicionário da Língua Espanhola , Real Academia Espanhola(17º Edição, p. 1.803)".

“ País, território, comarca, demarcação. Dicionário Espanhol de Sinônimos e Antônimos, SAINS DE ROBLE, p.939, Edição Aguilar”.

” *Parte de um território, caracterizado por seus antecedentes históricos e por sua geografia, cujos habitantes conservam seus antigos costumes, seu idioma, etc....*”

Avança a mesma autora para um entendimento, citando resumidamente as proposições de François Perroux (1964) e Jacques Boudeville (1961), a respeito do conceito de região:

“ *A região homogênea, é aquela onde se destaca um fator de homogeneidade para defini-la, podendo ser: uma unidade natural, onde haja predominância de traços físicos: relevo, clima, vegetação; uma unidade histórica, étnica, ou cultural, como por exemplo as antigas áreas de colonização; uma unidade econômica, caracterizada por sua atividade econômica dominante.*

A região polarizada (ou funcional ou geográfica), que seria submetida à influência dominante de um polo, como, por exemplo, as regiões polarizadas do IBGE.

A região operacional, que se referiria ao domínio de intervenção de uma autoridade: Uma circunscrição administrativa, judiciária, militar ou uma unidade de coordenação e implantação de um plano ou programa de desenvolvimento.”

A região, quadro operacional de uma política de desenvolvimento:

Toda região(espaco organizado) deve ser considerada como parte de um todo, maior do que ela; a relação é uma característica inerente à região;

a dinâmica, manifestada sob múltiplos aspectos, explicita o nível regional;

a existência de regiões, decorre de um dado fundamental: o espaço é diferenciado e não uniforme, SOUZA (1976:103-107).

Em um trabalho centrado na escala brasileira, e na escala regional, CASTRO(1994), discute a perspectiva lablachiana (referente a Vidal de Lablache, geógrafo frances) da escala planetária, submetida à escala regional. Indica a

autora que na perspectiva positivista, a redução do método geográfico à região, sem estrutura lógico dedutiva consistente, confinou a disciplina a forte provincianismo acadêmico.

“ Universalismo, nacionalismo, regionalismo, localismo, são valores que variam de importância no tempo e no espaço e cuja essência pode ser utilizada para objetivos progressistas ou conservadores. (). Seguindo Jean-Paul Ferrier, se aceitarmos que o território constitui um mediador privilegiado para fundar um projeto de conhecimento, deduzimos que ele é o portador de casualidade própria e, justamente por isso, desempenha o papel de acumulador de história. Tomando esse fio condutor, a região será justamente um acumulador espacial de casualidades sucessivas, perenizadas numa porção de espaço geográfico, verdadeira estrutura-sujeito na relação histórica do homem com seu território. Portanto a complexidade dos espaços contemporâneos, com suas articulações por meio de fluxos e redes, requer um novo olhar capaz de visualizar novos fatos que nos permitam compreender a realidade, projetada em diferentes escalas e que se reflete em cada uma delas”, Castro (1994:168).

Nesse sentido os paradigmas de redes e fluxos devem ser revistos pois não se poderia mais falar em redes cujos nós seriam tão extensos quanto Ribeirão Preto-Shangai, por exemplo.

Os fluxos de influência caíram por terra também visto que há uma tendência da economia, como um todo, em se globalizar, indeterminando cada vez mais os roteiros dos fluxos. Amsterdã e Roterdã poderiam ser nós de uma rede e pontos finais de fluxos, analisando-se do ponto de vista do destino de mercadorias transportadas. No entanto, são apenas mais dois sub-pontos, locais que reúnem e logo a seguir redistribuem essas mercadorias ou documento comercial que as represente.

Esses portos-cidades ou cidades-portos (sua vida foi construída em função dos portos) são hoje os maiores entrepostos europeus de distribuição de *commodities* e de produtos alimentícios. As empresas transnacionais situadas

nestes, ou em outros pontos podem se desterritorializar, através de suas transações econômicas e seus investimentos globalizados, reterritorializando-se em outros locais em outras regiões como Balsas e Barreiras.

Aprofundando sua reflexão e suas pesquisas sobre diversos autores a respeito de região, SOUZA,(1991), mostra que DAVIDOVITCH aceitava a região como espaço funcional, sobre o qual foi colocado um sistema econômico, distinguindo-se áreas de excesso e deficiência quanto à produção e consumo, e que GEIGER encarava a região como parte da superfície cujo elemento dinâmico de organização é a vida econômica, social e humana.

Ao mesmo tempo em que se dá a explosão das fronteiras nos seus conflitos (e das regiões), de acordo com SOUZA,(1991), neste período atual, que cria um meio técnico-científico e informacional, não apenas as fronteiras políticas explodiram mas também os fluxos migratórios (migrações). Explodiram os limites de contenção de populações em busca de novas oportunidades de renda.

Um interessante enunciado pode ser lido em SOUZA sobre este assunto: *“Fala-se em desenvolvimento regional, regionalismo, regionalização, enfim instrumentaliza-se e manipula-se o espaço geográfico. O conceito de região é banalizado e indiscriminadamente confunde-se com área e zona. Espaço geográfico⁵⁵ e região se confundem.”* SOUZA (1995:2-3).

Observa-se que alguns autores colocam o regional, o lugar, como a contraposição do global, como SANTOS,1993, ao afirmar : *“... as tentativas de construção de um mundo só sempre conduziram a conflitos porque se tem buscado unificar e não unir.”*

Prossegue afirmando que a federatividade mundial não se dá por vontade de liberdade mas sim de dominação, aliado ao desejo de competição contraposto

⁵⁵ **Espaço Geográfico** aqui entendido como propõe SILVA(1987:110-111) "O espaço geográfico consiste numa estrutura que tem como *input* a desigual combinação de fatores que interagem e se equilibram formando paisagens diferenciadas, homogêneas ou heterogêneas, de caráter natural ou humano. E, indo mais além como propõe SANTOS (1985: 1) ao considerar: "o espaço como uma instância cultural-ideológica. Isso significa que , como instância, ele contém e é contido pelas demais instâncias, assim como cada uma delas o contém e é por ele contida."

ao desejo de cooperação. Esse esquema necessitaria segundo SANTOS,(1993), de uma rigidez de organização que perpassaria todos os rincões da vida humana, levando à situação em que: o que globaliza, falsifica, corrompe, desequilibra e destrói.

Ele toma o mercado como dimensão mundial, cujos exemplos que cita são: instituições supranacionais, organizações internacionais, universidades mundiais, igrejas dissolventes. Afirma finalmente que:

*“ Quando o mundo assim feito está em toda a parte, o embate ancestral entre a necessidade e a liberdade dá-se pela luta entre uma organização coercitiva e o exercício da espontaneidade. **O resultado é a fragmentação.** A dimensão fragmentada é a tribo - união de homens por sua semelhança - e o **lugar**, a união dos homens pela cooperação na diferença. A grande revolta se dá através do espaço, do lugar, ali onde a tribo descobre que não é isolada, nem pode estar só. Esse lugar tanto pode se chamar Ngoro Karabad como Los Angeles. **O mundo da globalização doentia é contrariado no lugar. Desse modo, o lugar torna-se o mundo do veraz e da esperança e o global, mediatizado por uma organização perversa, o lugar da falsidade e do engodo. Nessas condições o que globaliza separa; é o local que permite a união . Se o lugar nos engana é por conta do mundo.**”* SANTOS(1993:19-20)

Esta contribuição teórica oferecida por SANTOS auxilia a separar um conceito de local, que muitas vezes é utilizado como se fosse para exprimir região, do conceito de região propriamente dito.

Para finalizar a questão conceitual da região, principalmente inserindo-se as regiões em estudo nesta tese, opta-se pela contribuição de SANTOS,(1994). Este autor define seu conceito de espaço, como um sistema de objetos cada vez mais artificial, recheado de sistemas de ações também com artificialidade, cada vez mais tendentes a fins estranhos para o lugar e seus habitantes.

“É dessa forma que na superfície da terra, na crosta de um país, no domínio de uma região, nos limites de um lugar - seja ele a cidade - reorganiza-se

*o espaço, recriam-se as regiões, redefinem-se as diferenciações regionais. **É dessa maneira que se estabelecem novas dinâmicas regionais, criando, sobretudo nos países onde as desigualdades sociais são grandes, aquelas áreas que são apenas regiões do fazer sem o reger.** O fundamento etimológico da palavra **região** é perdido, na medida em que há regiões que são apenas regiões do fazer, sem nenhuma capacidade de comando. Na definição atual das regiões longe estamos daquela solidariedade orgânica que era o próprio cerne da própria definição do fenômeno regional. O que temos hoje são solidariedades organizacionais. As regiões existem, por que sobre elas se impõem arranjos organizacionais criadores de coesão organizacional, baseada em racionalidades de origem distantes, mas que se tornam o fundamento da existência e da definição desses sub-espacos. Se no passado os nexos que definiam a organização regional eram os nexos de energia, cada vez mais, hoje, esses nexos são nexos de informação." SANTOS(1994:92-93).*

Balsas e Barreiras são exemplos perfeitos de sub-espacos, nos quais suas regiões não regem, onde os fatores agregadores são as solidariedades organizacionais, repletos de sistemas de objetos e sistemas de ações artificiais.

No capítulo 5 serão descritas as características das regiões de Balsas e Barreiras, demonstrando os fatos acima citados, encaminhando-se para a comprovação da hipótese enunciada na introdução desta pesquisa.

A seguir serão apresentadas as características naturais dos cerrados onde estas regiões inserem-se.

2 A Caracterização dos Cerrados

A finalidade deste item é a de caracterizar o meio ambiente do ponto de vista físico e biótico dos entornos onde desenrola-se a análise.

As regiões em estudo fazem parte dos cerrados brasileiros mostrados na FIGURA 2. Há uma certa homogeneidade nas condições gerais dos cerrados nordestinos, SUDENE(1982), do ponto de vista ambiental. A enorme superfície estende-se da depressão do São Francisco aos Gerais característicos do Brasil.

Conforme dirige-se para a direção oeste as altitudes elevam-se e a aridez ameniza-se. A transição dessa região, à medida que avança em direção a oeste varia de uma caatinga muito característica e esparsa para um cerrado ralo que vai transformando-se num cerrado denso.

Em toda a extensão da região, desde o semi-árido característico da depressão são-franciscana a região vai ter seus limites a oeste, nas áreas semi-úmidas do sul maranhense. A massa equatorial influencia a região diretamente.

Ao norte e a oeste, na porção da Bahia, pela modalidade atlântica. A oeste além da Bahia, o clima é influenciado pela massa continental. A situação climática estará diretamente relacionada com as propriedades dessas massas e da variação de suas posições no ciclo anual e ao longo dos anos. Apesar de existirem poucos postos meteorológicos a TABELA 12 indica alguns pontos situados na região ou em seus limites, dando uma idéia das médias de temperatura.

TABELA 12 ÁREA CENTRO-ORIENTAL DO NORDESTE TEMPERATURAS MÉDIAS POR ESTAÇÃO METEOROLÓGICA (em ° Centígrados)

Estação Meteorológica	Média do mês mais Quente	Média do Mês mais Frio	Média Anual
Carolina-MA	28,3	26,1	26,5
Grajaú-MA	27,2	24,9	25,8
Remanso-BA	28,3	25,6	27,1
Barra-BA	28,6	24,1	26,3
Taguatinga-GO	25,7	22,9	24,1

FONTE: Ministério da Agricultura, Normais Climatológicas do Brasil,1969 in Sudene,1982.

Característica de sua proximidade ao equador, verifica-se que as médias são bem elevadas. Nas áreas mais altas há uma diminuição, porém pequena, desses valores. O período de chuvas estende-se outubro a março, havendo uma variação de sul para norte, na posição dos meses mais chuvosos. Os três meses mais chuvosos na região de Barreiras-BA são novembro-dezembro-janeiro e na parte mais ao norte onde situa-se Balsas-MA janeiro-fevereiro-março.

As condições meteorológicas dos cerrados nordestinos apresentam os seguintes tipos de climas: seco, semi-árido, sub-úmido e úmido, a depender de sua área de localização, vegetação local e das condições ambientais. As temperaturas médias variam entre 22°C ao sul e 27°C ao norte da região. As variações sofrem influências dos ecossistemas das regiões confrontantes. A precipitação pluviométrica anual apresenta uma amplitude de 800 a 2.400 mm por ano. Vale notar que em 60% da área do cerrado verificam-se quantidades de chuva que variam entre 1.200 a 1.600 mm por ano segundo CUNHA,1994.

Situados na região central do Brasil e ocupando cerca de 24 % do território nacional com aproximadamente 204 milhões de hectares, os cerrados brasileiros distribuem-se pelos estados de Tocantins, Goiás, parte do Mato Grosso , Mato Grosso do sul e Minas Gerais, partes consideráveis da Bahia, Maranhão, Piauí, Rondônia, Roraima e Amapá, além de pequenas porções do Pará, Ceará e São

Paulo. Segundo ROCHA,(1997), *apud* FERNANDES,(1998), dos 204 milhões de hectares, 35 milhões são ocupados por pastagens cultivadas, 10 milhões possuem culturas anuais e 2 milhões de hectares são constituídos por culturas perenes (café e fruteiras) e florestas. A superfície potencialmente utilizável corresponde a 127 milhões de hectares que, subtraindo a parte ocupada, ainda oferece 80 milhões de ha de fronteiras agrícolas, ROCHA, (1997).

As altitudes variam de 200 a 1.000 m. Percorrendo-se a região da calha do São Francisco em direção ao oeste até os chapadões confrontantes com Goiás a altitude eleva-se e lá registram-se as maiores altitudes.

Em direção ao norte o relevo eleva-se até atingir mais de 700 m. , principalmente na Chapada das Mangabeiras da qual a região de Balsas faz parte. Os grandes domínios morfoclimáticos regionais são: caatinga e cerrado.

Separando-os há uma zona transicional nas quais incluem-se os patamares estruturais do oeste baiano e da bacia do Parnaíba transição entre caatinga e amazônico.

As bacias do São Francisco e Parnaíba são separadas por um interflúvio⁵⁶ apresentando relevo dissecado em cuestras⁵⁷.

A cobertura vegetal dos cerrados apresenta aos olhos dos observadores uma característica que o define como Bioma.

No caso dos cerrados o tipo principal de vegetação que identifica a paisagem são as árvores, de modo geral baixas e retorcidas, com um sistema radicular profundo, tendendo a ser maior que a sua parte aérea, justamente com a finalidade de prover reservas durante os períodos longos de estiagem e ausência de trocas com o meio via raízes. A essa vegetação, com sua variantes em função do porte, denomina-se de cerrado.

⁵⁶ **Interflúvio:** Os interflúvios são as zonas representadas nas cartas topográficas por curvas de nível convexas para baixo , as quais indicam uma divergência dos fluxos d'água : a linha perpendicular ao eixo destas curvas convexas, delimita os divisores de drenagem internos da bacia. **COELHO NETTO**(1998:99)

⁵⁷ **Cuesta:** Uma elevação de terreno com uma encosta suave de um lado e um despenhadeiro do outro.

Nessa região situam-se grande quantidade de sistemas ecológicos estáveis e resistentes, mas que, sensíveis às ações antrópicas, vem sendo ameaçados pela exploração agrícola. Em função de certas variáveis como clima, especialmente a baixa umidade relativa ; a latitude, que proporciona condições ótimas de fotossíntese e a disponibilidade de água, essas regiões são produtivas, quando bem manejadas, produzindo com alta qualidade em função do menor ataque de pragas e doenças.

A ocupação dos cerrados foi iniciada nas regiões do Triângulo Mineiro e Sul de Goiás, expandindo-se posteriormente até a zona de pecuária extensiva no estado de Mato Grosso do Sul segundo FERNANDES (1998). A ocupação da parte setentrional, o Sul do Maranhão, o Sudoeste do Piauí, o Oeste da Bahia e o Tocantins deu-se, sobretudo, a partir da construção de Brasília e da abertura dos corredores: BR-153 (Belém-Brasília), BR-020/BR-242 (Brasília-Salvador) e BR-020/BR-135 (Picos-Barreiras-Brasília).

Dentre os programas governamentais com impacto direto sobre os cerrados, destacaram-se o Programa de Crédito Integrado e Incorporação dos Cerrados (PCI), criado em 1972, o Programa para o Desenvolvimento dos Cerrados (POLOCENTRO), iniciado em 1975, que beneficiou áreas dos estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Tocantins e Minas Gerais, e o Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER), que está sendo desenvolvido em etapas.

A primeira etapa (PRODECER I), iniciada em 1980, beneficiou o Noroeste de Minas Gerais, assentando 70 mil hectares.

A segunda etapa (PRODECER II) foi iniciada em 1987 e beneficiou regiões de Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Bahia (**dois projetos na região de Barreiras**), com a incorporação de aproximadamente 200 mil hectares segundo CUNHA, 1994.

O PRODECER III, foi uma extensão do Programa para beneficiar os estados do Maranhão (**região de Balsas**) e do Tocantins, região de Pedro Afonso.

Este programa incorporou uma área de 80 mil ha no Sul do Maranhão, com exploração de 40 mil ha por 42 colonos, tendo consumido investimentos de US\$ 138 milhões de recursos dos governos brasileiro (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social/Banco do Nordeste) e japonês (Japan International Corporation Agency-JICA). Para os próximos anos, está sendo estudada sua expansão para incluir áreas do Piauí, Tocantins e Rondônia BNB⁵⁸, (1997).

Conforme visto até aqui, as áreas de cerrados nordestinos tem vocação para o plantio de culturas chamadas *commodities*, em grande escala, em face da abundância de terras, com grande qualidade em função do clima e da alta insolação, com alta tecnologia e mecanização intensiva por conta da topografia.

A soja tem sido a principal cultura da região e, de acordo com entrevistas conduzidas com engenheiros agrônomos de empresas locais de assistência técnica e da EMBRAPA. Revelou-se que há a necessidade de rotação de culturas com arroz e milho, com a intenção de se praticar uma produção mais sustentada, com amplas vantagens nos rendimentos.

De acordo ainda com o BNB(1997) para a economia regional, os cerrados nordestinos tendem a cumprir quatro funções básicas :

- 1 Pólo produtor de grãos para a moderna pecuária (avicultura, suinocultura industrial e bovinocultura leiteira), cujo consumo de milho e soja exercem forte pressão sobre a oferta regional desses insumos;
- 2 Pólo produtor de grãos para consumo humano e industrial, considerando que a região é deficitária de alguns produtos básicos como feijão, arroz e milho, além de matérias-primas importantes como o algodão;
- 3 Pólo auxiliar de sojicultura de exportação, considerando que a produção dos cerrados tende ser mais regular, menos vulnerável a

⁵⁸ BNB-Banco do Nordeste do Brasil.

flutuações climáticas e 3.000 km mais próxima de Roterdã do que os portos do sul ;

4 Pólo Agroindustrial processador das matérias-primas regionais, especialmente nas áreas dos complexos soja, carne e lácteos.

Os pólos de Balsas(MA) e Barreiras(BA) tem apresentado um grande crescimento na produção de soja nos últimos vinte anos. Essas regiões de, cerrados, e , em especial, dos cerrados nordestinos, tem demonstrado uma vocação para a produção de grãos e proteínas.

Essa vocação é fruto de dois aspectos fundamentais. Um natural e outro de natureza antrópica. Um sempre esteve lá como o sol, as águas, os solos, a temperatura, a umidade relativa do ar, como à espera de cumprir um papel na agricultura brasileira. O outro, de caráter humano, como que aguardou o momento oportuno, o período adequado, cuja técnica resolveu os problemas de produção, a ciência abastece continuamente a técnica e a informacionalização oferece condições de tornar as informações acessíveis para uma agricultura globalizada como a soja. As regiões de Balsas-Ma e Barreiras-Ba foram formadas, sócio-espacialmente num período do desenvolvimento do país e de sua agricultura que garantiu sua consolidação, nem antes e nem depois, mas no tempo certo.

3 A Formação das Regiões Produtoras dos Cerrados Nordestinos

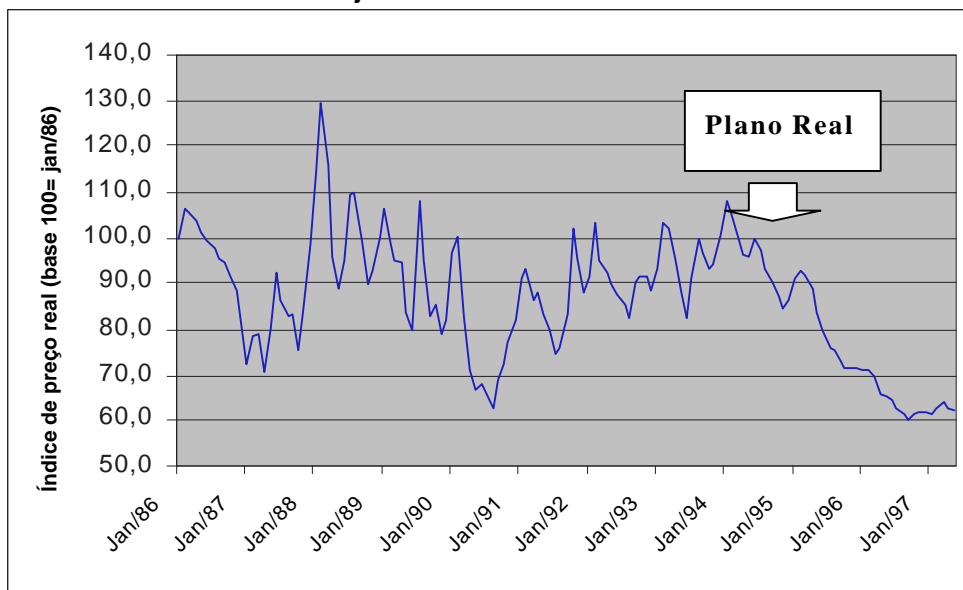
Uma das grandes questões que se apresentam no âmbito desta pesquisa refere-se à competitividade das novas regiões produtoras de soja do Brasil. A novas fronteiras agrícolas produtoras de Soja no Brasil são: A região de Chapada dos Parecis cujo município principal é Sapezal, no norte do Mato Grosso do Norte, a região de Barreiras, cujo município principal é Barreiras, no oeste da Bahia e a região de Balsas, cujo município principal é Balsas, no sul Maranhão. A

FIGURA 3 mostra o mapa das novas fronteiras da soja no Brasil destacando-se o rumo que a cultura vai tomando no país.

O interesse geográfico e social desta pesquisa se dá por conta da importância que a cultura da Soja representa para o Brasil. A soja, além de destacar-se como a principal *commodity* agrícola do país, tem uma função alimentícia estratégica, sendo a principal matéria prima para a fabricação de óleo comestível de boa qualidade e preço acessível como mostra o GRÁFICO 6. Neste gráfico verifica-se que os preços reais do óleo de soja para o consumidor brasileiro praticados no varejo tem caído sensivelmente, principalmente após janeiro de 1994, representando um barateamento de importante item da cesta básica. Este fato deve-se à estabilização econômica e controle da inflação, e, ainda ao aumento da produtividade interna deste produto. Seu preço não está atrelado às bolsas internacionais por ser um produto de consumo doméstico.

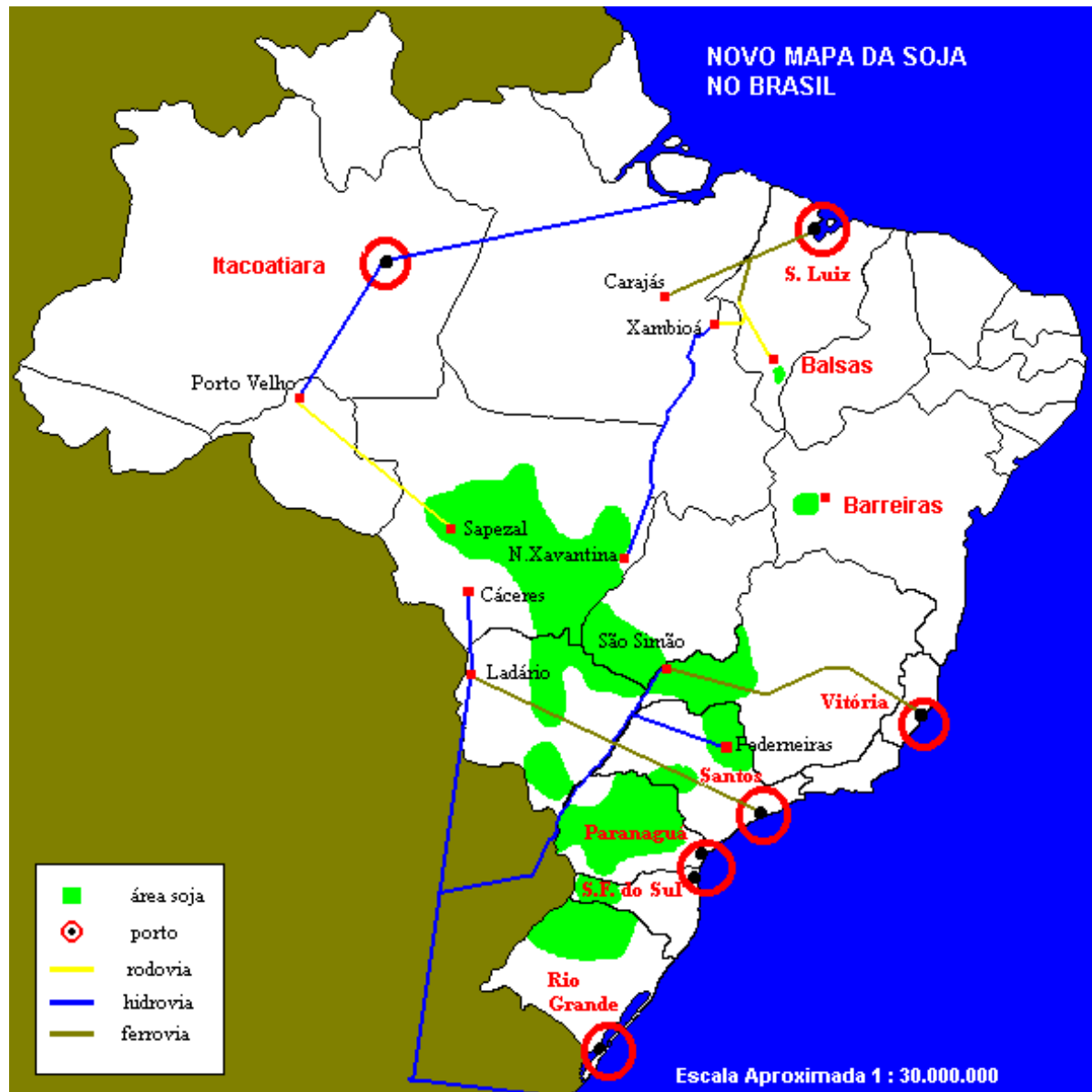
GRÁFICO 6 PREÇOS REAIS DO ÓLEO DE SOJA EM NÍVEL DE VAREJO NO BRASIL, 1986-97, DEFLACIONADOS PELO IPC DA FIPE.

Base 100 = janeiro de 1986.



Fonte: FIPE-Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas-1997

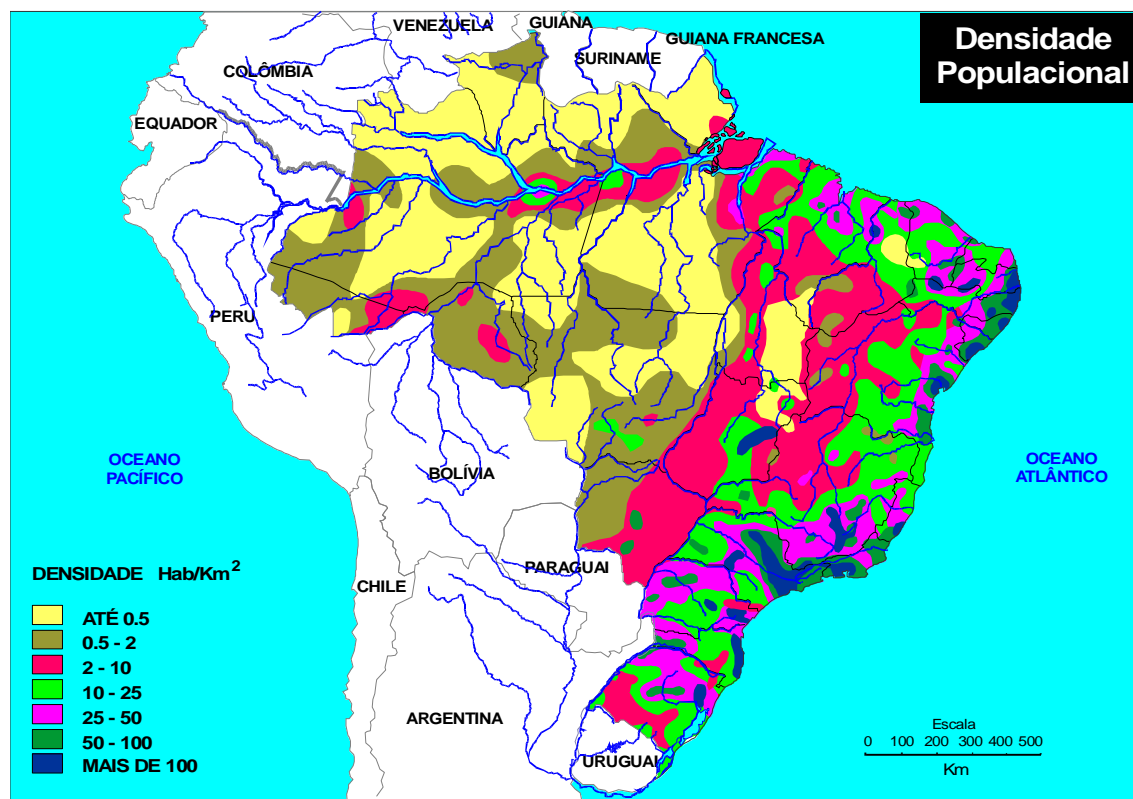
FIGURA 3 NOVO MAPA DA SOJA NO BRASIL FONTE: HERMANN(1998)



As condições ideais para a formação destas regiões, melhor dizendo, para a formação sócio espacial dessas regiões não poderia ter sido mais oportuna do que no último quartil do século XX, a poucos anos do 3º milênio. As razões para o surgimento dessas regiões, altamente produtivas em soja, podem ser explicadas por vários ângulos.

Deve ser registrada a baixa densidade populacional das regiões estudadas, conforme mostra a FIGURA 4 Densidade Populacional do Brasil. A população dessas regiões, além de pequena, quase sempre esteve concentrada no litoral. Conforme indica a FIGURA 4, a densidade demográfica nas áreas estudadas varia de : até 0,5 hab/km² a no máximo 2 a 10 hab/km² o que é bastante baixo. Já no litoral dos estados onde situam-se as regiões, verifica-se uma alta concentração populacional mostrando densidade alta de 50 a mais 100 hab/km².

FIGURA 4 MAPA DA DENSIDADE POPULACIONAL BRASILEIRA Fonte: ATR, MULTIMEDIA (1996)



Como consequência da baixa densidade populacional histórica, nessas regiões encontravam-se verdadeiros vazios demográficos. Esses vazios podem ser parcialmente explicados pelo fato de que estes locais, agroecologicamente adequados para o plantio de soja, em função das características de micro-clima, umidade relativa e temperatura, não eram, necessariamente, os locais mais procurados pelas populações primitivas para fazerem seus povoados. No máximo haviam populações nômades que perambulavam ocasionalmente pela região dada a baixa presença de caça. São locais ermos, distantes da infra-estrutura física, com acesso difícil e fora da rota de comércio.

" Os cerrados nordestinos ficaram durante longos anos inóspitos, com infra-estrutura viária precária e poucas oportunidades de desenvolvimento econômico. O comum eram as grandes propriedades, sem escrituras e sem fronteiras ou cercas para demarcação de divisas, gerais a perder de vista sem viva alma..." segundo relatos locais. A criação de gado era feita de forma extensiva e ineficiente, demonstrada pelo número baixo de cabeças por área⁵⁹.

Os locais preferidos para o plantio de soja, hoje em dia, são topos de chapadas, planos, avançando pelas cumeeiras das serras, embrenhando-se pelos gerais por quilômetros e quilômetros. Nessas áreas a soja vegeta muito bem.

As atuais áreas de plantio, nessas regiões, às vezes situam-se a mais de 300 quilômetros de distância das vilas e principais sedes municipais.

Registre-se que muitas das vilas e cidades estudados nesta pesquisa como Balsas e Barreiras e seus distritos, foram formadas pelos pioneiros nos processos de ocupação e formação territorial dessas fronteiras.

A FIGURA 5 mostra os movimentos de ocupação econômica do Brasil mostrando a direção da penetração das fronteiras agrícolas. É interessante notar-se que, apesar do mapa ser novo, de 1996 as fronteiras de Balsas, no Maranhão, apesar da sua grande dinâmica econômica, a circulação de capital, a densidade

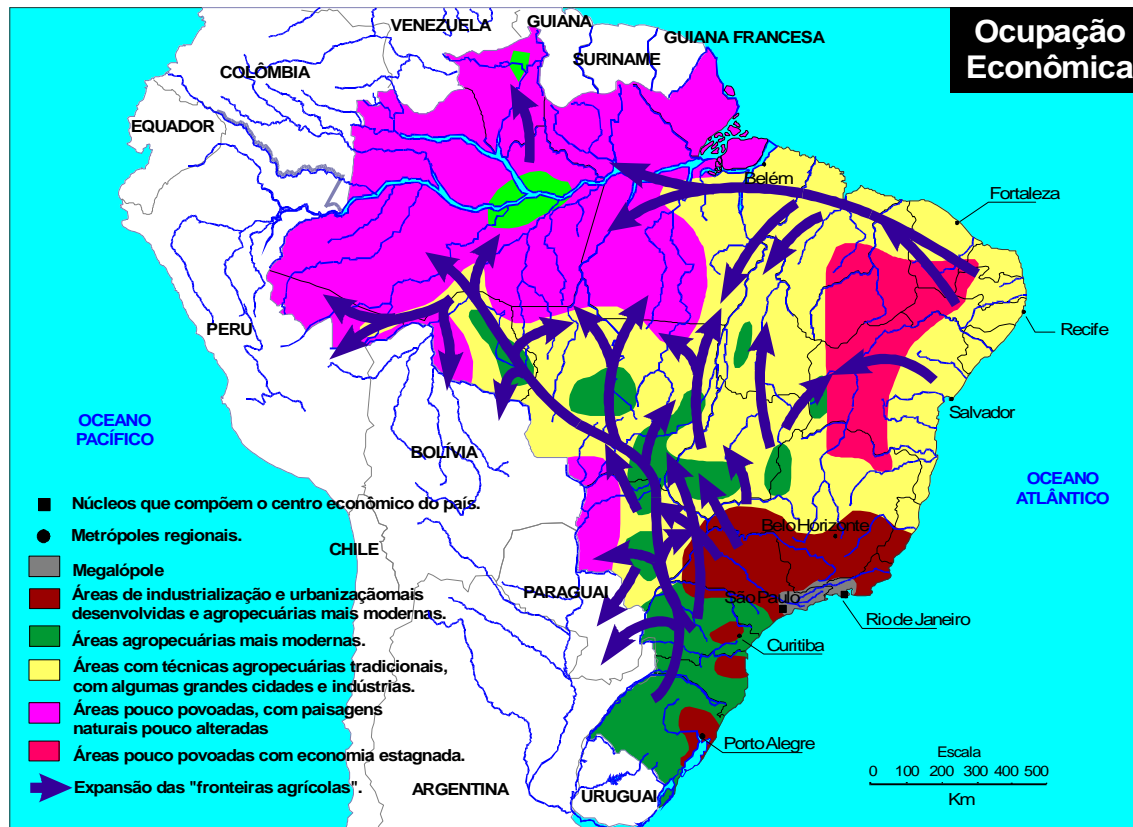
⁵⁹ De acordo com informações dos Engenheiros Agrônomos dos órgãos de Extensão Rural - EMATER-Maranhão através do Sr. José Irismar Vasconcelos Cavalcanti e da EBDA - Empresa Baiana de Assistência Técnica Sr. Ildeu Ferreira dos Santos.

técnica e a característica área de espaços globalizados, não está sequer contemplada. Na legenda de Balsas verifica-se a marcação de : "*áreas com técnicas agropecuárias tradicionais, com algumas grandes cidades e indústrias*".

Apenas na região de Barreiras está mostrada área de expansão das fronteiras agrícolas, legendada como: "*áreas pouco povoadas, com economia estagnada*", o que não corresponde à realidade da região que possui boa infraestrutura de estradas, produz mais de 1,25 milhão de t. de soja por ano, possui duas plantas processadoras de soja e abastece o Nordeste de óleo e farelo de soja. Esta divulgação errônea de dados básicos destas regiões talvez seja um dos problemas mais sérios verificados ao longo da pesquisa.

Com relação às fronteiras agrícolas e ao processo de colonização oficial no Brasil, baseado em políticas públicas, cita-se o estudo de DIAS e CASTRO(1986) que avaliou projetos de desenvolvimento, nas fronteiras agrícolas, com os conceitos e padrões de políticas governamentais realizadas até então.

FIGURA 5 OCUPAÇÃO ECONÔMICA DO TERRITÓRIO BRASILEIRO



FONTE: Editora ATR Multimedia(1996)

As colonizações oficiais tem ocorrido no Brasil desde o assentamento açoriano de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, em 1750. A experiência governamental tem sido diversificada e variada. Os objetivos das colonizações, DIAS e CASTRO(1986:12), tem sido vários, desde o completamento da ocupação territorial, até , mais para adiante, o asseguramento da incolumidade da fronteira nos litígios e o adensamento da população, no sul do país.

No período imperial outras funções lhe foram impostas como a contribuição para o abastecimento interno de gêneros alimentícios. As conclusões a que chegaram estes dois autores, em 1986, são: Os projetos de ocupação de fronteiras agrícolas geralmente objetivam, sem muita nitidez, três objetivos: promoção social dos agricultores, ocupação de terras virgens e o aumento da produção agrícola para o mercado interno. Deve ser acrescentado que , para o presente e para as regiões estudadas o aumento da produção agrícola poderia ser não apenas para o mercado interno, mas também para o externo. Percebe-se no caso de Balsas e Barreiras uma participação de capital do governo japonês, através de sua agencia de desenvolvimento internacional (JICA), a participação de capital do governo brasileiro via BNDES e BNB, mas não dirigido apenas para populações desfavorecidas do meio rural. Os projetos PRODECER, diferentemente dos projetos analisados por DIAS e CASTRO(1986), contemplavam agricultores com ampla experiência no cultivo de soja, com comprovado espírito empreendedor, e com substancial capacidade técnica e gerencial para levar avante cultivos de soja e outras culturas e pagar os financiamentos concedidos.

Outro aspecto que difere a experiência de colonização analisada por DIAS e CASTRO(1986) no Mato Grosso e este caso de Barreiras e Balsas, foi o modelo tecnológico adotado. Citam DIAS e CASTRO(1986),que o modelo de desenvolvimento baseado na tecnologia tradicional do pequeno produtor agrícola é o caminho traçado para a perseguição dos objetivos delineados. Nesse contexto, a identificação dos fatores econômicos que caracterizam essa estrutura

tecnológica serve para definir as condições de viabilidade dos projetos de colonização e revela o grau de compatibilidade entre essas condições e aqueles objetivos.

Mais uma vez as conclusões diferem diametralmente. No estudo de DIAS e CASTRO(1986:87) foram identificadas duas importantes restrições ao sucesso dos projetos: *"a escassez radical de capital e a ausência de capacidade empresarial por parte dos beneficiários. Trata-se, portanto, de experiências cujo processo de desenvolvimento está diretamente associado à disponibilidade de terra e mão-de-obra. "*

Na presente pesquisa, a identificação dos perfis dos agricultores selecionados para participarem de financiamentos do PRODECER é diametralmente oposto. Há inclusive um Departamento do BNB e uma empresa especializada em seleção de candidatos a ocupação das terras, que avaliam a capacidade empresarial, experiência passada, conhecimento tecnológico e sensibilidade às inovações tecnológicas, entre outros quesitos, dos candidatos a financiamentos. O processo se dá muito mais de uma forma desregulamentada do que em outras experiências de colonização de fronteiras agrícolas. Esta é uma das chaves que podem explicar o sucesso dessas duas regiões quando comparadas com colonizações passadas.

Outros dois autores CARVALHO Fo. E SCHOR(1994) relatam experiências desastrosas de ocupação do polonoroeste, com a finalidade de combater a pobreza rural e urbana, patrocinada pelo Banco Mundial, baseados na gestão MacNamara, destinados a beneficiar diretamente os grupos de pobreza, no caso rural, os pequenos produtores: *"As intervenções pretendiam aumentar, simultaneamente, a produtividade, a produção e a renda desses produtores."* CARVALHO Fo. E SCHOR(1994:29). Com a construção da Rodovia BR-364-Cuiabá-Porto Velho, considerada como o eixo de ocupação do polo noroeste, desenvolveu-se mais uma experiência de política pública baseada no processo de modernização da agricultura do sul e sudeste, sabidamente concentrador e

expulsor de mão de obra rural. Esta parece ser a conclusão mais importante a que esses autores chegam, além de constatarem que a ocupação territorial de amplos espaços amazônicos tinha características de segurança nacional. Além dessas aparecem outras conclusões que são: " ...valorização da terra, pecuarização, concentração e especulação fundiárias." Os autores relativizam a intervenção fracassada no Polonoroeste, *"..categorizando-a como necessária, não devendo os insucessos obtidos na sua implementação ser apenas creditados a falhas de concepção ou execução ou incapacidade das instituições responsáveis. Colocam ainda a vontade política, que requeriria alocação de recursos diversificados como crédito, financiamento da comercialização, fomento e extensão rural. No tocante ao meio ambiente, torna-se necessário prover pessoal qualificado para o manejo florestal e também para a vigilância de reservas."*

Mais uma vez quando cotejado aos processos de colonização e planejamento das ocupações de Balsas e Barreiras, através dos projetos PRODECER (Programa de Desenvolvimento dos Cerrados), houve mais que vontade política, e mais que disponibilização de crédito, porém voltados para outro perfil de produtor. Como se vê ao longo desta pesquisa, esta seleção diferenciada conduziu a um sucesso expressivo, inserindo a cultura da soja produzida nestas regiões na mundialização, aumentando e melhorando a infra-estrutura física das regiões, melhorando o padrão de educação, fomentando a pesquisa agrônômica básica através da EMBRAPA e abrindo campo para o surgimento da extensão rural privada ou cooperativada.

O período é considerado ideal cronologicamente em função do processo de globalização pelo qual atravessa-se neste período. O prof. Milton Santos nos ensina que: *"o processo de globalização acarreta a mundialização do espaço geográfico"*. Em SANTOS(1994 a:50), verifica-se que as principais características deste processo além da formação de um meio técnico, científico e informacional são :

- *A transformação dos territórios nacionais em espaços nacionais da economia internacional.* Ora nessas regiões de fronteiras estudadas, como verificado *in loco*, tem-se a presença de empresas nacionais e transnacionais, atuando na compra e venda, transporte, armazenamento e comercialização da soja.
- *A exacerbação das especializações produtivas no nível do espaço.* A atração por essas novas áreas foi tão intensa que verificou-se uma enorme transferência de agricultores especializados no cultivo da soja do Rio Grande do Sul Paraná e São Paulo. Muitos transferiram-se fisicamente e outros investiram capital nessas áreas de Barreiras e Balsas.

Com relação ao meio científico-técnico-informacional, novamente SANTOS, (1994 a :50), nos ensina que : " *O meio geográfico em via de constituição (ou de reconstituição) tem uma substância científico-tecnológico-informacional. Não é meio natural, nem meio técnico. A ciência, a tecnologia da informação estão na base de todos as formas de utilização e funcionamento do espaço, da mesma forma que participam da criação de novos processos vitais e da produção de novas espécies (vegetais e animais). É a cientificização e a tecnicização da paisagem. É também a informatização ou antes a informacionalização do espaço. A informação, tanto está presente nas coisas como é necessária à ação realizada sobre essas coisas. Os espaços assim requalificados atendem sobretudo a interesses dos atores hegemônicos da economia e da sociedade, e assim são incorporados plenamente às correntes de globalização*".

Pois são precisamente esses fatos que se coadunam com as regiões de Balsas e Barreiras. O Mercado Internacional de *commodities* agrícolas, em seus procedimentos de criação, recriação e produção tem uma ligação direta com o processo de globalização. As regiões estudadas formaram-se a partir da experiência de produtores que tinham em sua bagagem cultural todos os pré-requisitos para se instalarem e terem sucesso no plantio e cultivo da soja.

A ciência, representada pelos Institutos de Pesquisas Governamentais tais como a EMBRAPA deram respaldo aos produtores transformando ciência em

tecnologia prontamente utilizável na forma de sementes adaptadas geneticamente às condições agroecológicas dos cerrados nordestinos, diferentes dos cerrados do Brasil por conta de condições edafo-climáticas também diferentes.

No tocante à informacionalização, estão aí os satélites, computadores e outros instrumentos de monitoramento e controle das safras mundiais. Constatou-se nas visitas de campo a presença de estações rádio-base, e os indefectíveis aparelhos de telefonia celular com vastos contingentes da população: produtores rurais, comerciantes, bancários, funcionários públicos e representantes comerciais de grandes empresas de comercialização de commodities agrícolas de soja. As cotações da soja são feitas via celular com a Bolsa Mercantil e de Futuros de São Paulo, de Chicago e de outras regiões formadoras de preços. O uso do computador para esses fins também está bastante difundido tanto nas empresas privadas, quanto nas Cooperativas de Produtores e nas Agências dos Bancos do Brasil, do Nordeste e outros da rede privada.

A questão regional nesta contemporaneidade, lugar/mundo são escalas fundamentais para a compreensão do espaço geográfico e, principalmente desses espaços geográficos representados por Balsas e Barreiras. Por outro lado, o processo de globalização em curso, graças às características deste período histórico, acirra e pulveriza os espaços da competitividade, fundamento do sistema capitalista.

No período histórico que se vive, como visto e respaldado teoricamente por SANTOS, caracterizado pela técnica pela ciência e pela informação/informática, foi possível a formação dessas duas regiões estudadas.

É possível considerar a região como uma base de operações, no processo de globalização em que se vive, dentro do paradigma de competitividade atual do mundo. A base de operações é o espaço geográfico produzido socialmente, no qual há a instalação, produção e reprodução de operações que levariam à competitividade, em face de características determinadas. É a região operacional a que se referia SOUZA(1976) tendo como características fundamentais:

Características espaciais, dimensões e limites. As dimensões de uma região deverão ser suficientemente pequeno, para permitir a coordenação de um certo número de operações locais, formando um conjunto relativamente complexo e suficientemente pequenas, para permitir a coordenação direta e um controle eficaz das operações que são nela desenvolvidas. O seu tamanho, portanto, dependerá de uma série de fatores: densidade demográfica, maior ou menor homogeneidade no espaço regional, amplitude da polarização urbana, possibilidades de articulação administrativa e técnica;

A estrutura da região. Ela deve ser um conjunto geográfico e sócio econômico diferenciado, complexo, polarizado, orgânico e integrado. Decorrente de seu próprio tamanho, só excepcionalmente é que a região operacional se constitui num todo homogêneo. Por outro lado sendo palco das atividades econômicas, das relações humanas, a região forma um tecido sócio-econômico, caracterizado pela presença de pólos mais ou menos ativos e de fluxos mais ou menos intensos, segundo seu grau de evolução (fluxos de pessoas, de bens, de capitais, etc.). Há interesse em se estruturar o espaço regional de tal forma, que cada região se constitua num todo orgânico, realizando o máximo de integração entre as diversas partes;

A posição da região, no conjunto estadual e nacional; inter-regional. A região não se constitui num espaço autárquico, mas num espaço aberto às relações com o exterior(o que é exterior a ela, região), sua integração num conjunto maior e, sua solidariedade com outras regiões, são condições essenciais, para um crescimento do território e, deve figurar como objeto essencial do desenvolvimento regional e de uma estratégia inter-regional;

A importância do fator tempo. A região, realidade móvel, é sempre um projeto a executar. A região operacional não deve ser considerada, unicamente, do ponto de vista de sua dimensão espacial e de sua realidade atual, mas também, e sobretudo, sob o aspecto dinâmica e prospectivo de sua evolução, de suas tendências e de sua prospecção. Para a compreensão de qualquer processo

de regionalização, especialmente estas duas regiões estudadas, estas idéias, resumidas, são fundamentais, SOUZA (1976:108-109).

Com os avanços tecnológicos hoje presenciados, dentro do período técnico-científico informacional, o tempo tem sofrido uma aceleração que obriga a refletir sobre seus contornos e limites. A escala dos fenômenos vividos no dia a dia instantaneizam as ações e pensamentos humanos à velocidade da luz, como que anulando o tempo e o espaço existente entre as ações e reações. As movimentações e os fluxos financeiros adquiriram uma importância tremenda neste período, obrigando a comunidade acadêmica a um estudo cada vez maior dos processos de globalização, que são os processos por excelência desta contemporaneidade que se vive. Com os processos de informatização, telemática e satélites, os processos iniciados com o telex e o telégrafo no início do século, avançou-se para limites inimagináveis.

Com isso, promoveu-se uma aceleração dos fluxos de capitais no mundo, de forma espantosamente rápida, superando em muito a circulação física das mercadorias, ainda atreladas a velocidades infinitamente inferiores.

Hoje o capital financeiro viaja à velocidade da luz para qualquer ponto do globo, através da tecnologia utilizada pelos bancos de transferências eletrônicas, ao passo que ainda existem barreiras tecnológicas que impedem as mercadorias de, transformadas em energia, acompanharem o capital à velocidade da luz.

Na tentativa de se tentar entender o mundo em que se vive, recorre-se mais uma vez a SANTOS (1994 a) que afirma que a evolução culmina, na fase atual, com a mundialização da economia. Assim, com a economia mundializada, constata-se que o mercado como local físico de trocas pode, em certa medida, passar a ter um caráter virtual. O mercado do farelo de soja, por exemplo, não se encerra na hora do fechamento do pregão das bolsas de Chicago, pois o pregão das bolsas da Ásia se abrirão em seguida dando continuidade aos negócios momentaneamente interrompidos.

Os satélites e a telemática colocam o mercado na atmosfera terrestre, e o tempo também se relativiza unindo o hoje deste hemisfério com o amanhã da Ásia. As quedas das barreiras comerciais e das fronteiras políticas tem ocorrido em muitas nações européias, que mais e mais se descaracterizam economicamente, ao ponto de se encontrar todos os produtos competitivos em qualquer cidade da Comunidade Econômica Européia (CEE) aos mesmos preços relativos. Nesse aspecto observa-se a varredura dos conceitos de estados nação no contexto da CEE, ao mesmo tempo em que acirram-se as disputas regionais que abalam e trazem de novo o espectro da guerra ao continente.

As empresas globais ultrapassaram a velocidade da luz ao traspassarem as barreiras físicas dos Estados. Hoje não se discute aonde produzir determinado produto mundial mas aonde se pode obter vantagens competitivas para produzi-lo, não importando onde.

Mas ao mesmo tempo em que o processo de globalização da informação, das normas e dos fluxos, inclusive de poder, avança de maneira avassaladora, observa-se também que o todo, que deveria homogeneizar-se, torna-se cada vez mais fragmentado por conta da contradição que emerge entre os dois processos, o de globalização e o de fragmentação.

Ao conceito de fragmentação pode-se unir o de regionalização, o de localização, até se chegar ao lugar. Estes processos geram guerras com aspectos antigos de disputas imperialistas, como por exemplo a Grande Sérvia, no caso da fragmentação da ex-Iugoslávia, contrapostos à formação de blocos econômicos, como hoje ocorre com a Comunidade Econômica Européia, América do Norte (NAFTA e futuramente ALCA) e do Cone Sul (MERCOSUL).

À guisa de conclusões preliminares, verifica-se que estas duas regiões em foco, tiveram sua formação condicionadas às características do último quartil do século vinte, um período técnico, científico e informacional. Essas propriedades conferiram à região feições totalmente diferentes daquelas, por exemplo tão bem

descritas por MOMBEIG (1984), em sua obra clássica *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo*.

Naquele caso, diferentemente da formação de Balsas e Barreiras, poucos "colonos" da agricultura de subsistência acompanharam o processo, visto que o sistema e produção era totalmente outro.

A economia de escala é a tônica dessas duas regiões, que exigem grandes extensões de terra, topografia adequada à mecanização, mecanização intensiva das operações rurais, infra-estrutura de transporte, armazenamento, telecomunicações e energia elétrica. A soja demanda todos esses fatores de maneira intensa, ao contrário do café, na primeira metade do século, que exigia milhares de trabalhadores rurais chamados de colonos, parceiros, meeiros e arrendatários.

Serão vistos no capítulo V as descrições das regiões estudadas e seus sistemas produtivos, da tecnologia, dos agentes envolvidos nos processos produtivos, as organizações e instituições político administrativas das regiões, bem como a descrição da geografia das áreas de plantio de soja e de seu desempenho técnico e econômico.

A relação lugar-mundo e o sistema-mundo serão comentados para mostrar como funciona a demanda internacional por esse produto e seus derivados e seus rebatimentos no desempenho e formação da competitividade regional. Será feita uma análise da globalização do mercado da soja no mundo, no Brasil e em Barreiras/Balsas que esclarecerão um pouco mais essa trilha que se persegue, em direção à comprovação da hipótese de trabalho enunciada na Introdução.

Capítulo V As Regiões de Balsas-Ma e Barreiras-Ba

1 Características Gerais da Região de Balsas

Situada na parte sul do estado do Maranhão, a região de Balsas compreende 13 municípios, envolvendo uma área de 57.773 km, correspondente ao chamado Polo Agroindustrial de Balsas. Esta designação é fruto de um plano governamental conjunto envolvendo governos federal, estadual e municipal

Os municípios são: Porto Franco, Estreito, Carolina, Riachão, Balsas, Tasso Fragoso, Alto Parnaíba, Loreto, Fortaleza dos Nogueiras, Sambaíba, São Raimundo das Mangabeiras, São Félix de Balsas, e Benedito Leite. Dentre estes municípios destaca-se o de Balsas como sendo o polo mais dinâmico da região. Com cerca de 40.000 habitantes (1997) localiza-se a 400 km da cidade de Imperatriz e a 790 km de São Luís. A região toda englobada pelos 13 municípios possui população estimada pelo IBGE de 252.000 habitantes correspondendo a uma densidade populacional de 4,36 hab/km².

Esta região apresenta, segundo o BANCO DO NORDESTE(1997) condições edafo-climáticas privilegiadas para a exploração de grãos em condições de sequeiro (não irrigada) e além disso apresenta também algumas áreas próprias para culturas irrigadas.

Há a predominância de latossolos (mais de 50% da região) com vegetação variando de campos limpos com predominância de gramíneas até cerradões.

A altitude média varia ao redor de 600 m. O clima apresenta precipitações superiores a 1.000 mm anuais e evapotranspiração de 1.400 a 1.600 mm anuais.

Dentre as regiões de cerrado nordestino esta é a que apresenta uma melhor intensidade de precipitação pluviométrica e a melhor regularidade de distribuição das chuvas durante o inverno. O período chuvoso situa-se entre outubro e março e o período seco com déficit hídrico de abril a setembro. Ocorre veranico no mês de janeiro, porém é classificado como pequeno e o de menor intensidade entre os cerrados nordestinos. Segundo ARAÚJO Fo. E FRANÇA(1992) a temperatura média anual é de 27° C.

A disponibilidade hídrica da região é boa contando com a bacia hidrográfica do rio Balsas, com uma vazão mínima da ordem de cerca de 108.000 l/s. Além deste existem mais oito rios.

O plantio de soja na região iniciou-se na década de 70, tendo a Embrapa introduzido variedades em caráter experimental. A intenção era adaptar as variedades da soja a regiões de baixa latitude. Estes experimentos tiveram a participação de recursos financeiros do Fundo de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Na década de 80 inicia-se a exploração comercial da soja, atraindo produtores da região sul do país, especialmente gaúchos, paranaenses, paulistas e catarinenses.

Mais recentemente, produtores de Goiás e de Mato Grosso, tem se dirigido para estes cerrados também. Na TABELA 13 verifica-se que, em 14 anos, a área ocupada com soja na região de Balsas cresceu de 10 mil para 157 mil ha, num crescimento vertiginoso.

TABELA 13 ÁREA PLANTADA COM SOJA-BRASIL, BAHIA E MARANHÃO-1985-1998 (em mil ha)

ANO	BRASIL	BAHIA	MARANHÃO
1985	10.102,2	63,0	10,0
1986	9.250,9	107,0	8,7
1987	9.163,7	170,0	8,5
1988	10.681,1	228,0	16,2
1989	12.245,8	385,0	21,9
1990	11.533,0	366,0	16,0
1991	9.749,0	278,0	4,6
1992	9.581,2	330,0	21,1
1993	10.790,5	380,0	42,7
1994	11.545,7	434,0	62,8
1995	11.764,3	470,6	91,7
1996	10.743,7	433,0	89,1
1997	11.447,4	460,0	125,0
1998	12.487,7	562,9	157,9

Fonte: IBGE, CONAB, FNP

Na TABELA 14 e GRÁFICO 7 verifica-se que a produção de Balcas cresce de 9 mil t em 1985 para 343 mil t em 1998 num crescimento também significativo. A produtividade de outras culturas como arroz de sequeiro e milho, que são plantadas na região, apresentam também alto índice de mecanização e utilização de insumos modernos como adubos e corretivos de solo.

TABELA 14 PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE MÉDIA DE SOJA BRASIL E MARANHÃO 1985-1998 (em mil t e mil t/ha)

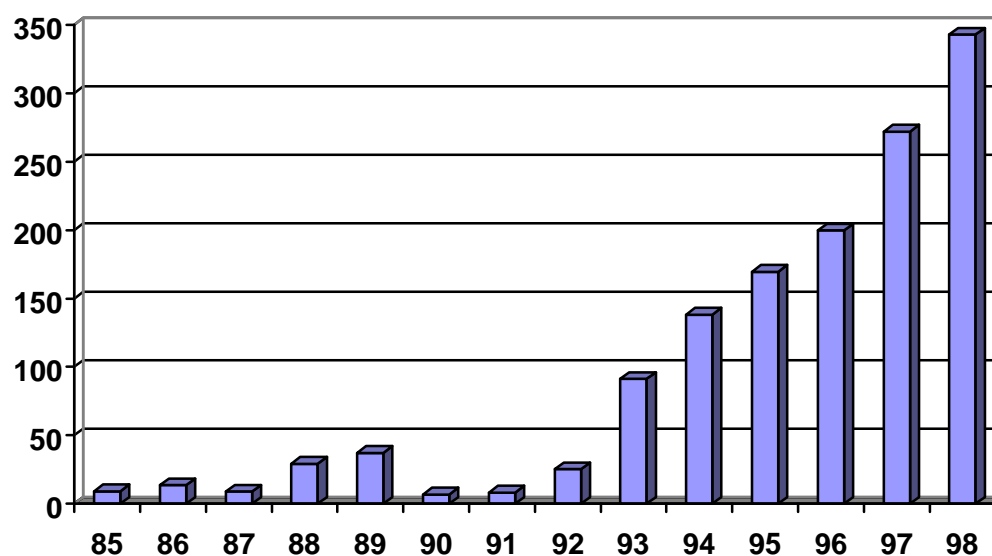
Ano	BRASIL Produção mil t	BRASIL Produtividade t/ha	MARANHÃO Produção mil t	MARANHÃO Produtividade t/ha
1985	18.178,2	1,79	9,0	0,9
1986	13.241,7	1,43	13,6	1,56
1987	17.027,6	1,85	8,8	1,03
1988	18.127,6	1,69	29,2	1,80
1989	23.905,9	1,95	37,2	1,69
1990	20.179,0	1,74	6,7	0,41
1991	15.308,3	1,57	8,3	1,80
1992	19.354,0	2,01	25,3	1,19
1993	23.069,8	2,13	91,2	2,13
1994	25.064,2	2,17	138,2	2,20
1995	26.093,7	2,21	169,6	1,84
1996	23.397,4	2,17	199,6	2,24
1997	26.695,7	2,33	271,8	2,17
1998*	29.716,2	2,37	343,8	2,17

Fonte: IBGE, CONAB, FNP-1998

Na soja são utilizados inoculantes nas sementes e também sementes selecionadas. Faz-se regularmente a rotação de culturas, obedecendo-se a rodízios preconizados pela assistência técnica.

Conforme LAZZARINI (1998), a partir do final da década de setenta, ocorreu no Brasil uma intensa movimentação de produtores de grãos, outrora estabelecidos nas Regiões Sul e Sudeste, rumo às áreas de cerrado. Tais áreas envolvem uma extensão territorial da ordem de 2,1 milhões de km², na sua maior parte estabelecida na Região Centro-Oeste.

GRÁFICO 7 EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE SOJA EM BALSAS-MA
(Em mil t)



Fonte: IBGE, CONAB, FNP-1998.

Estima-se que existam cerca de 80 milhões de ha aptos a serem explorados com culturas agrícolas nos cerrados, embora pesquisadores da EMBRAPA considerem que somente 15 a 20 milhões possam ser usados com métodos tradicionais em função de impactos gerados sobre o ecossistema.

Tal movimentação nas unidades produtivas rumo às áreas de cerrado, em particular para o Centro-Oeste. A mesma tendência deverá ser observada na produção de aves e suínos: a proximidade dos pólos de produção animal às regiões de grãos permite, além de uma redução dos custos produtivos (na sua maior parte representados pelos alimentos), uma adição de valor ao milho e à soja, o que se torna importante para reduzir o impacto dos custos de frete.

Por este motivo, argumenta-se que o Centro-Oeste e outras áreas de fronteira no cerrado brasileiro, como as regiões de Balsas-MA e Barreiras-BA, tenderão a ser um importante pólo integrado de produção de grãos e carnes no futuro.

Alem da soja os produtores rurais do sul do país desenvolvem na região culturas como o arroz e o milho, adotando tecnologia moderna, com uso intensivo de correção dos ácidos solos dos cerrados, uso de fertilizantes, inoculantes, sementes certificadas, manejo cultural correto, rotações de cultura, plantio direto e outras práticas agronômicas avançadas.

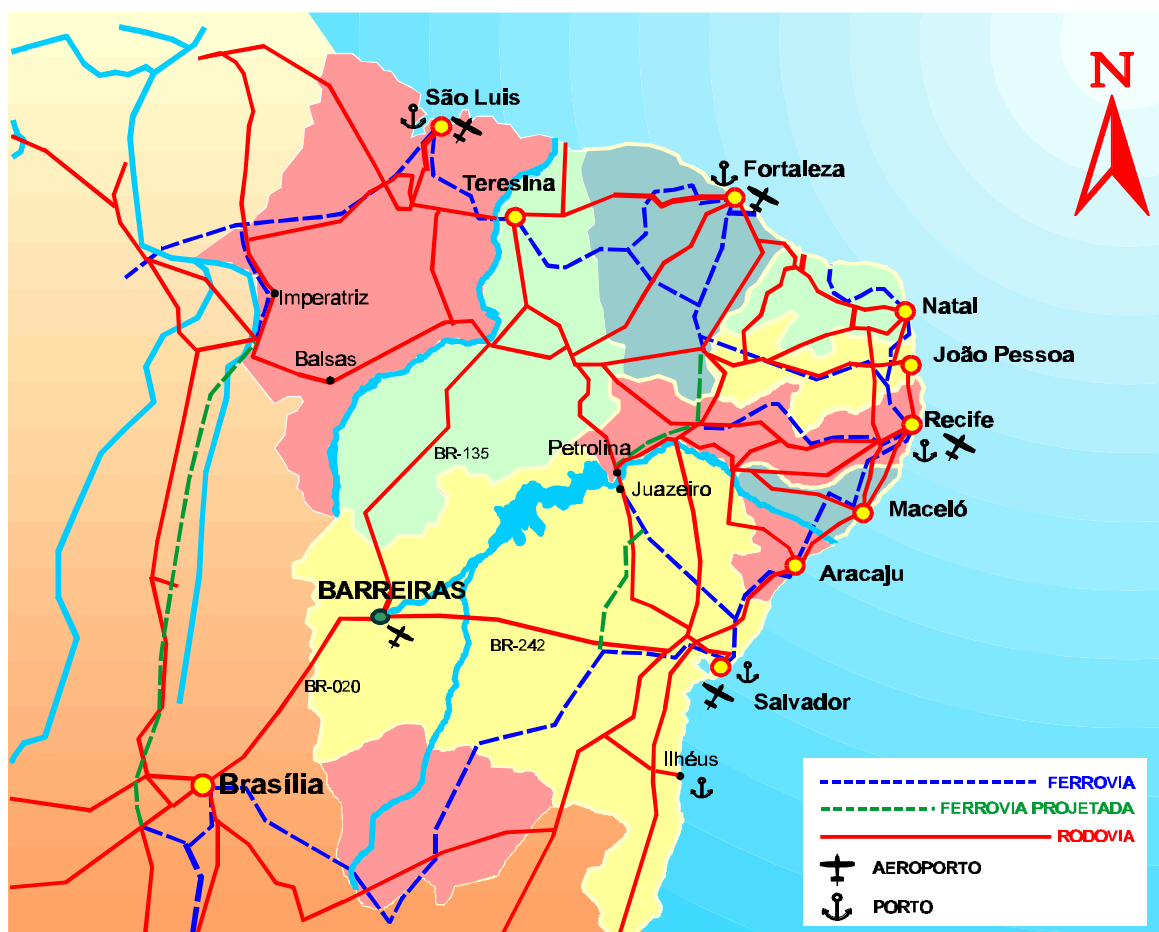
Outros fatores que evidenciam as potencialidades de Balsas são:

- a) A possibilidade de utilização de um sistema intermodal de transporte com a utilização da ferrovia Norte-Sul (Imperatriz-Açailândia), integrada com a ferrovia Carajás (Açailândia-São Luís) reduzindo os custos de transportes. Vide FIGURA 6.
- b) O interesse do governo estadual em investir no setor de infraestrutura da região.
- c) Proximidade dos mercados Norte-americano, europeu e nordestino.

- d) Inserção da região em área possível de utilizar recursos dos fundos especiais (FINAM, FINOR e FNE).
- e) Ampla disponibilidade de terras agricultáveis de boa qualidade e de baixo custo.
- f) Disponibilidade de jazidas de calcário, corretivo indispensável para a agricultura nos cerrados.
- g) Tecnologia disponível e de boa qualidade para a produção de grãos nos cerrados.
- h) Disponibilidade de força de trabalho.
- i) Topografia de plana a suave ondulada, permitindo a exploração da agricultura via mecanização, com emprego de alta tecnologia.
- j) Implantação do PRODECER III, como efeito demonstração de resultados, implicando num efeito multiplicador no médio prazo para os produtores da região para agricultura de sequeiro e irrigada.
- k) Organização dos produtores rurais em Associações e cooperativas.
- l) Investimentos realizados pela iniciativa privada na produção de grãos com alta tecnologia.
- m) Vocação do Brasil a continuar a fornecer em nível mundial produtos do complexo soja.
- n) Intensa adoção de medidas de sustentabilidade como plantio direto, em nível, terraceamento e outras.
- o) Viabilidade técnica comprovada para a exploração de soja, feijão, arroz, milho, milheto, algodão, bovinocultura, avicultura e suinocultura.

- p) Interesse internacional em alocar recursos na região a exemplo do PRODECER III.

FIGURA 6 SISTEMA MULTIMODAL DE TRANSPORTES NO NORDESTE



Fonte: Banco do Nordeste, 1997 Sem Escala

Apesar deste elenco enorme de potencialidades identificadas na região, ela apresenta pontos fortes e fracos que interferem com sua dinâmica que serão discutidos especificamente nos tópicos a seguir:

Infra-estrutura

Incluindo-se neste item setores como transportes, armazenagem, urbano e serviços, seguramente é um dos maiores problemas das regiões de fronteiras agrícolas, principalmente na região sul do Maranhão onde se situa a região de Balsas. Existe uma falta generalizada de armazéns nas unidades de produção, a exemplo do que ocorre no resto do país, bem como de estradas vicinais mais transitáveis, silos coletores, terminais intermodais, pátios ferroviários adequados, portos eficientes, coordenação aduaneira, navegação costeira. Acrescente-se ainda a estes pontos, aqueles considerados como fundamentais que são: energia, comunicações, e telemática.

PAVAN, 1993, mostra que a matriz de transportes intermodal tem muita importância na formação dos custos globais dos produtos e pode ser determinante, no caso presente que ora se estuda, na determinação de um dos componentes mais importantes de sua competitividade.

Pela ordem de importância, o transporte mais econômico e que gasta menos combustível é: cabotagem, hidroviário, ferroviário e rodoviário na proporção de 1 : 2 : 4 : 8. Isto quer dizer que caso o frete de cabotagem , por exemplo, custasse, R\$ 10,00 por tonelada, o frete rodoviário custaria R\$80,00 por tonelada.

A existência de um porto com grande calado em São Luís, que permite a atracação de navios de grande porte, é uma condição muito favorável em benefício da competitividade do estado e de sua região sojícola. Acrescente-se que este porto fica 3.000 km mais próximo a Roterdã e aos portos americanos do que seus grandes concorrente que são: Santos

e Paranaguá, podendo reduzir, caso seja operado com eficiência o custo do frete por tonelada transportada.

A disponibilidade de transporte rodo-ferroviário integrado, ligando as áreas de produção ao sistema portuário de São Luís, a preços competitivos, e, ainda com a previsão da ampliação da ferrovia Norte-Sul no trecho Imperatriz-Estreito, com 120 km de extensão.

Há hoje uma capacidade de armazenamento de soja em granel em Balsas e Imperatriz, que dá conta do nível atual de produção, porém uma deficiência total de capacidade armazenadora nas propriedades rurais.

Custo de Transporte

De acordo com PAVAN,1993, comparando-se o frete de transporte de soja em US\$/t, tomando-se como destino o Porto de Roterdã na Holanda e como origens os três grandes exportadores, Estado Unidos, Argentina e Brasil, tem-se, respectivamente, os seguintes valores: US\$ 28 / t, US\$ 43 / t US\$ 68 / t. O reflexo deste fato é a diminuição da renda do produtor brasileiro com a redução da competitividade do setor exportador brasileiro.

Segundo a EMBRAPA,1997, o custo de transporte desde a produção até a exportação, na região de Balsas, e adotando-se como destino o Porto de Roterdã atinge R\$ 65,20 / t . Decompondo-se esse custo verifica-se o seguinte: supondo-se uma unidade de produção situada a 220 km de Balsas (o que não é incomum, pois o Polo de Desenvolvimento PRODECER III da Cooperativa Batavo visitado pelo autor está situado a 320 km de distância de Balsas por estradas não pavimentadas em estado ruim) o frete até Balsas sai por R\$17,00/t ;

o frete Balsas-Imperatriz de caminhão em estrada asfaltada (385 km) sai por R\$ 12,00/t ; Imperatriz-São Luís via ferrovia com bitola larga sai a R\$ 9,50 / t e finalmente São Luís a Roterdã via marítima sai a R\$ 27,70 incluídas aí as despesas portuárias.

Tecnologia Agronômica e Extensão Rural

A Embrapa , através de sua Unidade de Pesquisas em Balsas, tem cumprido um papel importante no desenvolvimento de novas variedades de soja adaptadas às condições dos cerrados nordestinos. Comprova-se este fato com os resultados significativos de aumento de área plantada, aumento de produção e aumento de produtividade na região.

A atuação em conjunto da Universidade Federal de Viçosa e a Universidade de Campinas com a EMBRAPA tem congregado esforços no sentido de apoiar a coordenação do Sistema Agroindustrial da Soja. Pesquisas com culturas alternativas voltadas para os cerrados como: milho, algodão, arroz e feijão não tem deixado o conceito de monocultura imperar nesta região.

Os Bancos do Brasil e do Nordeste fornecem apoio agronômico na análise de projetos e propostas de financiamentos com recursos incentivados ou não.

De qualquer forma é necessário que a pesquisa avance para que a competitividade do setor agrícola se mantenha, melhorando sempre a performance de seus novos cultivares e atendendo às demandas dos consumidores. As empresas públicas e privadas de assistência técnica plenamente consolidadas no local, tem desempenhado papel relevante na difusão e transferência de tecnologia para os produtores.

Produção e Mercado de Insumos

Foi a partir de 1984 que iniciou-se um processo de mudança no sistema produtivo da região de Balsas, no qual as tradicionais culturas de mandioca, fava e outras foram substituídas pela soja e, em menor proporção pelo milho. A região tem atingido expressivas taxas de crescimento nessa atividade com mostram as TABELAS 13, 14 e o GRÁFICO 7. Estes fatores em crescimento demonstram a vocação natural em termos de vantagens comparativas da região, especialmente os fatores edafo-climáticos favoráveis para a exploração de grãos e de pecuária. Há uma conscientização que a sustentabilidade da produção da soja, na região está condicionada à rotação e diversificação de culturas e ao regime de chuvas.

Com relação às vantagens competitivas, o aparecimento das empresas comercializadoras de insumos, máquinas, e equipamentos agrícolas que rapidamente acorreram à região, demonstram o vigor e a competitividade latente. A pecuária bovina de corte, explorada de maneira super-extensivamente no passado tende a tornar-se uma atividade a ser explorada com conceitos mais racionais e modernos, puxada inclusive pelo aporte de rações fornecidas pelo complexo soja.

Além desta atividade a avicultura e a suinocultura também poderão ter competitividade suficiente para se desenvolver na região, em vista do preço e da abundância de alimentos. Espera-se que nos próximos 20 anos haja um deslocamento das áreas de produção de proteínas animais para os cerrados, conforme LAZZARINI e NUNES, 1998.

Agroindústrias

Apesar da região de Balsas ser comprovadamente competitiva em produção de soja ela necessita de infra-estrutura industrial para agregar valor ao produto próximo às áreas de produção e, com isto, evitar os altos custos com o transporte de commodities de baixa margem de comercialização. Além disso, a presença de indústria é sempre um fator de desenvolvimento regional, que confere sustentabilidade, no longo prazo, à região.

A geração de empregos diretos, indiretos e de serviços correlatos, a distribuição de renda e a arrecadação tributária são as alavancas mestras desses processo. Um dos fatores de perda de competitividade regional de Balsas é o fato dela ainda ser apenas uma base de produção agrícola, de onde são retiradas as riquezas e transferidas para outras regiões, onde o valor é agregado à matéria prima.

Apesar disso, já existem instaladas na região unidades de grandes agroindústrias como CARGILL e CEVAL, além de pequenas agroindústrias de beneficiamento e fabrico de farinhas de arroz e milho.

Prevê-se a instalação de uma esmagadora de soja em São Luís com capacidade para 600.000 toneladas/ano e outra em Balsas para 100.000 t/ano.

2 As Características gerais da região de Barreiras-Ba

O Oeste da Bahia é uma macrorregião englobando duas regiões econômicas: a do Médio São Francisco, com 16 municípios, e a Oeste, compreendendo 22 municípios. Abrange uma área de 158 mil km², correspondendo a 28% do território do estado, com uma população de 750 mil habitantes. No Oeste, desponta Barreiras como a cidade-pólo e de maior população (113.544 habitantes, sendo a maioria na área urbana) (IBGE, Negócios Agrícolas, 1997). A região Oeste da Bahia integra os cerrados brasileiros, em sua parte setentrional.

É composta de 38 municípios, sendo 22 na sub-região Oeste e 16 na sub-região Médio São Francisco. No Oeste encontram-se: Angical, Baianópolis, Barreiras, Canápolis, Catolândia, Cocos, Coribe, Correntina, Cotegipe, Cristópolis, Formosa do Rio Preto, Jaborandi, Mansidão, Riachão das Neves, Santa Maria da Vitória, Santa Rita de Cássia, Santana, Serra Dourada, São Desidério, São Félix do Coribe, Tabocas do Brejo Velho e Wanderley. O Médio São Francisco é composto pelos municípios de: Barra, Bom Jesus da Lapa, Brejolândia, Buritirama, Carinhanha, Feira da Mata, Ibotirama, Iuiú, Malhada, Matina, Morpará, Muquém de São Francisco, Paratinga, Riacho de Santana, Serra do Ramalho, Sítio do Mato. Barreiras é o centro dinâmico e cidade de maior população - 113.544 habitantes - (IBGE, 1997).

O plantio de soja nesta região também iniciou-se em meados da década de 70. Com o acompanhamento, da introdução de variedades pela EMBRAPA. Com o início da exploração comercial da soja, inicia-se o movimento migratório de produtores da região sul do país, especialmente gaúchos, paranaenses, paulistas e catarinenses.

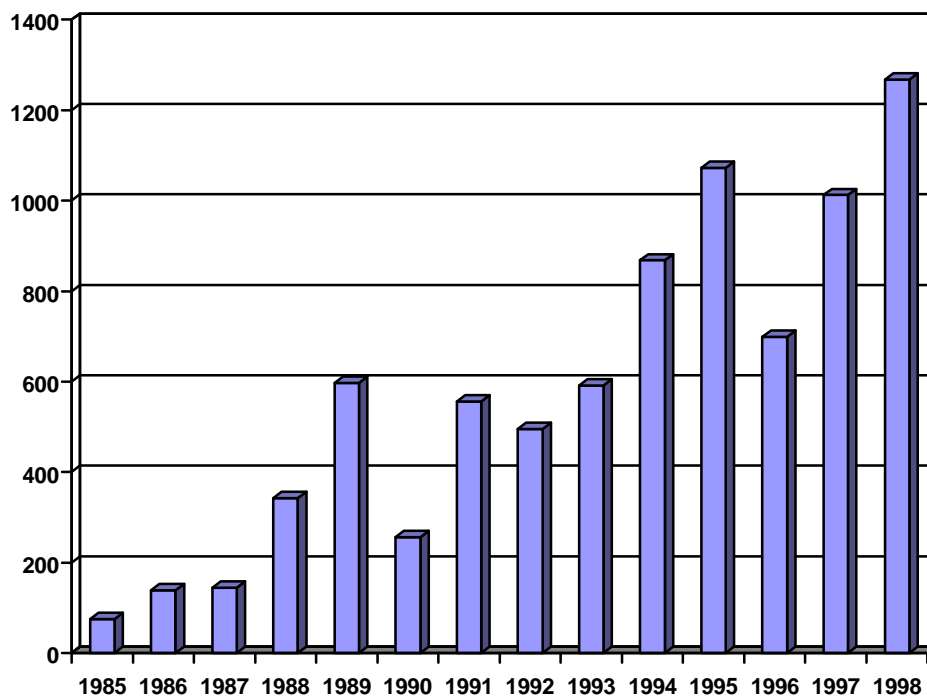
Na TABELA 13 verifica-se que, em 14 anos, a área ocupada com soja na região de Barreiras cresceu de 63 mil para 562,9 mil ha. Na TABELA 15 e GRÁFICO 8 verifica-se que a produção de Barreiras cresce de 75,6 mil t em 1985 para 1,268 milhões de t em 1998 num crescimento também significativo. A produtividade de outras culturas como arroz de sequeiro e milho, que são plantadas na região, apresentam também alto índice de mecanização e utilização de insumos modernos como adubos e corretivos de solo.

TABELA 15 PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE MÉDIA DE SOJA BRASIL E BAHIA 1985-1998 (em mil t e mil t/ha)

Ano	BRASIL Produção mil t	BRASIL Produtividade t/ha	BAHIA Produção mil t	BAHIA Produtividade t/ha
1985	18.178,2	1,79	75,6	1,2
1986	13.241,7	1,43	139,1	1,3
1987	17.027,6	1,85	144,5	0,85
1988	18.127,6	1,69	342	1,5
1989	23.905,9	1,95	596	1,55
1990	20.179,0	1,74	256	0,7
1991	15.308,3	1,57	556	2,0
1992	19.354,0	2,0	495	1,5
1993	23.069,8	2,13	590	1,55
1994	25.064,2	2,17	868	2,0
1995	26.093,7	2,21	1.073	2,28
1996	23.397,4	2,17	699	1,61
1997	26.695,7	2,33	1.012	2,22
1998	29.716,2	2,37	1.268	2,27

Fonte: IBGE, CONAB, FNP-1998

GRÁFICO 8 EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO DE SOJA EM BARREIRAS-BA
(Em mil t)



O programa Corredor de Exportação Norte surgiu de estudos da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária e foi lançado pelo Governo Federal em 1990 para promover o desenvolvimento e viabilizar o transporte de cargas no extremo Norte. Contou ainda com a participação do Banco do Brasil, Banco do Nordeste, Banco da Amazônia, Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), e governos dos estados do Maranhão, Piauí e Tocantins, abrangendo 24 municípios dos três estados (CVRD, 1996).

Duas zonas principais integram a região. A Zona I corresponde quase inteiramente à sub-bacia do Rio Grande, inclusive com a microbacia do Rio Preto, onde predominam paisagens de chapadas altas e depressão sertaneja.

É a área monopolizada por Barreiras, a qual está cortada pelos principais eixos de transportes e onde se concentra a maioria dos investimentos empresariais, como as fazendas produtoras de grãos, frutas, pecuária, fertilizantes e outros insumos, além das unidades comerciais e de infra-estrutura.

A Zona II, localizada ao Sul da Zona I, está inserida na sub-bacia do Rio Corrente e conta com a microbacia do Rio Carinhanha. Nela predominam paisagens de chapadas altas e depressões sertanejas. Santa Maria da Vitória é o centro polarizador que concentra a maioria dos serviços públicos e privados, tendo em Correntina e Bom Jesus da Lapa outras cidades importantes (CAR, 1986).

A região de Barreiras está inserida no Corredor Nordeste de transporte multimodais. Seu eixo viário principal é o Rio São Francisco e seus afluentes navegáveis (rios Corrente e Grande), a BR 242 (Barreiras-Salvador) e as ligações ferroviárias com os trechos Salgueiro-Recife, Juazeiro (BA)-Salvador e Missão Velha-Fortaleza e suas extensões programadas até Petrolina/Juazeiro(BA), a BR-135 (para o Piauí) e a BR-020 (ligando a Brasília) como mostra a Figura 6.

O modal de transporte mais utilizado na região tem sido o rodoviário, por intermédio das BR-242, 135 e 020 para escoamento da produção até os portos de Salvador e Ilhéus, além do destino aos mercados do Norte, Fortaleza, Recife e do Centro-Oeste.

A região poderá vir a utilizar no futuro, de maneira mais racional e econômica, outros corredores de transporte multimodais, tais como: o Corredor de Exportação Norte, formado pelo sistema Ferrovia Norte-Sul/Estrada de Ferro Carajás/Porto da Ponta da Madeira (São Luís), e o Corredor Região Oeste/Portos de Salvador e Aratu, um sistema rodo-hidro-ferroviário que utiliza o modal rodoviário no trecho Barreiras-Ibotirama, a Hidrovia do São Francisco até Juazeiro e daí por ferrovia até os Portos de Salvador e Ilhéus, com conexão ao Porto de Tubarão (ES) ou para o Porto de Suape (PE).

O programa Corredor de Exportação Norte surgiu de estudos da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) e da Embrapa-Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária e foi lançado pelo Governo Federal em 1990 para promover o desenvolvimento e viabilizar o transporte de cargas no extremo Norte.

Contou ainda com a participação do Banco do Brasil, Banco do Nordeste, Banco da Amazônia, Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), e governos dos estados do Maranhão, Piauí e Tocantins, abrangendo 24 municípios dos três estados (CVRD, 1996).

O sistema ferroviário do Nordeste, interligando as três grandes capitais Salvador, Recife e Fortaleza, poderá ser viabilizado com a construção da Ferrovia Transnordestina no trecho Petrolina-Salgueiro, numa extensão de 236 km, com orçamento de US\$ 228 milhões, e da extensão Salgueiro-Missão Velha com 113 km orçada em US\$ 131 milhões. Necessitam de reforma e conservação os trechos ferroviários Salgueiro-Recife (638 km), Missão Velha-Fortaleza (530 km) e Juazeiro-Salvador (MPO, 1997).

O Sistema intermodal de transporte é feito pelo modo rodoviário até Ibotirama, realizando transbordo para o modo hidrovia até Juazeiro e Petrolina (aproximadamente 580 km) e depois utilizando modo ferroviário com destino a Salvador, Recife e Fortaleza. Este caminho beneficiará não só os produtos do cerrado (grãos) mas também a fruticultura irrigada nos projetos do pólo Petrolina-Juazeiro que se destinam ao mercado interno ou para exportação.

Outra opção seria estender até o Oeste baiano a Ferrovia Norte-Sul ou fazer-se ligação para a mesma no sentido do transporte se destinar ao Porto da Ponta da Madeira em São Luís, considerando ser o de melhor operacionalização e mais próximo do Porto de Roterdã na Holanda, local por onde entra grande parte da soja brasileira exportada para a Europa.

De acordo com estudos do Ministério dos Transportes (VALEC), a implantação do corredor multimodal interligando o cerrado ao Porto de Itaqui (São Luís) propiciará economia em torno de 8% do valor da saca de soja e de 13% a 18% do valor da saca de milho para destino ao Porto de Rotterdam/Holanda (MPO, 1997).

O desenvolvimento do sistema agroindustrial da soja em Barreiras, além da implantação de diversos projetos de empresas agrícolas, tem sido complementado com a implantação de unidades de armazenamento e indústrias esmagadoras e processadoras de farelo e óleo, ligadas a grandes grupos nacional e internacional, como a CEVAL, a CARGILL e a Santista Alimentos, controlada pelo grupo argentino Bunge y Born. Outras unidades industriais de fertilizantes, corretivos, máquinas e implementos agrícolas tem se instalado na região.

A vinda de empresários do Sul e Centro-Oeste para a região dos cerrados foi determinada, principalmente, por três fatores:

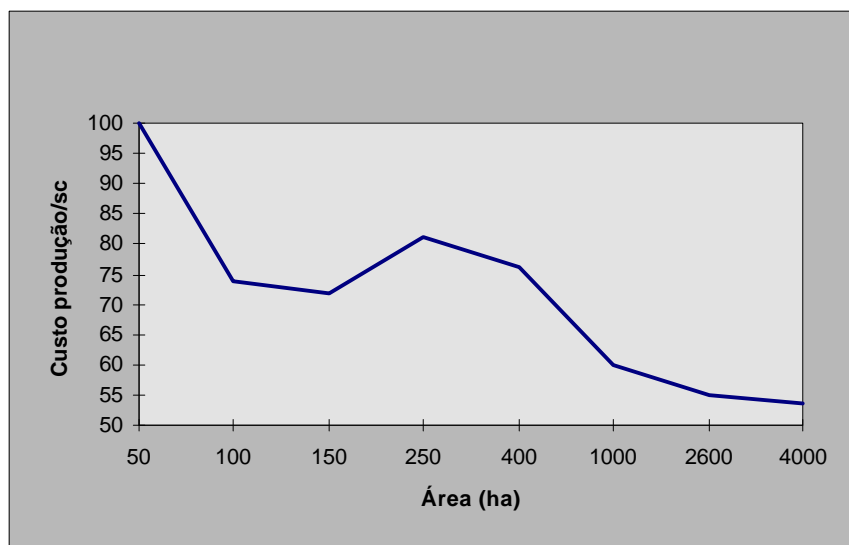
- a) condições edafo-climáticas favoráveis (topografia plana, abundância e regularidade de chuvas, temperatura elevada e profundidade dos solos;
- b) b) terras mais baratas que em outras regiões produtoras, fato que eleva a rentabilidade da exploração(lucro sobre ativos) e,
- c) c) busca de economia de escala.

Considera-se, segundo AZEVEDO, 1997, como economia de escala a queda do custo médio de longo prazo à medida que se expande a escala de produção. Há economias de escala de dois tipos:

- a) reais, em que à medida que cresce a escala de produção, são necessários menos insumos para a produção da mesma quantidade de produto;
- b) pecuniárias, em que o preço dos fatores de produção decresce com o aumento da quantidade produzida.

Estimativas da Universidade de Brasília indicam que o custo de produção de soja reduz-se de 40 a 45% quando a escala operacional aumenta de 50 a 1.000 ha, UnB apud WEDEKIN,1994, conforme mostra o GRÁFICO 9.

**GRÁFICO 9 ECONOMIAS DE ESCALA NA PRODUÇÃO DE SOJA
NO CERRADO BRASILEIRO (base 100 = 50 ha).**



Fonte: UnB, em Wedekin (1994).

O interesse de grandes grupos econômicos com o complexo soja (grão, farelo e óleo) é justificado pelo fato desses produtos despontarem como um dos principais itens da pauta de exportações do país. Outro fato decorrente desta constatação mostrada no GRÁFICO 8 é a impossibilidade quase total da entrada de pequenos produtores nesta atividade, em função da alta escala necessária para tornar a atividade economicamente rentável. De fato em ambas as regiões estudadas, não constatou-se a presença de produtores com menos de 200 ha plantados. Cientes, empiricamente, deste fato verificou-se em alguns casos a união de áreas menores, entre os pequenos proprietários, para a obtenção da escala necessária.

Infra-estrutura

A infra-estrutura de transporte de cargas (insumos e produtos) na região de Barreiras é deficiente e mal conservada, bem como a para exportação é precária ou seja o transbordo é ineficiente, inexistem armazéns graneleiros no Porto de Aratu(Ba) e de terminal portuário em Barreiras e no pólo Juazeiro/Petrolina para melhor operar os carregamentos destinados a Recife e Fortaleza segundo informam os entrevistados (técnicos, produtores rurais e comerciantes relacionados no **ANEXO 3**).

Os serviços de energia elétrica e comunicações também sofre deficiências, não abrangendo as áreas de produção. As interrupções no fornecimento de energia têm ocasionado prejuízos pois os equipamentos entram em pane causando paralisações nas indústrias. Os prejuízos maiores ocorrem durante o período de safras. No tocante à telemática as transmissões de dados eletrônicos é precária também pela inexistência de cabeamento por fibra ótica.

Há carência de melhores serviços para a população como: escolas (cursos médios e superiores), postos de saúde, déficit em habitações. Esses fatores podem ser considerados como de restrição aos migrantes de áreas mais desenvolvidas, como o Sul-Sudeste, ainda que muitos já estejam instalados há mais de 20 anos.

Os aspectos da infra-estrutura inexistente ou deficiente foram apontados como o fator que mais tem contribuído para restringir a competitividade dos produtos da área pelos entrevistados.

O transporte de cargas, a partir de Barreiras utilizando o Rio Grande até o porto de Barra (366 km), daí pela Hidrovia do São Francisco até Juazeiro/Petrolina e em seguida por ferrovia com destino aos mercados de

Recife, Fortaleza e Salvador, inclusive para exportação pelos Portos de Suape e Aratu, seria a melhor combinação de transporte para a produção do Oeste baiano. Mas não é o que ocorre atualmente havendo um trânsito muito grande de caminhões.

Uma utilização dos Portos da Ponta da Madeira e Itaqui (ambos em São Luís) seria uma alternativa viável, e até mais econômica com relação aos custos operacionais e de frete até a colocação nos portos do exterior. Porém, para que isto se realize há a necessidade de grandes investimentos em infra-estrutura de transportes que são:

- Extensão da Ferrovia Norte-Sul até o cerrado baiano
- Adaptações na Hidrovia do Araguaia-Tocantins
- Em ligações rodoviárias.

Segundo ainda entrevistados seria importante ampliar e recuperar as estradas vicinais situadas nas zonas de produção agrícola que na época das chuvas ficam impraticáveis, tornando-se fonte de prejuízos e ineficiências no setor.

Espera-se com grande ansiedade a implantação do Anel da Soja que é uma rodovia com 300 km de extensão. Esta rodovia inicia-se na BR-242 próxima ao distrito de Mimoso do Oeste percorrendo importantes zonas produtoras de soja na região de Barreiras. Para os produtores da região, a implantação de outros anéis rodoviários intrecruzando toda a área de produção seria uma iniciativa importantíssima para a região.

Os pontos mais importantes para investimentos a serem feitos pelos governos federal, estadual e agências internacionais seriam em logística, energia e telecomunicações.

Com relação à logística, as ações propostas são: implantar a Hidrovia do São Francisco e suas ramificações para os grandes centros regionais,

para o Centro-Oeste e para o Sudeste; construir a Ferrovia Transnordestina no trecho Petrolina-Salgueiro-Missão Velha; ampliar a Ferrovia Norte-Sul até Estreito-Maranhão e alterar o projeto original de forma a incluir no percurso as regiões de Balsas-Maranhão e Barreiras-Bahia; recuperar as principais rodovias federais (BR 242, 135, 020); ampliar e recuperar instalações e equipamentos portuários em Barra-Bahia, Barreiras-Bahia, Juazeiro-Bahia, Aratu-Bahia e Suape-Pernambuco; construir novas vias rodoviárias que liguem as zonas produtoras do cerrado ao pólo processador de Barreiras; recuperar e ampliar as estradas vicinais da região.

Com relação a energia, as ações propostas são : reforçar todo o sistema Centro-Norte, podendo incluir os projetos de implantação do linha Norte-Sul; conclusão da UHE Tucuruí II-Pará; expansão das UHE de Xingó e Itaparica; projetar a construção de termelétrica, possivelmente em São Luís devido a presença do porto; expandir a eletrificação na zona rural;

Com relação a telecomunicações as ações propostas são : implantar sistema de fibra ótica no trecho São Luís-Brasília passando por Barreiras; expandir e melhorar os serviços da telefonia celular em toda a região, inclusive na zona rural.

Custo de Transporte

O custo dos fretes e distribuição de produtos é extremamente elevado em função de:

- Distâncias grandes percorridas até os centros consumidores
- Condições precárias das estradas, especialmente as vicinais

- Infra-estrutura ineficiente de transbordo e de armazenagem das cargas nos portos de destino.
- Ineficiência dos mecanismos de comercialização.

Estimativas do Banco Mundial de acordo com FERNANDES(1998), mostram que os custos portuários no Brasil são 27% superiores aos da Argentina e do Uruguai. A esses custos, devem ser somados aqueles representados pelos atrasos em embarques, que tornam-se críticos nas épocas de pico, e as dificuldades burocráticas que interferem no planejamento dos exportadores e importadores. Dados da Confederação Nacional da Indústria estimam que o custo médio de movimentação de um *container* de 40 pés atinge US\$ 600 no Porto de Santos e US\$ 300 no Porto de Paranaguá, contra US\$ 120 em Roterdã segundo LAZZARINI e FAVARET FILHO(1997).

Além desses fatores, no Brasil a grande maioria das cargas é movimentada por rodovias, justamente a forma que tem custo operacional mais caro. Estima-se que para transportar uma tonelada de produto agrícola por 1.000 km, o custo despendido por hidrovias varia ao redor de US\$ 8 a 13, por ferrovias US\$ 25 a 30 em e por rodovia cerca de US\$ 33 a 50. Esses custos são agravados pela má conservação da maioria das rodovias brasileiras, pela obsolescência da frota de caminhões e pelo congestionamento nas rotas e pontos de embarque nos períodos de safra segundo LAZZARINI e FAVARET FILHO(1997).

A região dos cerrados deverá ser alvo de ações federais, estaduais, municipais e iniciativa privada, principalmente na área de transportes, visando a adoção da multimodalidade de transportes. Com isso será possível trabalhar de forma integrada, implantar uma rede viária e de serviços

eficiente e com o menor custo possível visando expandir e modernizar os corredores de transportes de mercadorias e de passageiros.

Para que essa meta seja atingível são necessárias as seguintes ações:

- Ampliar e recuperar a infra-estrutura viária (rodovias federais, estaduais e vicinais, hidrovias, ferrovias) e modernizar os serviços de transportes em suas diversas modalidades e modernizar os serviços portuários.
- Melhorar e garantir a oferta de energia na região.
- Melhorar e expandir os serviços de comunicações nas cidades e no meio rural.
- Melhorar os serviços básicos de saúde, educação e saneamento.

A Hidrovia do São Francisco constitui-se numa obra fundamental para que o sistema de transportes intermodal possa ter eficiência beneficiando, ainda, o seu afluente Rio Grande no trecho Barreiras-Barra. Essa talvez seja uma das obras mais importantes para garantir a competitividade futura dessa região.

Com relação a infra-estrutura portuária há a necessidade da construção de um porto em Barreiras e de um terminal de transbordo em Barra. Atualmente em fase final de construção pelo governo estadual porto de Juazeiro é indispensável para a complementaridade da intermodalidade.

É necessário que se faça no Porto de Aratu-Bahia, a construção de um terminal graneleiro para oferecer maior segurança às cargas que se destinem à exportação ou que sejam destinadas direcionadas a outras regiões.

Quanto ao sistema ferroviário, são considerados estratégicos para a região dos cerrados nordestinos, a ampliação da Ferrovia Norte-Sul a partir

de Açailândia no Maranhão, quando se integrará à Estrada de Ferro Carajás, consolidando o Corredor de Transporte Multimodal Centro-Norte, e a Ferrovia Transnordestina, no trecho Petrolina a Salgueiro em Pernambuco e extensão até Missão Velha, no Ceará.

A Ferrovia Norte-Sul, que está sendo ampliada no trecho Imperatriz-Estreito no Maranhão, poderia dispor de um ramal até Balsas no Maranhão e sua conexão com a Hidrovia Araguaia-Tocantins, cuja ligação rodoviária já está pronta no trecho Estreito, no Maranhão-Xambioá no Tocantins. Essas alternativas poderiam representar um novo canal para a logística de transporte da produção oriunda do cerrado baiano, operando a menores custos, beneficiando também, por causa da redução do custo dos fretes, o Polo de Balsas.

Para avaliar os custos de frete no transporte da soja exportada com destino a Roterdã/Holanda, a Ferrovia Paulista S.A *apud* FERNANDES(1998), apresenta três alternativas, uma atual e duas futuras para o frete de cargas a partir de Barreiras.

A TABELA 16 mostra a situação atual com os modais utilizados, sendo que o rodoviário é realizado nos trechos Barreiras/Ibotirama (217 km) e Petrolina/Salgueiro (250 km), totalizando R\$ 24,50/t. No trecho hidroviário Ibotirama/Petrolina, de 604 km, o frete fica em R\$ 6,00/t, enquanto para o percurso Salgueiro/Suape, com 607 km em ferrovia, o frete atinge R\$ 19,00/t. Portanto, para colocação de produtos no Porto de Roterdã, o custo atual do frete total, incluindo ainda três operações de transbordo e uma portuária, eleva-se a R\$ 78,00/t.

TABELA 16 CUSTO DE BARREIRAS (BA) A ROTERDÃ - ATUAL

ORIGEM	DESTINO	MODAL	FRETE (R\$/t)	DISTÂNCIA (km)
Barreiras (BA)	Ibotirama (BA)	Rodoviário	12,00	217
	Transbordo		2,00	-
Ibotirama (BA)	Petrolina (PE)	Hidroviário	6,00	604
	Transbordo		2,00	-
Petrolina (PE)	Salgueiro (PE)	Rodoviário	12,50	250
	Transbordo		2,00	-
Salgueiro (PE)	Suape (PE)	Ferrovário	19,00	607
Operação portuária			6,50	-
Suape (PE)	Rotterdam	Marítimo	16,00	-
	Total:		78,00	1.678

Fonte: FEPASA apud FERNANDES,1998

As TABELAS 17 e 18 retratam uma situação futura. Na alternativa “A” , TABELA 17 está dimensionado o custo de operação do modal ferroviário no trecho Petrolina/Suape, que inclui o subtrecho Petrolina/Salgueiro, da futura Ferrovia Transnordestina, a ser construída pela iniciativa privada/concessionária da malha Nordeste. O custo total do frete entre Barreiras/Rotterdam chegaria a R\$ 65,50/t.

TABELA 17 BARREIRAS (BA) A ROTTERDAM - FUTURO (Alternativa “A”)

ORIGEM	DESTINO	MODAL	FRETE (R\$/t)	DISTÂNCIA (km)
Barreiras (BA)	Ibotirama (BA)	Rodoviário	12,00	217
	Transbordo		2,00	-
Ibotirama (BA)	Petrolina (PE)	Hidroviário	6,00	604
	Transbordo		2,00	-
Petrolina (PE)	Suape (PE)	Ferrovário	21,00	857
Operação portuária			6,50	-
Suape (PE)	Rotterdam	Marítimo	16,00	-
	Total:		66,50	1.678

Fonte: FEPASA apud FERNANDES,1998

Na alternativa “B” TABELA 18, as cargas transportadas entre Barreiras e Juazeiro/Petrolina utilizariam, a partir de Barreiras, o Rio Grande até o porto da cidade de Barra, depois tomariam a Hidrovia do São Francisco/Barragem de Sobradinho até Petrolina. Haveria uma economia no número de transbordos e no frete que custaria R\$ 8,48/t no trecho hidroviário Barreiras-Petrolina, de 854 km. Nessa hipótese o frete total entre Barreiras e Rotterdam importaria em R\$ 57,98/t, sendo o de menor custo entre as três situações.

**TABELA 18 BARREIRAS (BA) A ROTTERDAM - FUTURO
(Alternativa “B”)**

ORIGEM	DESTINO	MODAL	FRETE (R\$/t)	DISTÂNCIA (km)
	Transbordo rodo-hidroviário		4,00	-
Barreiras (BA)	Petrolina (PE)	Hidroviário	8,48	854
	Transbordo		2,00	-
Petrolina (PE)	Suape (PE)	Ferrovário	21,00	864
Operação portuária			6,50	-
Suape (PE)	Rotterdam	Marítimo	16,00	-
Total:			57,98	1.718

Fonte: FEPASA *apud* FERNANDES,1998

Outra alternativa para beneficiar a região de Barreiras seria a expansão da Ferrovia Norte-Sul até Barreiras, passando antes por Balsas, MA.

A apresentação da situação atual e as alternativas para o futuro deixa claro a vantagem de se transportar cargas por hidrovia e ferrovia. No trecho Barreiras-Ibotirama, de 217 km, por exemplo, o frete por rodovia custa R\$

12,00/t, enquanto em 617 km de hidrovias no percurso Ibotirama-Juazeiro, o custo cai em cinquenta por cento.

A consolidação da infra-estrutura física deve beneficiar a geração e transmissão de energia elétrica, reforçada com a conclusão da Usina Hidroelétrica de Xingó e a expansão da capacidade da Usina Hidroelétrica de Itaparica, a montante do complexo de Paulo Afonso.

Tecnologia Agrônômica e Extensão Rural

Sendo uma região colonizada há mais tempo, em relação a Balsas, a região de Barreiras tem a presença mais constante do Estado da Bahia nas ações de suporte ao desenvolvimento e nos serviços. A presença de escritórios de Empresa Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural está espalhada por muitos municípios da região e contam com engenheiros agrônomos e técnicos de nível médio para os serviços.

Além desses, a região conta há mais de 20 anos com escritórios da CODEVASF - Companhia de Desenvolvimento do Vale do Rio São Francisco, provendo planejamento para o desenvolvimento da infra-estrutura de irrigação e apoio à gestão de recursos hídricos para a produção agropecuária.

Existem ainda muitos escritórios de empresas fornecedoras de máquinas, equipamentos e insumos que fornecem assistência técnica aos seus clientes, além de empresas privadas especializadas neste tipo de serviços. Os Bancos do Brasil e do Nordeste fornecem apoio agrônômico na análise de projetos e propostas de financiamentos com recursos incentivados ou não.

Produção e Mercado de Insumos

Os produtores de soja dedicados somente à produção, não dispõem de linha de crédito para financiamento da produção na forma de adiantamento ou custeio. As grande empresas comercializadoras fazem financiamento da "soja verde", para desconto por ocasião da entrega dos produtos.

Essa assistência financeira é geralmente oportuna e realizada sem burocracia, a taxas mais favoráveis que as dos Bancos. Há problemas de quebra contratual por parte de alguns produtores, visto que muitas vezes se aproveitam de oscilações do mercado, não cumprindo o contrato de entrega do produto.

As empresas que trabalham a soja localmente apresentam, de modo geral uma boa organização na produção agrícola ou no processamento industrial e comercialização, permanecendo interligadas aos sistemas de mercado. Os excelentes resultados na produção rural e as vantagens comparativas do cerrado na produção de soja são reduzidas com a ineficiência da infra-estrutura, que oneram o custo final do produto tanto para o mercado doméstico quanto para o mercado externo. Ultimamente tem-se denominado de "Custo Brasil" ao conjunto dessas ineficiências como mostra a TABELA 23. Está em andamento um processo de fusões e incorporações das grandes empresas comercializadoras de soja que apresenta dois aspectos: um risco de monopolização da compra do produto ficando os produtores rurais à mercê de uma ou poucas empresas. Pode porem atrair e alavancar a vinda de mais empresas de porte, estimulando o sistema concorrencial que sempre é benéfico para o setor de produção agropecuária.

3 AS EMPRESAS AGROINDUSTRIAIS NOS CERRADOS NORDESTINOS

Diferentemente de Balsas, a região de Barreiras possui um parque industrial. Este está em expansão. A ociosidade média das indústrias locais está ao redor de 10 a 15%. Este valor é inferior ao índice médio estimado para a agroindústria nacional processadora, calculado pela ABIOVE-ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE ÓLEOS VEGETAIS em cerca de 40%.

Segundo NEVES (1997) as tendências gerais para o segmento das agro-indústrias processadoras no cenário pós-plano de estabilização econômica são:

- aumento da atratividade para empresas do exterior, motivado pelo amplo mercado brasileiro, provocando o acirramento da concorrência;
- aumento da concentração econômica das empresas através de fusões e aquisições;
- segmentação do mercado em diferentes nichos e diversificação da produção em diferentes produtos;
- redução de margens de lucro necessitando de melhorias constantes na eficiência.

O parque industrial brasileiro processador de soja tem permanecido ao longo dos últimos anos com uma capacidade de esmagamento muito superior à produção de soja como mostra a TABELA 19, evidenciando-se uma capacidade ociosa muito grande.

TABELA 19 CAPACIDADE DE ESMAGAMENTO *versus* PRODUÇÃO DE SOJA

PROCESSAMENTO (t/dia)	1977	1982	1985	1989	1995	1997
Total diário	41.567	89.989	91.329	100.426	116.280	117.875
Total anual (300 dias) (mil t)	12.470	26.997	27.399	30.128	34.884	35.363
Produção de soja (mil t)	12.513	12.837	18.278	23.579	25.934	26.160

Fonte: ABIOVE

A capacidade de refino, que em 1977 era de 41.567 t/dia, atingiu, em 1997 117.875 t/dia, estando concentrada nos estados do Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo que, juntos, dispõem de dois terços da capacidade de processamento do Brasil como mostra a TABELA 20.

TABELA 20 CAPACIDADE INSTALADA DE ESMAGAMENTO, REFINO E ENLATAMENTO DE OLEAGINOSAS NO BRASIL- 1997

Estado	Esmagamento		Refino		Enlatamento	
	t/dia	%	t/dia	%	t/dia	%
Paraná	35.720	30,3	2.450	16,2	2.517	17,7
Rio Grande do Sul	28.950	24,6	2.085	13,8	2.560	18,0
São Paulo	13.460	11,4	5.580	37,0	4.276	30,0
Goiás	9.000	7,6	1.270	8,4	1.238	8,7
Mato Grosso	8.550	7,3	225	1,5	225	1,5
Mato Grosso do Sul	6.730	5,7	490	3,2	600	4,2
Minas Gerais	5.400	4,6	840	5,6	938	6,6
Santa Catarina	5.255	4,5	730	4,8	430	3,0
Bahia	2.750	2,3	490	3,2	795	5,6
Outros estados	2.060	1,7	932	6,2	680	4,8
Brasil	117.875	100,0	15.092	100,0	14.259	100,0

Fonte: ABIOVE

O estado da Bahia ainda não dispõe, FERNANDES (1998), de uma grande capacidade instalada para processamento de soja (esmaga 2.750

toneladas por dia, o que equivale a 2,3% do total brasileiro), porém a capacidade de refino 3,2% e envasamento, 5,6%, especialmente de óleo para mesa, superam relativamente a capacidade de esmagamento.

Isso não significa, necessariamente, que as indústrias refinadoras centralizadas em Barreiras estão mais voltadas para o processamento final, mas indicam que o parque agroindustrial local poderá buscar economias de escala quando se verificar um pico de safra, sem que ocorra uma expansão correspondente das plantas industriais de refino.

Na linha das fusões e incorporações verificou-se uma concentração no setor processador de soja em Barreiras. A indústria OLVEBASA-Óleos Vegetais da Bahia S. A de Barreiras teve seu controle acionário assumido pela CEVAL, de Santa Catarina. Por sua vez a CEVAL, dentro do enorme processo de fusões, aquisições e incorporações de empresas, que constata-se como uma das conseqüências do processo de globalização, foi recentemente adquirida pelo Grupo Bunge, detentor das empresas Moinho Rio Grandense, Sanrig, Santista Alimentos e outras.

As indústrias de esmagamento de soja na região de Barreiras são duas: SANTISTA ALIMENTOS S.A. (Antiga Olvebasa) e a CEVAL ALIMENTOS S.A.

As características destas indústrias, importantíssimos fatores de diferença competitiva entre as regiões estudadas tem as seguintes características.

SANTISTA ALIMENTOS S.A.

Dentro da tendência internacional das fusões aquisições e incorporações a Santista Alimentos S. A . , pertencente ao grupo internacional Bunge, adquire o contrôle da Olvebasa-Óleos Vegetais da Bahia S. A . Sua planta industrial,

localizada na rodovia BR-020, no Km 604 , município de Barreiras, tem como principal finalidade o processamento da soja. Estes produtos são:

- óleo de soja refinado de mesa envasado
- óleo de soja degomado
- farelo de soja peletizado

A capacidade de produção e armazenagem da planta são mostrados na TABELA 21.

TABELA 21 CARACTERÍSTICAS DA PLANTA PROCESSADORA DA SANTISTA EM BARREIRAS- BA. 1997

Características\Produto	Soja Grão	Óleo	Óleo	Farelo Peletizado
		Refinado	Degomado	
Produção t/ano	-	50.000	10.000	230.000
Capacidade de Armazenagem t	100.000	2.500	2.000	8.000
Capacidade Instalada de esmagamento	300.000 t/ano	-	-	-
Capacidade produtiva	284.000 t/ano	-	-	-
Capacidade Ociosa	16.000 t/ano	-	-	-

FONTE: FERNANDES(1998)

Os produtos desta fábrica são principalmente direcionados para o mercado nordestino, abastecendo atacadistas, varejistas, criadores de frangos e outros clientes. Estes clientes consomem 90% da produção de óleo degomado e farelo de soja, utilizados como ração animal. A comercialização é direta entre a indústria e seus consumidores ou por meio de agentes econômicos , que fazem a intermediação.

Os contratos de compra e venda tem seu preço fortemente influenciado internacionalmente , principalmente na Bolsa de Chicago, mas também pela oferta e demanda do mercado doméstico. Os contratos são em geral de curto prazo. Nos contratos de maiores volumes, principalmente de farelo, utilizam-se de prazos de 15 a 30 dias para pagamento. Os produtos exportados, são escoados principalmente pelo porto de Ilhéus na Bahia, utilizando-se do transporte rodoviário.

A Santista, a exemplo de outros compradores de soja tem relações contratuais com seus fornecedores (produtores rurais) através do contrato chamado de "soja verde". Este contrato, efetuado ainda quando a planta esta em crescimento , daí seu nome, constitui-se num contrato onde o comprador garante seu abastecimento, adiantando valores financeiros para que o produtor possa pagar seus compromissos durante as operações de custeio da soja. Estas operações, rápidas e desburocratizadas, tem substituído o crédito rural tradicional. Muitos agricultores alegam que suas taxas de juros são superiores às dos agentes financeiros, mas tem muito menos exigências em garantias. As empresas compradoras , por sua vez, bancam o risco dos produtores romperem seus contratos de fornecimento, entregando a soja a outro comprador que ofereça preços mais vantajosos.

Na época da entrega ocorrem os descontos dos valores e dos juros dos valores adiantados. Os produtores que participam deste sistema são selecionados e cadastrados por suas características empreendedoras e pela utilização de tecnologia. Os campos são acompanhados por agentes da empresa, visando ter a estimativa da colheita e garantir o sucesso da lavoura nesta fase de origem do produto.

Ceval Alimentos S.A .

Esta empresa, uma das grandes dos agronegócios no Brasil, passou também a ser controlada pelo grupo Bunge. Operando com *commodities* na venda, compra, transporte, tanto para o mercado doméstico quanto para exportação, a Ceval movimenta por ano mais de 6 milhões de t. de soja. Para realizar todas estas ações a Ceval detém instalações portuárias localizadas em Rio Grande-RS, São Francisco do Sul-SC, Vitória-ES, Paranaguá-PR e São Luis-MA. Conta ainda com o "porto seco"⁶⁰ de Barreiras-BA.

A planta industrial da Ceval localiza-se no distrito de Mimoso do Oeste, município de Barreiras, à margem da rodovia BR-242 Km 01 . Esta localização é estratégica pois é onde boa parte da soja da região é cultivada. Esta planta produz óleo refinado e farelo de soja peletizado, nos volumes apresentados na TABELA 22.

TABELA 22 CARACTERÍSTICAS DA PLANTA PROCESSADORA DA CEVAL EM BARREIRAS- BA. 1997

Características\Produto	Soja Grão	Óleo Refinado	Óleo Degomado	Farelo Peletizado
Produção t/ano	-	90.000	-	410.000
Capacidade de Armazenagem t	192.000	4.000	-	36.000
Capacidade Instalada de esmagamento	650.000 t/ano	-	-	-
Capacidade produtiva	450.000 t/ano	-	-	-
Capacidade Ociosa	90.000 t/ano	-	-	-

FONTE: FERNANDES(1998)

⁶⁰ **Porto Seco** - É a designação dada a um local alfandegado, geralmente situado no interior e fora da orla oceânica ou de rio. Neste local é feita a inspeção, tramitação de papéis, laçação da carga (em geral containers), e liberação do produto para embarque imediato quando de sua chegada ao porto .

Os produtos desta planta são comercializados no mercado nordestino, em especial nos centros de Fortaleza e Recife. Seus clientes são atacadistas, varejistas e empresas avícolas. Cerca de 20 % do farelo de soja produzido é exportado para a Ásia. A comercialização é feita diretamente sem intermediação de outros agentes. Também esta empresa realiza os contratos de compra da matéria conhecida como "soja verde" já descrita no item anterior. Segundo dados levantados junto à Ceval as interrupções no fornecimento de energia elétrica e as panes nas comunicações tem causado problemas e quedas de produtividade na unidade. Outros problemas citados que tem restringido a expansão de suas atividades na região são:

- Infra-estrutura deficiente (rodovias, ferrovias, comunicações e energia elétrica), armazenamento(falta de armazéns para grãos em Ibotirama e Juazeiro na Bahia) e equipamentos de logística de transportes(pontos de transbordo eficientes em Juazeiro, Ibotirama e no Porto de Aratú na Bahia).
- Saúde(postos médicos e maternidades), educação (boas escolas).
- Elevadas taxas portuárias em Ilhéus
- Falta de tecnologia e maior apoio à produção para melhoria da produtividade da soja no cerrado.

Grupo Comparin

É um grupo Mato-grossense estabelecido há anos na região. Atuando apenas na produção agrícola de soja possui área plantada de cerca de 20.000 ha, sendo 1/5 desta área irrigada. Com uma produção anual de cerca de 60.000 t , sua produtividade média de 3.200 kg/ha está acima da média regional. Nas suas propriedades, são utilizadas técnicas modernas e uso

intensivo de insumos. Fazem também o plantio direto⁶⁰, que é uma técnica não tão agressiva ao meio de cultivo quanto a convencional. Após o processo de amadurecimento da soja, esparramam por via aérea sobre ela sementes de milho (uma gramínea forrageira) que servirá para proteger o solo quando crescer. O milho aumenta também a fertilidade do solo. Seu custo de produção em 1997 era da ordem de R\$ 360 a R\$ 400 por hectare. São usuários do processo de financiamento chamado soja verde, CPR - Cédula do Produtor Rural do Banco do Brasil. A utilização destes sistemas de financiamento são onerosos mas muitas vezes inescapáveis, reduzindo as já apertadas margens de lucros dos produtores.

Cargill Agrícola

A Cargill Agrícola é uma empresa transnacional **presente em ambas as regiões**, que atua na comercialização, processamento e exportação de produtos agrícolas. Nas duas regiões estudadas ela atua apenas como comercializadora e beneficiadora de soja e milho produzidos localmente, não possuindo planta industrial de processamento nestes locais. Atuam através de contratos com os produtores rurais utilizando as modalidades de antecipação, contra-entrega do grão e soja verde. Possuindo uma equipe de funcionários que atuam nestes locais chamados de "originadores" dos produtos esta empresa acompanha todos os passos do processo de produção em busca de produto de qualidade superior à média. Para suas operações financeiras esta empresa utiliza-se de capital próprio ou captado internacionalmente.

⁶¹ **Plantio Direto** - Refere-se a uma técnica de plantio na qual não se faz a aração e gradeação do terreno. Cultiva-se a próxima cultura na palhada que sobrou da cultura anterior, utilizando-se para isso implementos e plantadeiras especiais.

Entre as empresa nacionais presentes cita-se muitos agentes financeiros, dentre eles o Banco do Nordeste e Banco do Brasil, com grande atuação na região do Oeste da Bahia. Estas empresas podem fortalecer as parcerias com os governos federal, estadual, prefeituras e demais atores e agentes integrantes dos Sistemas Agroindustriais dos cerrados baianos. Estas parcerias seriam vitais para se alcançar um melhor desenvolvimento da região. O apoio poderia ser nos projetos e empreendimentos nas áreas de insumos, produção agrícola, processamento industrial, comercialização, transporte, pesquisa, capacitação e gestão de Sistemas Agro-industriais.

Também estão presentes organizações internacionais importantes como o BID-Banco Interamericano de Desenvolvimento, o WB-Banco Mundial, o Eximbank-Export-Import Bank do Japão, o KFW-Kreditanstalt für Wiederaufbau alemão, que podem vir a ser alavancadores do desenvolvimento regional com aporte de capital.

Agências de cooperação como a JICA-Japan International Corporation Agency, que já está financiando, juntamente com o Governo Federal, o Banco do Nordeste e a Cooperativa Batavo, um projeto de colonização na região de Balsas, dentro do Programa de Cooperação Nipo-brasileiro para o Desenvolvimento do Cerrado-PRODECER III, podem ter um papel preponderante também em Barreiras.

As duas regiões estudadas tem suas particularidades mais ou menos acentuadas, cujas diferenças e semelhanças serão exploradas no capítulo seguinte após o qual se esboçará as conclusões.

Capítulo VI Análise das Regiões de Balsas e Barreiras

Neste capítulo serão mostradas às características das duas regiões em estudo de modo a compará-las entre si e com algumas características de seus principais concorrentes. Será feita a ligação entre as experiências dessas duas regiões ao processo maior global. Esta é uma proposta de se fazer um método para estudo da competitividade regional em fronteiras agrícolas no processo de globalização.

1 A Competitividade Regional

O poder e a competitividade estão intimamente ligados segundo MÜLLER(1992) em grande parte por que brotam das mesmas fontes básicas que são a segurança, o conhecimento, as finanças e a produção.

Semelhantemente a FARINA(1998) este autor associa a idéia de competitividade à habilidade de um país, de um Sistema Agroindustrial ou parte desta, de uma empresa, em manter ou aumentar sua participação nos mercados internacionais.

Percorrendo-se a bibliografia sobre regiões e competitividade não encontrou-se nenhum método que analisasse a competitividade de duas ou mais regiões.

Para a **análise de competitividade das regiões** de Balsas e Barreiras optou-se por escolher uma série de critérios demonstrativos.

Os critérios escolhidos foram:

- 1) Os **fatores de competitividade presentes no país** em análise;
- 2) **Políticas Públicas** - Verificando se existem, se são compatíveis com os programas e temas existentes e se estão em andamento ou paralisados.
- 3) **Demanda Doméstica** pelos produtos do complexo- Existência de mercado interno para os produtos do complexo.
- 4) **Demanda Internacional** pelos produtos do complexo agroindustrial trabalhado.
- 5) **Standard Internacional** de qualidade com habilidade para exportar dentro do tempo, local e forma desejado pelos consumidores.
- 6) **Capacidade de sobreviver** e crescer em mercados concorrentes ou novos.
- 7) **Evolução da participação** no mercado, com custos de produção compatíveis.

Como já verificou-se nas FIGURAS 1 e 2 , o Brasil tem expandido suas fronteiras agrícolas para o centro-oeste e nordeste, nas regiões de cerrado principalmente com a cultura da soja.

O deslocamento geográfico da produção de soja no Brasil pode ser observado na TABELA 7 e no GRÁFICO 3.

No final da década de 70 a produção da soja concentrava-se na região sul do Brasil, que contribuía com mais de 86% da oferta total do Brasil, seguida pela região Sudeste com 6,9 % e pela região Centro-oeste com apenas 6,2%.

Já em fins dos anos 90, o perfil da produção transforma-se, ensejando os deslocamentos dos pólos de produção. A região Sul decresce para 46,75% da oferta total de soja do Brasil, a região Centro-oeste cresce bastante para 39,22%, a região sudeste decresce para 8,65% e a região Nordeste passa a contribuir com 5,3% inserindo-se definitivamente como a mais nova região produtora de soja, mostrando como as terras mais baratas passaram a contribuir com volumes maiores de produção.

O crescimento da produção brasileira de soja em grão em relação à produção de seus competidores mundiais é também muito expressiva e crescente desde 1985 como mostram a TABELA 23 e o GRÁFICO 10.

TABELA 23 PRODUÇÃO MUNDIAL DE SOJA EM GRÃO-1985-1997

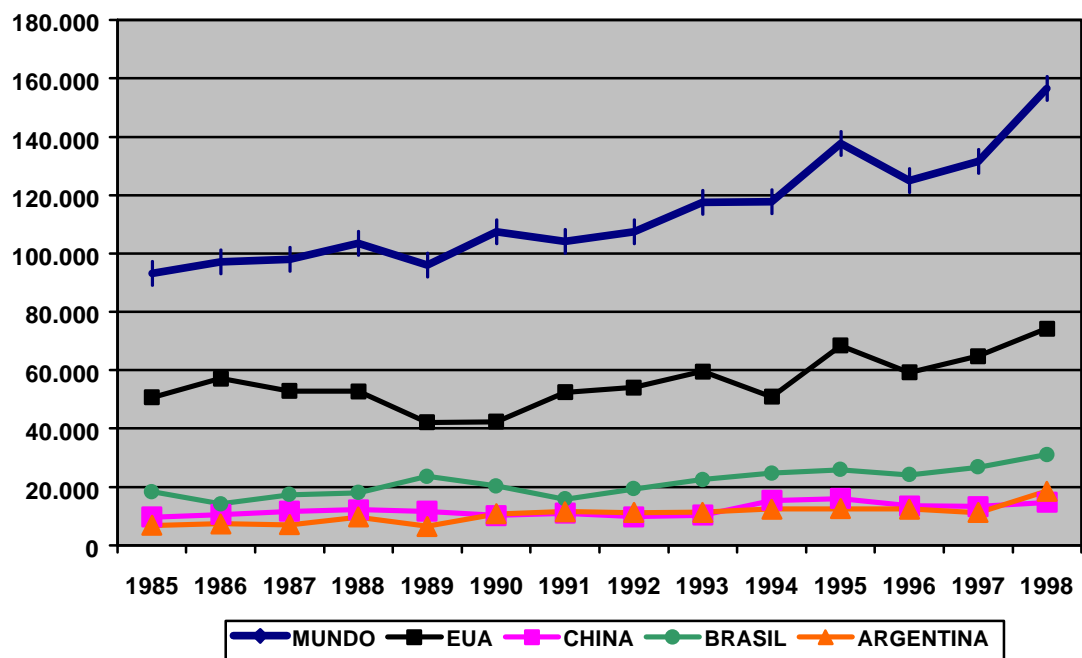
(em 1.000 t)

	Mundo	EUA	China	Brasil	Argentina
1985	93.135	50.644	9.695	18.278	6.750
1986	97.044	57.127	10.509	14.100	7.300
1987	98.111	52.868	11.614	17.300	7.000
1988	103.520	52.736	12.184	18.020	9.700
1989	96.057	42.152	11.645	23.600	6.500
1990	107.369	42.354	10.227	20.340	10.750
1991	104.143	52.416	11.000	15.750	11.500
1992	107.362	54.065	9.710	19.300	11.150
1993	117.424	59.612	10.300	22.500	11.350
1994	117.826	50.919	15.310	24.700	12.400
1995	137.716	68.493	16.000	25.900	12.500
1996	124.957	59.243	13.500	24.150	12.430
1997	131.680	64.837	13.220	26.800	11.200
1998	156.500	74.224	14.730	31.000	18.500

Fonte: USDA-United States Department of Agriculture

GRÁFICO 10 PRODUÇÃO MUNDIAL DE SOJA EM GRÃO-1985-1997

(em 1.000 t) Fonte: USDA-United States Department of Agriculture



Com relação ao óleo, apesar de não ser o principal produto de exportação, em vista do enorme mercado doméstico, a TABELA 3 e o GRÁFICO 2, já apresentados, mostram que a posição do Brasil também tem destaque.

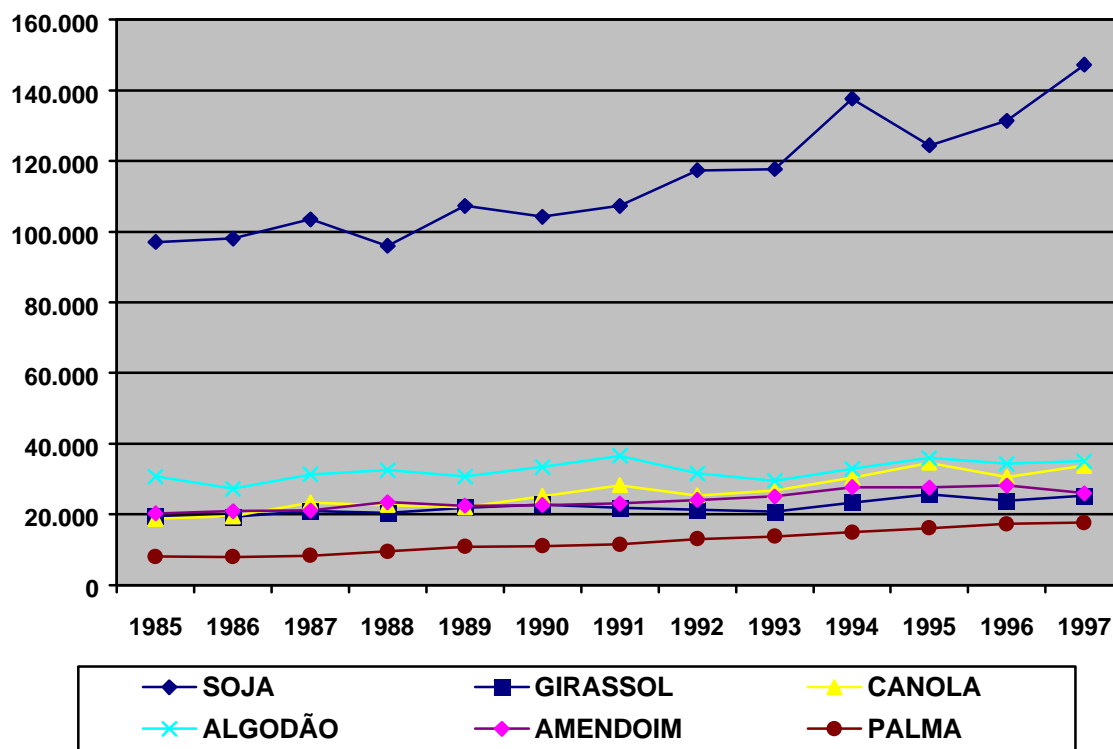
Apesar da grande procura e a conseqüente produção de óleo de palma no mundo, o óleo de soja continua a ser um dos mais produzidos quando comparado com seus concorrentes. Seus principais concorrentes são a canola, o girassol o algodão o amendoim e a palma, mostrados na TABELA 24 e GRÁFICO 11.

TABELA 24 PRODUÇÃO MUNDIAL DAS PRINCIPAIS OLEAGINOSAS

ANO	SOJA	GIRASSOL	CANOLA	ALGODÃO	AMENDOIM	PALMA
1985	97.044	19.560	18.699	30.714	20.243	8.052
1986	98.101	19.264	19.473	27.289	20.915	7.945
1987	103.510	20.954	23.333	31.358	21.140	8.342
1988	96.013	20.332	22.630	32.467	23.410	9.517
1989	107.326	21.884	21.977	30.659	22.412	10.889
1990	104.179	22.841	25.132	33.419	22.602	11.074
1991	107.278	21.810	28.265	36.614	23.091	11.507
1992	117.336	21.318	25.327	31.591	24.084	13.043
1993	117.747	20.774	26.721	29.491	25.056	13.764
1994	137.650	23.403	30.293	32.904	27.695	14.906
1995	124.440	25.757	34.605	35.912	27.630	16.073
1996	131.356	23.722	30.631	34.321	28.176	17.284
1997	147.242	25.297	33.760	35.045	26.012	17.664

Fonte: USDA- United States Department of Agriculture

GRÁFICO 11 PRODUÇÃO MUNDIAL DAS PRINCIPAIS OLEAGINOSAS



Fonte: USDA

Segundo LAZZARINI e NUNES,1998 no tocante ao conhecimento, pode-se afirmar que a produtividade, que reflete de forma clara o grau de investimento em pesquisa e da eficiência da transferencia de tecnologia do centro gerador ao centro produtor (o campo), tem sido crescente nos últimos cinco anos e também nas regiões de fronteiras como Chapada dos Parecis-MT, Balsas-MA e Barreiras-BA.

O Centro Nacional de Pesquisa de Soja (CNPSo), sediado em Londrina, da rede de unidades de pesquisas da EMBRAPA, é responsável pela pesquisa de soja e girassol para todo o Brasil.

Outros órgãos públicos de pesquisa que têm atuado na cultura da soja são o IAPAR, a EPAMIG, a Universidade Federal de Viçosa e o IAC. O COODETEC, uma entidade originária da OCEPAR (Organização das Cooperativas do Paraná), tem realizado importantes pesquisas em genética.

Apesar da importância marcante destas organizações no processo de Pesquisa e Desenvolvimento para a cultura da soja, a participação da iniciativa privada também é notável.

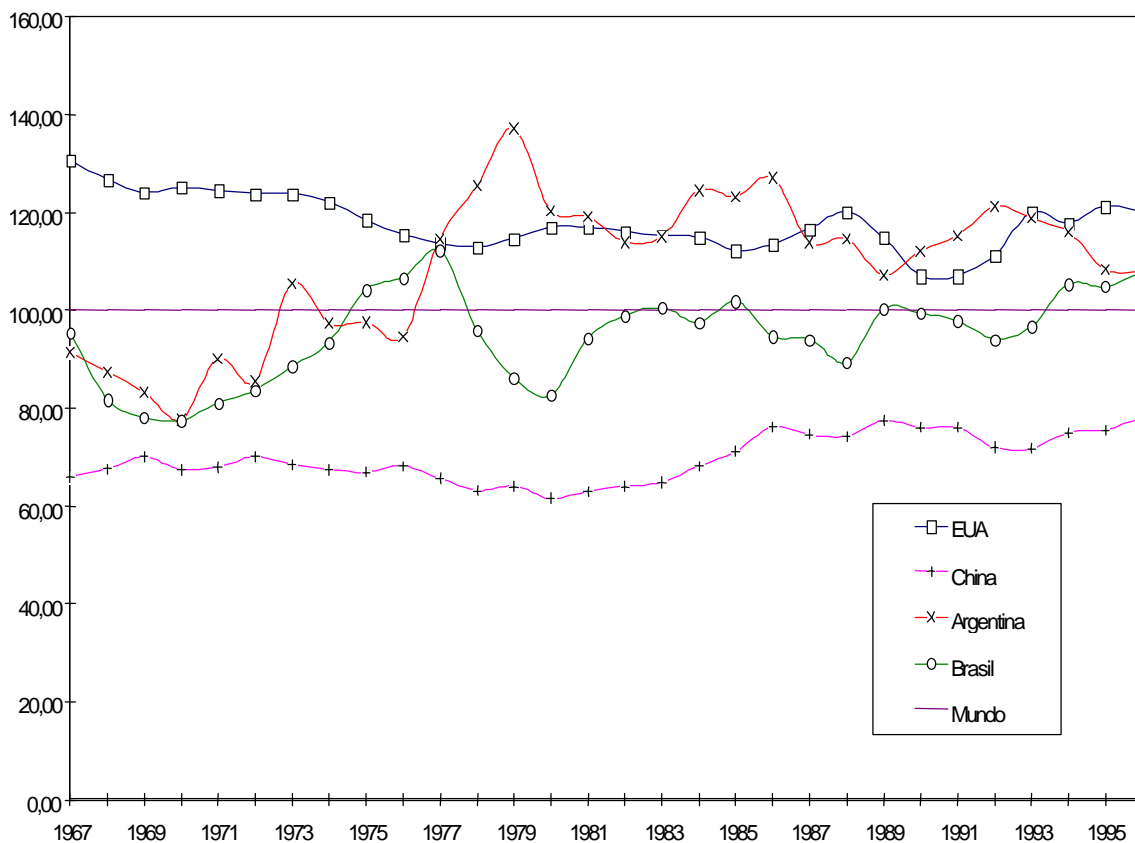
As indústrias de sementes, fertilizantes, defensivos e máquinas têm trazido tecnologias modernas para a cultura e apoiado a sua transferência para os produtores, após a desestruturação da extensão rural do Estado.

Em certas regiões, como no Mato Grosso, os produtores rurais conseguiram resolver seus problemas relativos à Tecnologia com a Fundação Mato Grosso, resultante de uma associação produtores de sementes de soja locais com órgãos de pesquisa federais como a EMBRAPA.

A partir de meados da década de 70, a produtividade média brasileira aproximou-se da média mundial, mas a distância com relação aos líderes em produtividade não tem diminuído de forma significativa. Em média, o volume de grão colhido por unidade de área no Brasil é cerca de 15% menor do que o obtido nos Estados Unidos e na Argentina.

O GRÁFICO 12 mostra a produtividade média mundial diminuindo em razão do baixo desempenho da China. Lá a produção não utiliza de forma intensiva os insumos modernos. Situando-se em torno da média mundial, a produtividade agrícola brasileira é inferior a dos principais países exportadores, à exceção da China.

GRÁFICO 12 PRODUTIVIDADE AGRÍCOLA RELATIVA NA CULTURA DA SOJA (1967-96): índice com base na produtividade média mundial a cada ano.



FORNE: USDA

A produtividade agrícola não deve ser utilizada , sozinha, como indicadora de competitividade, pois a intensidade do uso de um fator depende da produtividade e dos preços dos demais fatores produtivos.

De outro lado o custo por tonelada de soja ao nível da fazenda, no Brasil, chega a ser inferior ao dos Estados Unidos. A tecnologia de esmagamento e industrialização da soja é conhecida e utilizada no Brasil. Os custos de fábrica das melhores indústrias brasileiras é similar aos custos dos melhores processadores do mundo.

Segundo LAZZARINI e NUNES,1998 considerando-se apenas a rentabilidade média sobre o patrimônio líquido, a indústria brasileira de óleos vegetais não poderia ser considerada competitiva.

Em 1996, a maior taxa média de retorno foi de 0,6%, enquanto a menor ficou em -3,3%. No entanto, a variância da rentabilidade entre empresas é elevada. A rentabilidade média tem sido puxada para baixo por empresas que estão sendo eliminadas do mercado.

No plano da demanda internacional o Brasil ainda sofre, apesar dos grandes volumes exportados cada vez mais crescentes, barreiras tarifárias como demonstra a TABELA 25.

TABELA 25 BARREIRAS TARIFÁRIAS EXISTENTES NO COMÉRCIO INTERNACIONAL DE SOJA E DERIVADOS.

País/região	Barreira tarifária	Percentual sobre preço da soja *
Comunidade Européia	9,4% sobre óleo	3,94% (US\$ 10,64/t)
Japão	30,0% sobre óleo	12,56% (US\$ 33,96/t)
Estados Unidos	20,8% sobre óleo	11,45% (US\$ 27,29/t)
	US\$ 5,80/t de farelo	

* Com base em preços vigentes no período 1994-96.

Fonte: ABIOVE (1997).

Essas proteções são sempre feitas em cima dos produtos industrializados com o intuito de proteger suas indústrias esmagadoras, enquanto que o produto em grão recebe incentivos para ser importado.

Com as novas rodadas de negociação dos temas agrícolas previstos pela OMC-Organização Mundial do Comércio, com a chamada Rodada do Milênio, que seria o prosseguimento das chamadas rodadas Uruguai do extinto GATT, espera-se que muitos desses incentivos e barreiras possam cair , beneficiando assim ainda mais, a atividade realizada no Brasil e nas regiões estudadas, tornando-as mais competitivas.

O Brasil tem como característica a produtividade competitiva até a porteira da fazenda. No transporte até os terminais portuários as vantagens se dissipariam.

Estimativas realizadas em 1997 pela Universidade de Illinois indicam que o custo de produção no Meio-Oeste dos Estados Unidos estão ao redor de US\$ 180/t, um valor cerca de US\$ 20 a 30 superior ao custo médio no Brasil.

A perda de competitividade relativa seria perdida no transporte por conta do custo de frete, operações portuárias , infra-estrutura de armazéns e condições das rodovias.

A TABELA 26 apresenta uma comparação da receita líquida recebida pelo segmento agrícola a partir das cotações no porto, evidenciando a desvantagem do Brasil em relação aos seus principais competidores, os Estados Unidos e a Argentina.

TABELA 26 COMPARAÇÃO DA RECEITA LÍQUIDA NA EXPORTAÇÃO DE SOJA EM GRÃO EM 1997: Brasil, Estados Unidos e Argentina.

	Brasil	Estados Unidos	Argentina
Cotação "F.O.B" porto	300,00	300,00	300,00
Frete médio até porto	35,00	15,00	17,00
Despesas portuárias	9,00	3,00	3,00
Impostos	-	-	11,00
Receita líquida	256,00	282,00	269,00

Fonte: Estimativas da ABIOVE.

A Argentina apresenta custos de produção mais baixos que o Brasil em virtude de suas condições edafo-climáticas, aumentando a sua participação no mercado mundial . Suas limitações são em volume de terras disponíveis para crescer seus plantios.

Dentre os fatores que atentam para o aumento do custo no Brasil cita-se: custo dos fretes, carga tributária possivelmente excessiva, os encargos trabalhistas e impostos vinculados ao faturamento das empresas, penalizando excessivamente as esmagadoras, uma vez que as margens no processo são baixas conforme ABIOVE, 1997 e CASTRO, 1996.

Não se pode afirmar que o Brasil não seja competitivo em termos de produção, refino e exportação dos elementos do complexo soja, conforme se provou nestes três capítulos, muito pelo contrário, a julgar pelas restrições comerciais que lhe são impostas, ele poderia ter um papel mais destacado no cenário mundial.

O Brasil tem mantido seu posto, aumentado sua participação nos mercado internacional e continua a fornecer produto dentro dos requisitos solicitados pelo mercado mundial, comprovando sua competitividade

2 A Comparação da Competitividade

Inicialmente propõe-se que as características descritas no capítulo cinco e explicitadas neste capítulo como fatores de competitividade regional, sejam comparados para que se tenha uma visão mais clara das duas regiões, com os mesmos parâmetros.

Serão atribuídas as seguintes escala de valores para cada fator de competitividade, que correspondem à disponibilidade ou custo do fator :

LEGENDA





Ruim/muito escasso/caro	
Moderado	
Bom	
Muito bom/disponível /barato	

FIGURA 7 QUADRO COMPARATIVO DA COMPETITIVIDADE REGIONAL

Região	Balsas-Ma	Barreiras-Ba
Fatores de competitividade		
1) LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA		
2) ESTOQUE DE TERRAS		
3) PREÇO DA TERRA		
4) DISPONIBILIDADE E CUSTO DA FORÇA DE TRABALHO		
5) CAPITAL		
6) CRÉDITO		
7) CONHECIMENTO		
8) COMPRADORES		
9) INDUSTRIALIZADORES		
10) INFRA-ESTRUTURA		
11) SAÚDE PÚBLICA, EDUCAÇÃO		
12) POLÍTICAS PÚBLICAS		
13) DEMANDA DOMÉSTICA		
14) DEMANDA INTERNACIONAL		
15) STANDARD		
16) CAPACIDADE DE SOBREVIVÊNCIA		
17) EVOLUÇÃO NO MERCADO		
18) CUSTOS DE PRODUÇÃO		

Fonte: Elaboração do Autor, Baseado em Van Gaasbeek et al, 1993

Este quadro resumo exprime os pontos de competitividade considerados chave, nesta tese, apresentando-os reunidos de forma inédita até hoje.

Estes resultados obtidos para cada uma das regiões foi realizada através de pesquisa de campo exploratória realizada em ambas as regiões através do apoio do Questionário Base (ver Anexos) .

Nas duas regiões foram entrevistadas as pessoas citadas Quadro de entrevistados (ver Anexos) .

Os dados da pesquisa de campo mostram que ambas as regiões tem boas vantagens relativas à sua localização geográfica. Aliás, essa característica é muito semelhante visto que ambas estão localizadas numa mesma formação geográfica denominada Serra Geral.

O mesmo pode ser dito quanto à disponibilidade de terras ainda por serem ocupadas, pois ambas possuem amplas áreas desocupadas.

Os preços das terras em Balsas ainda são mais baratos que os preços das terras em Barreiras, segundo dados da pesquisa de campo, em grande parte por conta de sua acessibilidade e quantidade de estradas e rodovias asfaltadas, que Barreiras são em número muito maior que em Balsas.

A força de trabalho mais qualificada e abundante e a preços mais razoáveis para assalariamento nas propriedades, como capatazes, motoristas, tratoristas, técnicos de nível médio também leva vantagem em Barreiras segundo demonstra a pesquisa de campo.

Os motivos apresentados pelos entrevistados foram que em Barreiras, e na Bahia de modo geral, a concorrência e oferta deste tipo de trabalhadores é maior do que em Balsas e no Maranhão, de modo geral.

Este fato é decorrência também da estrutura agrária de cada estado. O Maranhão tem uma estrutura menos concentrada que a Bahia, com um

grande número de pequenos produtores que ainda estão ligados e trabalhando em suas propriedades, enquanto que na Bahia, com módulos maiores, e estrutura mais concentrada, favoreceu o aparecimento de um número maior de trabalhadores especializados e disponíveis para trabalhar assalariadamente nas fazendas.

Tanto o capital disponível na praça ou atraído de fora para investimentos quanto o crédito destinado às atividades agropecuárias, estão num nível melhor em Barreiras, considerado Bom, do que em Balsas, considerado apenas moderado. Esta avaliação foi feita principalmente pelos escritórios de assistência técnica, responsáveis pelos projetos técnicos que dão suporte aos financiamentos e pelos técnicos e funcionários das agências locais do Banco do Nordeste.

O item de conhecimento técnico, também apresentou um padrão melhor em Barreiras quando comparado a Balsas. Este item foi principalmente avaliado questionando-se os escritórios regionais da Assistência Técnica Governamental.

Os compradores, multinacionais e *traders* praticamente são os mesmos em ambas as regiões. Já os industrializadores da soja estão presentes apenas em Barreiras, conferindo a esta região uma vantagem muito expressiva.

A saúde pública e educação são fatores fundamentais na atratividade de pioneiros para estas regiões, principalmente entre aqueles que tem um certo capital para investir na produção. Neste sentido a atratividade por Barreiras, embora tenha sido categorizada apenas como moderada, é melhor que a de Balsas, considerada ruim.

Esta sensibilidade foi demonstrada principalmente pelos migrantes mais qualificados profissionalmente, com um nível médio de renda e instrução como contadores, técnicos de ciências agrárias, bancários, e outros.

As políticas públicas são praticamente as mesmas nas duas regiões, que contam com o PRODECER II e III em Barreiras e Balsas, respectivamente. Ocorre que, aparentemente, as políticas públicas, apesar de semelhantes, foram melhor orientadas em Balsas, tanto no volume quanto na atração de agricultores através de projetos específicos (Projeto de Colonização Batavo Nordeste no Rio Tem Medo por exemplo).

Isto é uma decorrência da curva de aprendizado obtida na implementação do PRODECER II em Barreiras, dando, neste item, a vantagem para Balsas.

Com relação às demandas domésticas e internacionais as duas regiões são diametralmente opostas. Enquanto Barreiras atende principalmente o mercado doméstico do Nordeste com óleo e farelo processados lá mesmo, Balsas atende principalmente o mercado internacional, fornecendo soja grão para exportação.

Ainda com relação ao **standard internacional** de qualidade com habilidade para exportar dentro do tempo, local e forma desejado pelos consumidores e **capacidade de sobrevivência e crescimento em mercados concorrentes ou novos**, ambas as regiões foram categorizadas como muito boas, em vista de seu desempenho recente na atividade sojícola.

Estreitamente ligadas as questões referentes à evolução no mercado e custos de produção penderam mais para a região de Barreiras do que para Balsas. Os custos de fretes ainda são fatores preponderantes, bem como a organização dos sistema de oferta e distribuição de insumos como fertilizantes, calcário, defensivos, sementes etc.





Estes dados percentuais são apresentados com a finalidade de ordenar os dados obtidos nas pesquisas de campo. Apesar da pesquisa ter

tido um cunho qualitativo preocupando-se com a qualificação dos entrevistados, escolhidos em função de suas atividades e do grau de interveniência nos negócios da região, ao invés de realizar uma amostragem estatística.

3 Resultados

Os resultados obtidos para as duas regiões estão resumidos no quadro abaixo expressos na porcentagem dos itens pesquisados entre pessoas importantes da região entrevistadas nas visitas de campo:

FIGURA 8 QUADRO DE RESULTADOS OBTIDOS DA COMPARAÇÃO

LEGENDA		BALSAS-MA	BARREIRAS-BA
Ruim/muito escasso/caro		5 (28%)	1 (5%)
Moderado		2 (11%)	3 (17%)
Bom		3 (17%)	5 (28%)
Muito bom/disponível /barato		8 (44%)	9 (50%)

Esta FIGURA 8 indica que **Barreiras** leva uma vantagem competitiva regional em relação a **Balsas**, de acordo com o método proposto nesta tese, expressa pela quantidade de itens considerados **Muito bom** e **Bom** e **Moderado** da ordem de **78 %** contra **61 %** em Balsas. Estes dois itens foram agrupados por estarem muito próximos na distinção de um e de outro.

No itens **Moderado** e **Ruim** a vantagem de **Barreiras** é clara posicionando-se apenas com **22 %** enquanto que **Balsas** apresenta **39 %**.

No item **Ruim analisado sozinho Balsas apresentou um porcentual de 28 % em relação a Barreiras que apresentou apenas 5 %** .

Demonstra-se assim que cada região, a depender da disponibilidade ou escassez de itens que são considerados importantes por seus habitantes, pode apresentar uma competitividade maior ou menor em relação a uma outra região.

A título de conclusão

Esta tese pretendeu provar, ao longo do seu desenvolvimento, que as novas regiões de fronteira agrícola no Brasil, tiveram na soja o seu vetor de formação sócio-espacial. Esta particularidade está intimamente ligada ao período técnico-científico e informacional pelo qual passa o Brasil e o mundo, especialmente após o início da década de 90, corroborando integralmente a teoria proposta por SANTOS (1994 a e b;1996 e 1997) e ainda SOUZA(1996).

A ligação entre a competitividade internacional dessas regiões e a competitividade entre elas, mensurada de forma inédita nesta tese, é dada pelo processo de globalização , ao qual elas foram direcionadas.

A formação territorial dessas regiões, desobedecendo padrões anteriores verificados em muitos processos de ocupação de fronteiras agrícolas teve, como motor, a tecnologia informacional, característica deste último quartil do milênio o vetor da cultura da soja, aliada às migrações internas apoiadas por políticas públicas de incentivo aos investimentos para ocupação territorial e sua exploração denominada de PRODECER-Programa para o Desenvolvimento dos Cerrados Brasileiros.

É claro que muitas outras questões não suscitadas nesta Tese poderiam ser levantadas e melhor estudadas. Como não foram objeto deste estudo sugere-se que importantes temas relacionados ao fio condutor deste trabalho sejam, posteriormente, estudados e trabalhados por outros pesquisadores. Dentre eles cita-se:

Concentração econômica

Como foi visto ao longo do texto desta Tese os segmentos de processamento e aquisição da soja nas duas regiões estudadas estão sofrendo um processo de concentração econômica, que pode pressionar os produtores, no longo prazo, a terem suas rendas diminuídas pela ausência total ou grande restrição da sua competitividade.

Mudanças na ocupação espacial

Com o passar do tempo, seguramente essas duas regiões terão reconfigurações nas suas ocupações espaciais, traduzidas pela intensificação ou, de outro lado, pela desaceleração de outras atividades determinadas pelo aumento de produtividade resultando numa menor ocupação territorial para a produção agrícola e numa maior ocupação para o armazenamento e o processamento da soja e seus derivados, bem como o espaço que deverá ser ocupado pelos terminais multimodais de transporte.

Impactos da globalização

É sabido que a globalização, longe de beneficiar todos aqueles que dela participam direta ou indiretamente é excludente e, muitas vezes, perversa. Seria interessante um trabalho que pudesse percorrer os diversos aspectos da inserção das regiões estudadas no processo de globalização tentando-se mensurar o nível de renda dos trabalhadores, distribuídos em diferentes faixas de rendimento, ao longo dos últimos anos e traduzindo-se em seu nível de vida. (moradia, educação, ascensão social, nível de

consumo de bens de consumo e bens duráveis, aquisição de terra, animais e outros).

Para tanto sugere-se que pesquisas mais aprofundadas neste tema sejam realizadas, aproveitando-se tanto os trabalhos seminais de LAZZARINI e NUNES(1998) , FERNANDES (1998) , COSTA(1996) e VITULE(1996) que podem servir de base e importante referencial de pesquisa para aprofundamento e diversificação do tema.

A Globalização chegou aos mais recônditos rincões da produção agropecuária brasileira goste-se deste fato ou não. Cabe aos cientistas sociais agora a tarefa de estudá-la classificando-a, categorizando-a e expondo à comunidade suas causas, conseqüências e impactos sócio-econômicos.

(S.R.G. 1999)

Bibliografia

- ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão**. Editora Hucitec-Anpocs, São Paulo, 1992.
- ABREU, M.P. , LOYO, E.H.M.M. **Globalização e regionalização: Tendências da Economia Mundial e seu Impacto sobre os interesses Agrícolas Brasileiros**. Relatório final. Estudos de Política Agrícola nº 5- IPEA, Brasília, Janeiro 1994.
- ADDA, J., **A Mundialização da Economia. 1. Gênese**. Terramar Editores. Lisboa,1997.
- ALBUQUERQUE, M.C. & NICOL, R. **Economia Agrícola**. MacGraw-Hill. São Paulo,1987.
- ANDRADE, M.C. **Espaço, Polarização e Desenvolvimento-Uma introdução à Economia Regional**. Editora Atlas, São Paulo, 1987.
- ARAÚJO FILHO, J. ; FRANÇA, F.M.C. Subsídios a uma política de financiamento rural para os cerrados nordestinos. **Revista Econômica do Nordeste**, v 23 nº 172, p 69-18,1992.
- ARAÚJO, N.B. ;WEDEKIN, I. E PINAZZA, L.A. **Complexo Agroindustrial- O Agribusiness Brasileiro**. Editora Suma Econômica, Rio de Janeiro , Pag. IX a 102, 1990.

AZEVEDO, P.F. de. A Nova Economia Institucional, Caps. 1 , 2 e 3 in FARINA, E.M.M.Q., Azevedo, P.F. , Saes, M.S.M. **Competitividade: Mercado, Estado e Organizações**. Editora Singular, São Paulo, 1997, 284p.

AZEVEDO, P.F. de. Comercialização de produtos agroindustriais. In: **Gestão Agroindustrial**. p.50-82. Editora Atlas, São Paulo, 1997.

AZEVEDO, P.F. , GIORDANO,S.R. ; BORRÁS, M.A., **Competitividade no Agribusiness Brasileiro Volume II-Sistema Agroindustrial do Trigo**-PENSA-IPEA, São Paulo,1998, 99p.

BAUDRILLARD, J. **A Sociedade de Consumo**. Editora Elfos, Lisboa, 1995.

BECKER, B.K. & EGLER, C. **Brasil: Nova Potencia Regional na Economia-Mundo**. Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro,1993.

BENKO, G & LIPIETZ, A. (orgs) **As Regiões Ganhadoras. Distritos e Redes. Os Novos Paradigmas de Geografia Económica**. Celta Editora, Oeiras (Port), 1994.

BENKO, G. , **Economia, Espaço e Globalização na Aurora do Século XXI**, Editora Hucitec, 1996, São Paulo.

BENKO, G. **Economia, Espaço e Globalização, na Aurora do Século XXI** Editora Hucitec, São Paulo, 1996.

BEST, M.H. **The New Competition. Institutions of Industrial Restructuring.** Harvard University Press, Cambridge,1990.

BOSERUP, E. **Evolução Agrária e Pressão Demográfica.** Editora Hucitec, São Paulo,1987.

BRAUDEL, F. **La Dinámica del Capitalismo,** Alianza Editorial, Madrid,1985.(a)

BRAUDEL, F. **Civilization and Capitalism 15th-18th Century, Vol I. The Structures of Everyday Life,** University of California Press, Berkeley L.A., 1992.(b)

BRAUDEL, F. **Civilization and Capitalism 15th-18th Century, Vol II The Wheels of Commerce,** University of California Press, Berkeley L.A., 1992.(c)

BRAUDEL, F. **Civilization and Capitalism 15th-18th Century, Vol. III The Perspective of The World,** University of California Press, Berkeley L.A., 1992.(d)

BRUM, A. J. **Modernização da Agricultura. Trigo e Soja.** Editôra Vozes 1988, 200 p.

BRUM, A. J. **O Brasil na História da Economia Mundial da Soja** - Departamento de Economia e Contabilidade, Universidade de Ijuí. Textos para discussão no. 2. Ijuí, Unijuí, 1992, 200 p.

BUARQUE DE HOLANDA, A. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1975.

CARVALHO Fo. J. J. ; SCHOR, S. M. Floresta tropical, Desenvolvimento Econômico e Equilíbrio Sócio-Ambiental: O caso da ocupação do Noroeste da Amazônia Brasileira. **REVISTA ARCHÊ**, Ano III, n 9, 1994, p 29 - 44.

CASTILLO, R. A. **Sistemas Orbitais e Uso do Território. Integração eletrônica e conhecimento digital do território brasileiro**. São Paulo, 1999. 307p. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

CASTRO, A. B. de **Sete Ensaios Sobre a Economia Brasileira**, Vol I . 3ª Ed. Forense-Universitária, Rio de Janeiro, 1977.

CASTRO, A. C. **Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira: O Caso da Indústria de Óleos Vegetais**. Editora Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1996.

CASTRO, E. T. P.; ROCHELLE, T. C. P.; MARQUES, P. V. **Relações Contratuais no Complexo Soja.** *Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural*, Curitiba, 1995.

CASTRO, I. E. Visibilidade da Região e do Regionalismo. In: **Integração, Região e Regionalismo**, Lavinias, L.; Carleial, L.M.F. ; Nabuco, M.R. (orgs). Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1994, p155-169.

CASTRO, I. E.; GOMES, P.C.C & CORREA, R.L.(orgs) **Geografia: Conceitos e Temas**, Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1995, 353p.

CHADDAD, F. R. Denominações de origem controlada: Um projeto de pesquisa. **Cadernos de Pesquisa em Administração**, São Paulo, v.1., n.1 , p.56-62, 2º semestre/1995.

CHESNEAUX, J. **Modernidade Mundo**, Editora Vozes, Petrópolis, 1995, 226p.

COELHO NETTO, A. Cap. 3 in Guerra, A. J.T.; Cunha, S.B da, **Geomorfologia**. Ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1998, 346 p

COSTA, W.M. **Geografia Política e Geopolítica**. Edusp-Hucitec, São Paulo, 1992.

COSTA, R. H. **Gaúchos no Nordeste. Modernidade, Des-territorialização e Identidade**, 1996, 195p. Tese de Doutorado apresentada ao

Departamento de Geografia da Faculdade de Economia Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

CUNHA, A.S.(Coord.). **Uma avaliação da sustentabilidade da agricultura nos cerrados**. Brasília: IPEA, 1994.

CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa** Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro,1982, 839p.

DAVIS, J.H. E GOLDBERG, R. **A Concept of Agribusiness**. Harvard University Research Program Series. Harvard University Press, 1957, 60p.

DICKEN, P. **Global Shift**, Paul Chapman Publ. , 1992, p1. in ORTIZ, R. **Mundialização e Cultura**. Editora Brasiliense, São Paulo,1994.

DOLLFUS, O. Geopolítica do Sistema-Mundo. In:. Santos,M. ; Souza, M. A.A., Scarlato, F.C. ; Arroyo, M. - (Orgs) **Fim de Século e Globalização** -Editôra HUCITEC-ANPUR, São Paulo, 1993, p 23-45.

EHLERS, E. M. **O que se Entende por Agricultura Sustentável?** São Paulo, 1994. 161p. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da Universidade de São Paulo.

ENRIQUEZ-CABOT, J. ; GOLDBERG,R. **Technology Crises and the Future of Agribusiness: BSE in Europe**. Case Study, Harvard Business School, Boston,1996, 41p.

FARINA, E.M.M.Q. ; ZYLBERSZTAJN, D. **Competitividade e Organização das Cadeias Agroindustriais**. IICA-Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura, Costa Rica, 1994. 63 p (Relatório de Pesquisa).

FARINA, E.M.M.Q. Desregulamentação e o Controle do Abuso do Poder Econômico: Teoria e Prática” in **Revista de Economia Política**, vol.14,nº3 (55), julho-setembro/1994, pp 78-93.

FARINA, E.M.M.Q. **Reflexões Sobre Desregulamentação e Sistemas Agroindustriais: A Experiência Brasileira**. São Paulo,1996.156 p. Tese de Livre Docência apresentada ao Departamento de Economia da Faculdade de Economia Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

FARINA, E.M.M.Q., Azevedo, P.F. , Saes, M.S.M.. **Competitividade: Mercado, Estado e Organizações**. Editora Singular, São Paulo, 1997, 284p.

FARINA, E. M. M. Q. ; ZYLBERSZTAJN, D. **Competitividade no Agribusiness Brasileiro**. IPEA-PENSA, Relatório de Pesquisa, Volume I, São Paulo, 1998, 69p.

FAVERET FILHO, P.; SIQUEIRA, S. H. G.; de PAULA, S. R. L. **Agropecuária e Agroindústria**. In: *BNDES Setorial: Edição Especial*. BNDES, Rio de Janeiro, 1997.

FEATHERSTONE, M. (org) **Cultura Global-Nacionalismo, Globalização e Modernidade**. Editora Vozes, Petrópolis, 1994.

FERNANDES, I.C. **O Sistema Agroindustrial da Soja no Cerrado Baiano: Competitividade do Segmento de Processamento na Região de Barreiras (BA)**. Monografia apresentada ao II Curso de especialização em Agribusiness, Universidade Federal da Paraíba, Campus de Campina Grande, para a obtenção do Diploma de Especialista em Agribusiness. Junho de 1998.

FONSECA, E. G. da **Quem tem medo do neo-liberalismo?** Informações Econômicas, FINE-Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas nº 167, Agosto de 1994.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. 23^a edição. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1989.

GIDDENS, A. **As Conseqüências da Modernização**. 2^a Edição, Editora UNESP, São Paulo, 1991.

GIDDENS, A. **Para Além da Esquerda e da Direita. O Futuro da Política Radical**. Editora UNESP, São Paulo, 1995.

GIORDANO, S.R. **Conceitos de Mercado no Processo de Globalização** Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas-USP Departamento de Geografia-Mimeo. 1994.

GIORDANO, S.R. **Perdigão: Tecnologia e Reformulação dos Negócios.**

Estudo de caso apresentado no V Seminário Internacional de Agribusiness, em Águas de São Pedro -SP de 17 a 20 de Setembro de 1995.

GIORDANO, S.R. **Projeto Frutos do Cerrado: O Agribusiness do Pequeno Produtor.** Estudo Temático 003 da Série PENSA. Junho de 1997.

GIORDANO, S.R. **Região e Competividade: Dimensões da Globalização** FFLCH-Departamento de Geografia-USP-Mimeo-1996.

GOLDBERG, R. A. **Agribusiness Coordination. A systems approach to the wheat, soybean and florida orange economies.** Harvard University, Boston, 1968, 230p.

GOMES, P.C. C. O Conceito de Região e sua Discussão pp49-76. In: **Geografia: Conceitos e Temas.** Castro, I.E.; Gomes, P.C.C.; Correia, R.L. (orgs).-Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1995, 353p.

GOMES, P.C. C.. **Geografia e Modernidade,** Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1996.

GRAZIANO DA SILVA, J **Progresso Técnico e Relações de Trabalho na Agricultura**-Hucitec-São Paulo-1981.

GRAZIANO DA SILVA, J. **A Modernização Dolorosa. Estrutura Agrária, Fronteira Agrícola e Trabalhadores Rurais no Brasil.** Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1982.

GRAZIANO DA SILVA, J. **Complexos Agroindustriais e Outros Complexos.** Reforma Agrária.Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária. ABRA.Vol 21,Set-Dez.1991. pp 5-34.

HEILBRONER, R. **O Capitalismo do Século XXI.** Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1994.

HENNINGSON, JR., B.E. (1987) "The Wealth of nations and the Poverty of Producers; The Conflict Between Free Trade and The New Deal Farm Program", **Agricultural History**, v. 61, nº 1,winter, 74-93.

HISTÓRIA EM REVISTA, A Era dos Reis Divinos, Time-Life Livros, Rio de Janeiro,1990.

HOLANDA, A.B. DE **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro,1975.

HUNT, S.D. & MORGAN, R.M. The Comparative Advantage Theory of Competition. **Journal of Marketing**. . v. 59, p1-15,abril.1995.

IANNI, O. **A Sociedade Global.** Editora Civilização Brasileira, S.P., pp 83-84. 1993 .

IANNI, O. **Teorias da Globalização**. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1995.

IANNI, O. **Teorias da Globalização**. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1995.

JANK, M. S. **Competitividade do Agribusiness Brasileiro: Discussão Teórica e Evidências no Sistema Carnes**. São Paulo, 1996.195p. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Administração da Faculdade de Economia Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

JANK, M. S. **O Contexto do Mercosul; Harmonização de Políticas e Competitividade Agroindustrial**. Apresentado no Fórum: Competitividade do Agribusiness: Fatores de Inibição e Nova Política Agroindustrial. IPEA, outubro de 1994.

KANTER, R.M. Thriving Locally in the Global Economy. **Harvard Business Review** pp. 151-160, setembro/outubro, 1995.

KIELSON, D.C. A New Paradigm for Competition. **The Futurist** . v.29, n.3 p.64 , nov/dez,1994.

KURZ, R. **O Colapso da Modernização. Da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial**. 3^a Edição, Editora Paz e Terra, São Paulo,1993.

LATOUCHE, S. **A Ocidentalização do Mundo**. Editora Vozes, Petrópolis, 1994.

LAUSCHNER, R. **Agribusiness, Cooperativa e Produtor Rural** , Editora da Universidade do Vale dos Sinos, RS,1993.

LAZZARINI, S. G. ;NUNES, R. **Competitividade do Sistema Agroindustrial da Soja**. Relatório Técnico PENSA - IPEA, 225p, 1998.

LEFEBVRE, H. **De lo Rural a lo Urbano**. Ediciones Península. Barcelona, 1978.

LEFEBVRE, H. **The Production of Space**, Blackwell, Oxford and Cambridge,1991.

LIMITS TO COMPETITION, The Group of Lisbon Report. Gulbenkian Foundation, Lisbon,1993.

LIPIETZ, A. **O Capital e Seu Espaço**. Editora Nobel, São Paulo, 1987.

LIPIETZ, A. **Towards a New Economic Order, Postfordism, Ecology and Democracy**, Oxford University Press, New York,1992.

LYOTARD, JF. **A Condição Pós-Moderna**. Gradiva. Lisboa,1989.

MARX, K. **O Capital** , Livro Primeiro , O Capital em Geral , Editora Abril Série Os Economistas, São Paulo,1982.

MATTELART, A. **Comunicação Mundo**, Editora Vozes, Petrópolis, 1994.
320 p.

MONBEIG, P. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo**. Editora Hucitec-Polis, São Paulo, 1984.

MORAES, A.C.R. **Geografia: Pequena História Crítica**. Hucitec, São Paulo, 1994.

MORAN, W. The wine Appellation as Territory in France and California.
Annals of the Association of American Geographers, v.83, no. 4,
p.694-717, Dezembro, 1993.

MÜLLER, G. **Complexo Agroindustrial e Modernização Agrária**. Editora Hucitec, São Paulo, 1989. 149 p.

MÜLLER, G. Competitividade e Negociações no Complexo Agroindustrial Brasileiro. **Rascunho**, no. 20 UNESP-IGCE Rio Claro, 1992, 43p .

MÜLLER, G. **The Kaleidoscope of Competitiveness**. Cepal Review-United Nations n. 56, August 1995, p 141-152.

NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE, Vol.172 nº 2 August 1987, Africa's Stricken Sahel , pp 140-179.

NEVES, M. F.; LAZZARINI, S.G.; MACHADO FILHO, C.A.P. **Agribusiness brasileiro: cenários e perspectivas**. São Paulo: USP, 1997. 21 p. (Texto para Discussão).

NEVES, M.F. , GIORDANO, S.R. , SPERS, E.E. , ZYLBERSZTAJN, D. **Agribusiness in Brazil**. Artigo apresentado no VII Congresso Mundial de Agribusiness em Jakarta, Indonésia, de 23 a 26 de Junho de 1997.

ODUM, E. **Ecologia**. Editora Guanabara, Rio de Janeiro, 1983, 434p.

OLIVEIRA, A.U. A mundialização do capitalismo e a geopolítica mundial no fim do século XX. p240-287 In: **Geografia do Brasil**, Ross, J.L. (org), EDUSP, FDE, São paulo, 1996, 546p.

OLIVEIRA, A. U. **A Geografia das Lutas no Campo**. 5^a Ed. Editora Contexto, São Paulo, 1993, 101p.

OLIVEIRA, A.U. **A agricultura camponesa no Brasil** , Editora Contexto, São Paulo, 1991 164.

ORTIZ, R. **Mundialização e Cultura**. Editora Brasiliense, São Paulo, 1994.

POLANYI, K. **La grande transformation: aux origines politiques e economique de notre temps**. Ed. Paris, Gallimard, 1983.

PORTER, M. **A Vantagem Competitiva das Nações**, Editora Campus, Rio de Janeiro, 1993, 897p.

- PAVAN, R. C. **Segurança Alimentar e Agribusiness**. Estudo Temático apresentado no II Seminário Internacional PENSA de Agribusiness, Mimeo. Atibaia,1993.
- PRADO, JR. C. **História Econômica do Brasil**. 34ª edição Editora Brasiliense , São Paulo, 1986.
- RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**, Editora Ática, São Paulo, 1993.
- RANGEL, I. **A Inflação Brasileira**, Editora Brasiliense, São Paulo, 1979 .(Edição original,1963).
- RANGEL, I. **Do Ponto de Vista Nacional**, Editora Biental-BNDES, São Paulo, 1992.
- RIBEIRO, L.C.Q. & SANTOS JR., O.A. (orgs) **Globalização, Fragmentação e Reforma Urbana.O Futuro das Cidades Brasileiras na Crise**. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro,1994.
- RICARDO, D. **Princípios de Economia Política e Tributação**. Editora Abril, São Paulo, 1989, 284p.
- ROBERTSON, R. **Social Theory and Global Culture**. Ed. Sage, London, 1996.

- ROCHA, C.M.C. da. **A região dos cerrados e as pesquisas desenvolvidas pela Embrapa Cerrados**. In: I Simpósio sobre os Cerrados do Meio-Norte. Teresina: EMBRAPA, 1997. Anais p. 57-80. Teresina, 1997.
- ROESSING, A. C. & SANTOS, A. B. Avaliação do componente tecnológico da safra de soja 1996/97. EMBRAPA-CNPSO, Londrina, 1998 (mimeo).
- ROESSING, A. C. & SANTOS, A. B. Descrição sucinta da cadeia produtiva da soja na Região Sul do Brasil. EMBRAPA-CNPSO, Londrina, 1997 (mimeo).
- SAMUELSON, P ;NORDHAUS, W.D. **Economia** MacGrawHill, São Paulo 12a. edição,1988,1168p.
- SANDRONI, P. **Dicionário de Economia**, Abril Cultural, São Paulo,1985, 459p.
- SANTOS, M. **Espaço e Sociedade**, Editora Vozes, Petrópolis, 1979,152p.
- SANTOS, M. **Espaço e Método**, Editora Nobel, São Paulo, 1985, 88p.
- SANTOS, M. **O Espaço do Cidadão**, Editora Nobel, São Paulo,1987.
- SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**, Hucitec, São Paulo,1990.
- SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**, Hucitec, São Paulo, 1991.

SANTOS, M. A aceleração contemporânea: Tempo Mundo e Espaço Mundo.
In: Santos, M. ; Souza, M. A.A., Scarlato, F.C. ; Arroyo, M. (Orgs) **Fim de Século e Globalização** . Editora HUCITEC-ANPUR, São Paulo, 1993, p15-22.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio-Técnico Científico e Informacional**, Hucitec, São Paulo, 1994 a, 190p.

SANTOS, M. **Razão Global, Razão Local. Os espaços da Racionalidade.**
Não publicado. Palestra proferida no Festival Internacional de La Geographie, St. Dié des Vosges, Outubro, 1994 b, 9p.

SANTOS, M. **O Retorno do Território.** In: Santos, M. ; Souza, M. A.A., Scarlato, F. C. ; Arroyo, M.- (Orgs) **TERRITÓRIO Globalização e Fragmentação** Editora Hucitec-Anpur, São Paulo, 1994 c, p 15-20.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo, Razão e Emoção.**
Editora Hucitec, São Paulo, 1996, 308p.

SHULTZ, G. [et al] **A Economia Mundial em Transformação**, Editora da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1994.

SIZE, P. **Dicionário da Globalização. A Economia de A a Z.** Obra Jurídica Editora e IBERT-Instituto Brasileiro de Estudos das Relações de Trabalho, Florianópolis, 1997.

- SMITH, N. **Desenvolvimento Desigual**, Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1988, 250p.
- SOJA, E. **Geografias Pós-Modernas : A Reafirmação do Espaço na Teoria Social Crítica**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993, 324p.
- SOLA, L (org) **Estado, Mercado e Democracia** , Editora Paz e Terra, São Paulo, 1993.
- SOUZA, M. A. A. Max Sorre: Um Filósofo Geógrafo. O sentimento da unidade da geografia do homem. **GEOSUL** ,v.12, p.138-144, 1º semestre 1997.
- SOUZA, M. A. A. **Geografia do Mundo e a Globalização**. Carta Internacional. Núcleo de Política Internacional da USP. Vol 41, p (6) edição de junho de 1996.
- SOUZA, M. A. A. **Perspectiva da geografia sobre Migrações Internacionais Relendo (sempre) Milton Santos**. Texto elaborado para o seminário Contexto Geral das Migrações Internacionais. NESUR-IE e NEP Unicamp, 1995.
- SOUZA, M. A. A. **Notas de Aula do Curso : Região, Teoria e Prática**, Curso de Pós-Graduação em Geografia Humana, 2º semestre de 1995, na FFLCH-Universidade de São Paulo.

- SOUZA, M. A. A. **Geografias da Desigualdade: Globalização e Fragmentação** in Território Globalização e Fragmentação, Milton Santos, Maria Adélia A. de Souza e Maria Laura Silveira, organizadores, Editora Hucitec-Anpur, São Paulo, 1994.
- SOUZA, M. A. A. **Explosão do território: Falência da Região?** Mimeo, não publicado, Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental, Departamento de Geografia, FFLCH, USP, 1991, 21p.
- SOUZA, M. A. A. **Regionalização: Tema Geográfico e Político - O Caso Paulista**, Boletim Paulista de Geografia, Edição de Março de 1976, 50p.
- STORPER, M. Territorialização numa Economia Global. Possibilidades de Desenvolvimento Tecnológico, Comercial e regional em Economias Subdesenvolvidas. In: **Integração, Região e Regionalismo**, Lavinias, L.; Carleial, L.M.F.; Nabuco, M.R. (orgs). Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1994, p13-26.
- STRANGE, S. **States and Markets**, Printer Publishers, London, 1988, 251p.
- SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE (SUDENE), Divisão de Política Espacial, Recife, 1982. **A Área Centro-Ocidental do Nordeste**. Coord. José Alexandre Felisola Diniz, Série Estudos Regionais, nº 8, 229 p.

- TYSON,L.A. **Who's Bashing whom:trade conflict in high technology industries.** Washington D.C.:Institute for International Economics.1993.
- THE AMERICAN HERITAGE DICTIONARY**, Second College Edition,
Boston, Houghton Mifflin Company, 1982, 1567p.
- VALVERDE, O. **Estudos de Geografia Agrária Brasileira.** Vozes-
Petrópolis, 1985,350p.
- VEIGA, J. E. A Insustentável utopia do desenvolvimento. In: **Reestruturação do Espaço Urbano e Regional no Brasil**, Lavinias, L.; Carleial, L.M.F. ; Nabuco,M.R. (orgs). Editora Hucitec, São Paulo,1993,p149-169.
- VEIGA, J. E. **O desenvolvimento agrícola, Uma Visão Histórica.** Editora Hucitec-Edusp. São Paulo 1991.
- VEIGA, J.E. da **Metamorfoses da Política Agrícola dos Estados Unidos.** AnnaBlume, São Paulo,1994.
- VELHO, O.J. **Capitalismo Autoritário e Campesinato-Difel-São Paulo-1979.**
- VERHEIJEN, J. A. G. & JIMMINK, C. J. **The Oilseed Complex.** Rabobank Nederland, Amsterdam, 1995.
- VINHAS, M. **Problemas Agrário-Camponeses do Brasil**-Editora Civilização Brasileira,Rio de Janeiro, 1972.

VIRILIO, P. **O Espaço Crítico**, Editora 34, Rio de Janeiro,1993.

VITULE, M.L.L, **Agricultura e Globalização**. Campinas, 1996. 151p. Tese de Doutorado. Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

WALLERSTEIN, I. **Afterliberalism**, The New Press, New York,1995.

WALLERSTEIN, I. **El Moderno Sistema Mundial I**, La Agricultura capitalista y los Origenes de la Economia Mundo Europea en el siglo XVI , Siglo Veintiuno Editores, Mexico,1979, pp489-491.

WALLERSTEIN, I. **The Modern World-System II. Mercantilism and tyhe Cosolidation os the Zeuropean World-Economy,1600-1750**, Academic Press, San Diego, 1980,370p.

WALLERSTEIN, I. **Geopolitics and Geoculture, Essays on the Changing World-System**. Cambridge University Press, Newcastle upon Tyne,1994.

WALLERSTEIN, I. **The Modern World-System III. The Second Era of great Expansion of the Capitalist World-Economy, 1730-1840s**. Academic Press, San Diego, 1989,372p.

WALLERSTEIN, I **O Capitalismo Histórico**. Editora Brasiliense, São Paulo, 1985, 93p.

WATERS, M. **Globalization**. Routledge, London and New York, 1996, 185p.

WEDEKIN, I. **Reestruturação competitiva do agribusiness**. Agroanalysis, dez. 1994.

WILKINSON, J. **O Estado, A Agroindústria e a Pequena Produção**. Editora Hucitec Fundação CEPA-BA, 1986.

WILKINSON, J. **O futuro do Sistema Alimentar**, Hucitec, São Paulo, 1989.

WILLIAMSON, O.E. **Mercados y Jerarquias: Su Análisis y Sus Implicaciones Antitrust**. Fondo de Cultura Económica, México D.F., 1991.(b)

WILLIAMSON, O.E. **The Economic Institutions of Capitalism**, The Free Press, New York, 1985.(a).

ZINI, A.& Arantes, F. **Globalization: The Pros and Cons of an Unstoppable Process** in Globalization. What it is and its Implications. **Zini, A. (org.)**Anais do Seminário 50 anos de FEA-USP, 1996.

ZYLBERSZTAJN, D. & GIORDANO, S.R. **Agribusiness Education in Brazil** - Proceedings of the International Agribusiness Management Association International Seminar, Oxford, England, 1992.

ZYLBERSZTAJN, D. **Análise Comparativa de Sistemas Agroindustriais.**

Série Estudos Temáticos PENSA, São Paulo, 1995.

ANEXOS

ANEXO A

Questionário para levantamento de Campo efetuado em Balsas e Barreiras.

- 1) Qual a importância da localização dos Cerrados Nordestinos na Produção nacional de soja?
- 2) O Sr. acredita que estas regiões estão se desenvolvendo ou não após o plantio da soja? Comentar.
- 3) O Sr. mora em Balsas/Barreiras? Há quantos anos? Por que veio para cá?
- 4) Quais questões o Sr. elencaria como mais relevantes para tornar esta região competitiva? Comente cada item.
- 5) Como está hoje a infra-estrutura viária e de transportes
- 6) Qual a disponibilidade e custo da mão de obra local e de fora?
- 7) Qual a disponibilidade de capital próprio? E de crédito rural?
- 8) Qual a qualidade dos serviços de eletrificação urbana e rural?
- 9) Como está a Telefonia e Telecomunicações, urbana e rural
- 10) Há indústria de esmagamento? Qual a capacidade e a que grupos pertencem?
- 11) Há sistema de silos e armazéns? De quem são?
- 12) Como estão os preços das terras
- 13) Ainda há abundância de terras para exploração?
- 14) Quais empresas de comercialização operam na área?
- 15) Há pesquisa agrônômica e extensão rural? Quem faz?
- 16) Há jazidas de calcário? E outros fertilizantes? A quem pertencem?

- 17) Como é o serviço de apoio à produção: crédito rural, bolsas, mercados futuros, contratos de soja verde.
- 18) Como classificaria a qualidade da soja aqui produzida?
- 19) Como o Sr. vê a região em relação a outras de produção de soja no país?
- 20) O Sr. acha esta região competitiva? Como são os custos?
- 21) Como vê o processo de globalização da Economia?
- 22) Está havendo evolução da produção? Como vê o cenário futuro nesta região?

ANEXO B
ENTREVISTADOS NA REGIÃO DE BALSAS-MA

Entrevistados na Região de BALSAS-MA		
A J ORO Consultoria e Assistência Técnica	Aírton José Oro	Engenheiro Agrônomo
Ilha de Balsas - Integração Agropecuária	Cosme Eurico Dias Carneiro Neto	Presidente
J. Demito Irmãos Ltda. - Calcário Dolomítico	Jeremias Demito	Presidente
J. Demito Irmãos Ltda. - Calcário Dolomítico	Jonas Demito	Diretor
J. Demito Irmãos Ltda. - Calcário Dolomítico	José Carlos C. Silva	Gerente
Batavo Nordeste	Deomar Lima de Sousa	Vice-presidente
Batavo Nordeste	Erinalda Ferreira Alencar	Gerente Financeira
Centro de Trabalho Indigenista	Jaime Siqueira Jr.	Antropólogo
Centro de Trabalho Indigenista	Augusto Marcos Santiago	Engenheiro Agrônomo
EMBRAPA	Francisco Rodrigues Freire Filho	Pesquisador
EMBRAPA	Antonio Carlos Paula N. da Rocha	Pesquisador
EMATER	José Irismar Vasconcelos Cavalcanti	Presidente
PR Consultores Associados	Paulo Ramos Filho	Consultor
CAMPO-Cia de Promoção Agrícola	Marcelo Teixeira de Melo	Assessor de Diretoria
Banco do Nordeste	Raimundo Nonato Cardoso de Almeida	Gerente do Polo de Desenvolvimento Integrado Sul do Maranhão
Banco do Nordeste	José Ilo Rogério de Holanda	Gerente
Banco do Nordeste	Antônio Pereira Neto	Área de Desenvolvimento
Banco do Nordeste	Sâmia Araújo Frota	Ambiente de Políticas de Desenvolvimento
Banco do Nordeste	José Ivan Caetano Fernandes	Ambiente de Implementação de Programas
Banco do Nordeste	José Maria Marques de Carvalho	Coordenadoria de Economia Regional
BNDES	Roberto Maximo Castro	Departamento do Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional
BNDES	Odemar Correa Neto	Departamento de estudos Setoriais
Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural-CENTRU	Manoel da Conceição	Presidente
Condomínio Paulista	Paulo Rodrigues	Produtor Rural - Engenheiro Agrônomo
Associação Gaúcha de Produtores Rurais	Vários	Produtores Rurais

ANEXO C
ENTREVISTADOS NA REGIÃO DE BARREIRAS-BA

Entrevistados na Região de BARREIRAS-BA		
Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola EBDA	Ildeu Ferreira dos Santos	Gerente Regional-Engenheiro Agrônomo
PLASTECA-Projetos Planejamentos e Assistência Técnica	Landino José Dutkiewicz	Engenheiro Agrônomo
	Luiz Trento	Produtor Rural
	Zeno Massucheti	Produtor Rural
Organizações Ricardi	Luiz Ricardi	Produtor Rural
EMBRAPA	Carlos Roberto Spehar	Pesquisador
PLANTAR-Planejamento e Consultoria	Ápio Claudio Rocha Medrado Santos	Engenheiro Agrônomo
BNDES	José Eduardo Fitipaldi Dantas	Representante do Nordeste-Engenheiro
Prefeitura Municipal de Barreiras	Antonio Henrique	Prefeito
AGRONOL	Humberto Santacruz	Empresário-Produtor Rural
Secretaria da Agricultura da Bahia	Pedro Barbosa de Deus	Secretario de Estado
IBGE	José Carvalho Costa	Assistente de Área
Cooperativa Agrícola dos Cerrados do Brasil- Coaceral	Vários	Cooperados-Produtores Rurais
Cooperativa dos Produtores do oeste da Bahia- Coproeste	Cassio e Toninho	Cooperados-Produtores Rurais
Cooperativa dos Produtores de Grãos dos Gerais- Copergel	Vários	Cooperados-Produtores Rurais
Cargill	Antônio Alfredo	Comprador
Banco do Nordeste	Max Bezerra	Gerente do Ambiente de Políticas de Desenvolvimento
Banco do Nordeste	Wilson dos Santos	Superintendente da Bahia e Minas Gerais
Banco do Nordeste	Francisco Mavignier C. França	Coordenadoria de Economia Regional
Banco do Nordeste	José Nilo Meira	Área de Desenvolvimento
Banco do Nordeste	José Ivan Caetano Fernandes	Ambiente de Implementação de Programas
Banco do Nordeste	Mario Sérgio de Araújo	Gerente do Polo de Desenv. de Barreiras

ANEXO D
ÁREAS DE EXPANSÃO DA FRONTEIRA AGRÍCOLA BAHIANA



ANEXO E ÁREAS DE EXPANSÃO DA FRONTEIRA AGRÍCOLA MARANHENSE

